



Thiago Marcellus de Souza Cataldo Maria

**Freud neurologista:
sobre os ombros de gigantes**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Monah Winograd

Rio de Janeiro
Maio de 2011



Thiago Marcellus de Souza Cataldo Maria

**Freud neurologista:
sobre os ombros de gigantes**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Monah Winograd

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Flavia Sollero de Campos

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Regina Herzog de Oliveira

Teoria Psicanalítica - UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de maio de 2011.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Thiago Marcellus de Souza Cataldo Maria

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio em 2007. Trabalhou na área de Psicologia Clínica com remuneração desde o início de sua carreira profissional, exercendo a função de psicoterapeuta. Atualmente, desde 2010, trabalha também como professor auxiliar no Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Maria, Thiago Marcellus de Souza Cataldo

Freud neurologista: sobre os ombros de gigantes / Thiago Marcellus de Souza Cataldo Maria; orientadora: Monah Winograd. – 2011.

113 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Freud. 3. Brentano. 4. Hughlings Jackson. 5. Neurologia. 6. Mecanicismo. 7. Representação. 8. Intencionalidade. 9. Concomitante dependente. 10. Afasia. I. Winograd, Monah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

*Ao gigante Luiz Carlos de Melo.
Dos teus ombros enxerguei o mundo...
... literalmente.*

Agradecimentos

À dona Arlete, mãe duas vezes, pelo amor, dedicação, amizade, pela paciência e pela cumplicidade... e cá entre nós, por nunca ter reclamado das inúmeras madrugadas com tantas idas e vindas à cozinha para fazer mais café – fatalmente não tão silenciosas quanto eu gostaria que fossem.

Aos meus pais, Silvio e Fátima – impossível pensar em modelos melhores! Pelo amor, pelo investimento e pela cobrança na dose certa, sempre.

Às minhas irmãs, Thaís e Giulia, fonte eterna de motivação e orgulho.

À Monah Winograd, pelo voto de confiança e pelo carinho, que sem dúvida foram fundamentais. Mas sobretudo pela capacidade de enxergar aquilo que ainda não se fazia perceber com muita nitidez... é a essência da boa orientação. Até hoje só conheci duas pessoas realmente capazes de fazer isso.

Aos amigos Paulo Artur e Manuela Tasca, que me receberam e acolheram tão maravilhosamente bem na reta final desse trabalho e com quem tive as conversas mais pertinentes dos últimos anos.

À Ana Stingel, pela grande amizade e pela admirável capacidade de motivar sempre, sem jamais perder de vista os dados de realidade.

A todo o grupo de orientação, particularmente às minhas “contemporâneas” tão queridas e hoje amigas Nathalia Sisson e Elen Coutinho.

Resumo

Maria, Thiago Marcellus de Souza Cataldo, Winograd, Monah (Orientadora). **Freud neurologista: sobre os ombros de gigantes**. Rio de Janeiro, 2011, 113p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No presente trabalho será abordada a produção de Sigmund Freud especificamente voltada para o campo da neurologia (1883 – 1897). O enfoque tomará por base as principais contribuições para a sua originalidade, sobretudo as do filósofo neoescolástico e psicólogo Franz Brentano e do neurologista britânico John Hughlings Jackson. Observa-se ainda uma investigação com o objetivo de identificar as possíveis causas históricas para determinados impasses presentes na neurologia da época.

Palavras-chave

Freud; Brentano; Hughlings Jackson; Neurologia; Mecanicismo; Representação; Intencionalidade; Concomitante Dependente; Funcional; Afasias.

Abstract

Maria, Thiago Marcellus de Souza Cataldo, Winograd, Monah (Orientadora). **Freud neurologista: sobre os ombros de gigantes**. Rio de Janeiro, 2011, 113p. MSc Dissertartion – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In this paper we shall consider the production of Sigmund Freud specifically directed to the field of neurology (1883-1897). The focus shall be on the main contributions to its originality, especially those coming from neo-scholastic philosopher and psychologist Franz Brentano and the British neurologist John Hughlings Jackson. There is also a research aiming to identify the possible historical causes for certain impasses found in the neurology of that time.

Keywords

Freud; Brentano; Hughlings Jackson; Neurology; Mechanism; Representation; Intentionality; Dependent Concomitant; Functional; Aphasias.

Sumário

Introdução	9
1. A Jotunheim Oitocentista	14
1.1. O Relógio Mecânico – Aurora de uma Cosmovisão	14
1.2. O Método Anátomo-Clínico	27
1.2.1. O Localizacionismo	31
1.2.2. As Escolas Francesa e Alemã de Neurologia	34
2. Freud & Brentano – mais que um Flerte Filosófico	43
2.1. O Encontro com Franz Brentano	45
2.2. A Influência se ‘Materializa’ e Ganha ‘Forma’ em Freud	58
2.2.1. A Intencionalidade	58
2.2.2. A Representação-Objeto	65
3. Freud à Sombra de Freud	80
3.1. Para além do Continente – John Hughlings Jackson	86
3.2. Concomitante Dependente – do Hilemorfismo à complementaridade	98
Considerações finais	107
Referências bibliográficas	111

Introdução

Em que consiste escalar um gigante? A quem, e em função de quê, podemos fazer uma pergunta para a qual a resposta “subi nos ombros de gigantes” seja tão pertinente? Em primeiro lugar, é interessante notarmos que aquele de quem se diz ter feito bom uso do gigantismo dos seus pares tende a ser considerado, ele próprio, um gigante. É curioso, no entanto, que a expressão original “*Nanos gigantium humeris insidentes* (anões sobre os ombros de gigantes)” (Bernardo de Chartres, citado por João de Salisbury, [1159] 1955), contemplada em sua totalidade, vá diretamente contra a aferição automática por vezes conferida à estatura dos nossos bravos alpinistas. O autor aqui pretendia enfatizar a dívida de seus contemporâneos medievais para com os mestres da antiguidade clássica, mas não sem ao mesmo tempo deixar bem claro que mesmo um pequenino anão sobre os ombros de um gigante é capaz de enxergar ainda mais longe. Há, nestas palavras, a humildade típica da honestidade intelectual, um forte sentimento de gratidão voltado para os antecessores, sem rebaixamento ou desvalorização do próprio trabalho.

Escalar gigantes implica em *continuidade original*. Por vezes, a originalidade é tamanha que passa mesmo a idéia de ruptura, sobretudo se a pirâmide humana for composta pelos mais variados tipos, gigantes de terras distintas, cada um repousando seu olhar sobre uma direção específica. Esta imagem serve-nos muito bem, uma vez que a proposta dessa dissertação é justamente enfatizar a amplitude dos alicerces sobre os quais Sigmund Freud edificaria o seu corpo teórico nos estudos em neurologia. Cabe aqui ressaltar a relevância atual de tal empreitada, que ultrapassa o aspecto mais óbvio do mero interesse histórico.

No ano de 1900, Freud publicava sua *Interpretação dos Sonhos*, estabelecendo a pedra fundamental para o desenvolvimento do que viria a ser conhecido por “psicologia profunda”. Passados exatos cem anos da primeira publicação, ocorria em Londres o Primeiro Congresso Internacional de Neuropsicanálise (Kaplan-Solms & Solms, 2005). A proposta era formalizar as bases para uma neuropsicologia profunda, oficializando, assim, uma interlocução

entre psicanálise e neurociência; o flerte com ares de nostalgia já se anunciava havia algum tempo! E como é de praxe em aproximações diplomáticas, não tardou para que fosse evocada a herança mútua de ambos os campos do conhecimento: o interesse sobre as raízes neurológicas da metapsicologia freudiana ganhou renovado vigor. Não seria este o ponto de partida ideal para uma interlocução frutífera? É certo que sim, e com isto apontamos a motivação desencadeadora do trabalho que aqui apresentamos. Não veremos nas próximas páginas, portanto, uma dissertação construída com a pretensão de um puro mapeamento histórico – ainda que assim já fosse válido.

É importante afirmar, aqui, que tal motivação possibilitaria uma vasta gama de opções na abordagem do assunto. Apenas para citar algumas, poderíamos ter decidido erguer a dissertação partindo das principais publicações neurológicas de Freud, ou ainda selecionado partes do que foi tratado por ele no período em questão que, por sua vez, fossem capazes de explicitar certos vínculos entre a “sua neurologia” e a “sua psicanálise”. Um estudo de cunho biográfico seria também possível. Dentre as mais variadas possibilidades, optamos por tratar dos *gigantes de Freud*: a dissertação tomará por base a contribuição de alguns mestres em atividade no período compreendido entre 1883 e 1897, com ênfase centrada em dois deles: Franz Brentano e John Hughlings Jackson. Lembrando que o foco de nosso interesse em momento algum deixa de ser a neurologia, é digno de nota que apenas um dos membros desta dupla fosse médico. Justifiquemos, pois, a escolha pelos gigantes.

Podemos dar início à justificativa afirmando que a composição do trabalho deve-se quase inteiramente ao que foi sendo pouco a pouco revelado em sua pesquisa prévia. É certo afirmar que o aspecto original da obra freudiana não aguardou a chegada do “novo século XX” para se manifestar, e sua produção neurológica, por si só, já seria digna de atenção. Sobretudo quando considerada à luz da interlocução atual entre neurociências e psicanálise, nossa empreitada deveria, dentro das suas limitações enquanto dissertação de mestrado, procurar abarcar da melhor forma possível o elo de ligação por meio do qual o diálogo já se desenrola. Acreditamos ter alcançado tal otimização através da forma como o tema será trabalhado. Dito em outras palavras, nesse manuscrito as entrelinhas estão em pé de igualdade para com as linhas. Esta foi a melhor maneira

encontrada para explorar o tema com a máxima eficiência possível, procurando dar conta do contexto geral que se apresentava.

Enumeremos, pois, os nossos principais desafios. Em primeiro lugar, a incursão de Freud na neurologia, mesmo quando considerada isoladamente – ou seja, sem qualquer vínculo referente à aproximação atual entre neurociências e psicanálise –, já é merecedora de tratamento cuidadoso. Isto se deve não apenas à sua importância e originalidade para a época, mas também à relevância que sustenta para os dias atuais. Mais ainda: tratamos de um período da produção freudiana inegavelmente relegado ao segundo plano em função do impacto que o autor provocaria com o desenvolvimento da psicanálise. Como seria possível, portanto, tratar do assunto conferindo-lhe as honras devidas? Era necessário resguardá-lo a todo custo dos vícios e tentações mais comuns: primeiramente, não deveríamos conduzir o texto no sentido de condenar seu tema à condição de mera *pedra de Rosetta*¹ propulsora do diálogo entre a psicanálise e as neurociências. Em segundo lugar, a neurologia de Freud já é, por si mesma, rica o bastante para não ser vista como simples apêndice precursor à sua produção psicanalítica. Por fim, era desejada uma estratégia que, evitando os deslizes apontados acima, fosse ainda capaz, simultaneamente, de indicar *nas suas entrelinhas* alguns cuidados a serem considerados no curso da aproximação entre os campos do conhecimento que se faz presente. Foi do comprometimento com esta série de precauções que surgiu a idéia de discorrer sobre a neurologia de Freud tomando seus gigantes como ponto de partida e referência. Resta-nos saber *precisamente como* uma tal abordagem seria capaz de preencher tantas lacunas.

Deixemos claro, aqui, que os *gigantes de Freud* não necessariamente se limitam a John Hughlings Jackson e Franz Brentano. Talvez o honroso epíteto aplique-se mais justamente aos dois mestres que a quaisquer outros, porém é certo afirmar que a obra neurológica de Freud não deve sua consistência exclusivamente a eles. O apontamento de ambos, portanto, transcende nas suas intenções o objetivo óbvio de melhor compreender o resultado final através de um mergulho nas suas fontes de inspiração. O lugar de destaque conferido ao pai da neurologia britânica e ao filósofo fiel a Aristóteles visa, sobretudo, iluminar as

¹ Trata-se de um bloco de granodiorito encontrado pelas tropas napoleônicas durante a invasão francesa do Egito em 1799. Conserva a inscrição de um decreto sacerdotal egípcio datado de 196 A.C. em hieróglifos, demótico e grego antigo. Sua descoberta possibilitou a decifração da antiga escrita egípcia. Encontra-se atualmente em exposição no Museu Britânico.

fontes *da originalidade* dos estudos neurológicos de Freud. É com base na contribuição específica destes dois mestres, cada um em sua referente área de conhecimento, que podemos compreender com devida profundidade o aspecto inovador de uma neurologia *original em si mesma*. Eis um ponto fundamental que devemos esclarecer desde já: o *gigantismo estritamente neurológico* de Freud revela-se anterior à publicação da *Interpretação dos sonhos* em pelo menos dez anos – isto é possível afirmar com toda a certeza. Referimo-nos à *Interpretação das Afasias*, texto neurológico de 1891, e que nos serve de ponto de encontro, no percurso freudiano, para os gigantes Jackson e Brentano. Portanto, uma vez que se recorra ao auxílio da neurologia de Freud visando facilitar com isto a aproximação com sua psicanálise, não se deve jamais perder de vista que não tratamos aqui de uma “neurologia convencional” vinculada a partir de seu criador a uma “psicologia profunda excepcional”. A neurologia em questão já é, considerada isoladamente, excepcional. Eis uma afirmação possibilitada pela contemplação dos gigantes em questão, que será amplamente desenvolvida no desenrolar dos próximos capítulos.

Como dissemos, explicitar a amplitude dos alicerces sobre os quais Freud ergue sua neurologia pode ser considerado, portanto, o objetivo central dessa dissertação. Ao embasar nossa empreitada nas perspectivas possibilitadas pelos gigantes em questão, seremos confrontados pela vasta extensão de um campo de visão que ultrapassa formidavelmente os contornos dos recortes específicos ao campo da neurologia e da psicologia. Isto será tratado já nas linhas iniciais do primeiro capítulo, e o tema retornará no segundo e ao final do terceiro: referimo-nos ao que julgamos prudente denominar de *o choque das cosmovisões*. É natural que fuja à pretensão do presente manuscrito dar conta de um problema que abarca e transcende o meio no qual se encontra inserida a psicologia. Não obstante, julgamo-lo ser de fundamental relevância, uma vez que nos permite a compreensão aprofundada dos impasses que serão tratados nas páginas seguintes.

É neste sentido que apontamos a equiparação entre *linhas e entrelinhas* na “hierarquia de valores” encontrada nessa dissertação. Da motivação originada de uma articulação contemporânea entre neurociências e psicanálise, rumamos à contribuição de Freud referente ao campo da neurologia. O aprofundamento no estudo desta nos revelou – partindo das principais heranças sobre as quais ela se

construiu – questões cuja pertinência, por assim dizer, equivale na sua estatura ao tamanho daqueles que nos permitiram enxergá-la.

No primeiro capítulo teceremos uma exposição do terreno sobre o qual nosso então jovem protagonista encontrava-se: quais idéias estavam em jogo, e até que ponto podemos remontar suas origens. O segundo capítulo desenvolve-se a partir do contato com o filósofo-psicólogo Franz Brentano. Trata-se, sob certo aspecto, da passagem mais importante da dissertação: não bastasse a atenção nada satisfatória conferida a este episódio da vida de Freud, ainda há quem procure reduzir-lhe a importância. Uma argumentação no sentido contrário será exposta. Por fim, nosso terceiro capítulo abordará o contato com a obra de John Hughlings Jackson, figura central da neurologia na Inglaterra e ainda no estudo freudiano sobre os distúrbios da linguagem.

Concluimos, com isto, nossa introdução ao trabalho, ou – por que não dizer? – o aquecimento para a longa escalada. E agora, com a permissão de nossos gigantes, subamos!

A Jotunheim Oitocentista

Na mitologia nórdica, Jotunheim é o nome conferido ao país dos gigantes (Bulfinch, 1967). Este capítulo inspira-se nesta imagem, e pretende expor o contexto a partir do qual Freud ergueu-se acima de seus mestres. Julgamos, todavia, que antes de atingir a altura dos ombros de um gigante é fundamental conhecer bem o terreno sobre o qual ele caminha.

Nossa abordagem, aqui, partirá da articulação de dois pontos de vista distintos:

O primeiro – e mais amplo – trata do espírito de uma época, e procura desvendar o imaginário no qual nossa trama se desenvolve. O objetivo, com isso, não se limita à mera intenção de melhor delinear nosso campo. Também partimos da premissa – que será abordada detalhadamente no decorrer do texto – de que um dos pontos centrais da “neurologia de Freud” consiste precisamente no fato de ela não comungar integralmente com o *Zeitgeist* no qual se encontrava. Isto foi crucial para a sua originalidade, e entendemos sê-lo ainda de grande relevância para os nossos dias.

O segundo ponto de vista já pertence, mais especificamente, ao campo da neurologia propriamente dita. Nossa ideia é descrever a prática da então jovem ciência, sobretudo o que se refere aos modos de aplicação da equação anatomo-clínica, possibilitada pelo que ficou conhecido como medicina interna.

1.1

O Relógio Mecânico – Aurora de uma Cosmovisão

Enquanto o próprio mecanismo do relógio serviu à pesquisa científica tanto sob a forma de ferramenta quanto de objeto de estudo, a metáfora do relógio veio a representar a ordem, regularidade e previsibilidade que a ciência pretendia descobrir no funcionamento do universo. O que os homens tomaram por verdades fundamentais acerca da natureza do mundo simultaneamente tornou-se um poderoso modelo para a organização dos assuntos humanos. (Bousquet, 2009 pp. 37-38)²

² No original: “While the clockwork mechanism itself served scientific enquiry as both a tool and an object of study, the clockwork metaphor came to represent the order, regularity, and predictability science sought to uncover in the workings of the universe. What men took to be a

É possível que soe um tanto excêntrica ou mesmo descabida a proposta de darmos início a um trabalho sobre neurologia clássica trazendo a imagem do relógio mecânico para o centro da discussão. Excêntrica, já que os primeiros modelos de relógios mecânicos surgem na Europa Medieval, cerca de 550 anos antes do despontar da neurologia moderna, por volta das últimas décadas do século XIII. Descabida, pois quando miramos nosso foco de investigação especificamente sobre o impacto da “mãe de todas as máquinas” no imaginário de uma época (Bousquet, 2009), o século XIX realmente não nos serve como exemplo ideal do ápice histórico de um paradigma mecânico. O período caracterizado por uma referência especialmente exaustiva à analogia mecânica, tanto no discurso científico quanto filosófico, estende-se do século XVI ao XVIII³.

Que razão nos fez, então, dar início à argumentação partindo deste ponto aparentemente tão distante dos nossos interesses imediatos? A chave para a justificativa encontra-se já no subtítulo em questão: é por uma boa razão que falamos em “aurora de uma cosmovisão”.

O surgimento dos primeiros relógios mecânicos envolveu toda uma série de peculiaridades, que provocariam por fim um entrosamento profundo com o imaginário humano. Em primeiro lugar, tais relógios não se limitavam à marcação do tempo. Já os primeiros modelos se propunham a reproduzir a ordem celeste, simbolizando o movimento da lua e dos planetas, demarcando as estações do ano, prevendo eclipses.

De fato, conforme a habilidade na produção de relógios se desenvolvia, a medição do tempo tornava-se secundária perante a exibição de mecanismos elaborados que tentavam espelhar diferentes aspectos do mundo natural. Sobressaía-se dentre estes o modelo de complexos dispositivos astronômicos que indicavam o movimento dos corpos planetários, como o famoso relógio astronômico de Strasbourg, primeiramente construído em 1354 e reconstruído em 1574. O relógio de Strasbourg ainda incluía um galo autômato, sendo a imitação

fundamental truth about the nature of the world simultaneously became a powerful model for the organisation of human affairs.”

³ Ainda que não seja incomum encontrarmos menções que apontem para o mecanicismo no século XIX, delimitamos o período que se estende do século XVI ao XVIII, uma vez que nossa intenção até este ponto é demonstrar o que chamamos de “referência exaustiva” apenas, julgando ser melhor estipular os últimos anos setecentistas como limite final. Como veremos adiante, de certa forma tal cosmovisão perdura ainda nos dias atuais.

da vida outra importante função do mecanismo de relógio. (Bousquet, 2009 p. 40)⁴

Implícita à passagem acima, e ainda fundamental para entendermos o impacto desta invenção, é a amplitude de uma difusão que não discriminava classes sociais. Os grandes relógios eram exibidos do alto das torres de igrejas e edifícios públicos, de modo que toda a população contemplava a nova invenção. Neste ponto, é interessante notarmos como o foco do simulacro mecânico recaía simultaneamente sobre o símbolo por excelência do plano transcendente – o céu – e a mais perfeita das criaturas, feita à imagem e semelhança de seu Criador. E a produção de autômatos com a finalidade de imitar a vida não se limitava aos galos. Cavaleiros, monges e a própria Santíssima Virgem não escaparam à habilidade dos primeiros construtores de relógios.

Cabe-nos ressaltar, portanto, que não se trata aqui de uma invenção cujo impacto tenha atingido primeiramente o meio filosófico-científico para que muito tempo depois seus reflexos sociais fossem percebidos. Se por um lado não podemos afirmar ter ocorrido precisamente o contrário disto, é seguro concluir que a disseminação foi simultânea. Dos chamados à oração popular à abertura e fechamento dos mercados municipais, os relógios mecânicos pouco a pouco promoviam a dissociação da noção do tempo conforme experienciado pelos seres humanos até então. Uma nova divisão temporal em unidades constantes e regulares impunha-se sobre os ciclos naturais de dia e noite, permitindo assim uma maior sincronização das atividades sociais: a pontualidade ganhava ares de virtude. “[Os relógios] dissociavam o tempo dos eventos humanos, permitindo o surgimento da crença em um mundo independente de seqüências matematicamente mensuráveis: o mundo especial das ciências.” (Lewis Mumford, citado por Bousquet, 2009 p.39)⁵

Mas serviriam as considerações feitas até aqui como causa suficiente para o surgimento de uma nova visão de mundo? Certamente que não. O que vemos é

⁴ No original: “Indeed, as the clockmaking craft developed, timekeeping was often secondary to the display of elaborate mechanisms that attempted to mirror the different aspects of the natural world. Chief among these was the design of complex astronomical devices that indicated the motion of planetary bodies, such as the famous astronomical clock of Strasbourg, first constructed in 1354 and then rebuilt in 1574. The Strasbourg clock also included a rooster automaton, imitation of life being the other chief use of clockwork mechanisms.”

⁵ No original: “dissociated time from human events and helped create the belief in an independent world of mathematically measurable sequences: the special world of science.” Lewis Mumford foi historiador e filósofo da ciência e tecnologia.

uma mera potencialidade, uma brecha aberta, um convite tentador. Por si só, a combinação entre a antiga tecnologia dos gregos (roda dentada e engrenagem), um sistema de pesos e a adição de um mecanismo de escapamento permitindo estabilidade de movimento e velocidade constante, não promove a ascensão de um novo olhar sobre a realidade. Mesmo quando apontamos para a natureza do objeto representado e para a dimensão alcançada por essa representação, não preenchemos a totalidade das lacunas necessárias.

Ilustrando o fato de já os primeiros relógios terem sido construídos com o intuito de reproduzir a harmonia celeste – e levando aqui em consideração a afirmação que fizemos linhas acima, referente ao céu como símbolo por excelência do plano transcendente – Bousquet (2009 p. 44) nos remete à afirmação do filósofo medieval Nicolas Oresme, do ano de 1377:

A situação é muito parecida com aquela de um homem fazendo um relógio e permitindo que ele funcione e perpetue seus movimentos por conta própria. Da mesma maneira, Deus permitiu que os céus se movessem continuamente [...] de acordo com a ordem estabelecida.⁶

E eis que surge o germe da inversão de raciocínio. A analogia passa a flertar com o discurso tautológico, na medida em que o simulacro que tinha por finalidade reproduzir um fenômeno natural passa a ser tomado ele próprio como princípio ativo sustentador do fenômeno. Sem que fosse percebido – e assim afirmamos já que não temos motivo algum para suspeitar da boa vontade de filósofos e teólogos da época –, a empreitada que parecia aproximar o homem de Deus resultaria no “fatal tiro no pé”, que por fim aposentaria por “invalidez” – ambigüidade deliberada de nossa parte – o Criador. “Vossos olhos se abrirão e sereis *como* deuses”, já prometia a serpente.⁷ O autor prossegue ainda, afirmando que:

A imagem de Deus como o supremo construtor de relógios, o Criador de um mecanismo perfeito que conduziria seu curso divinamente dirigido até o fim dos tempos, foi conseqüentemente um tema recorrente na cultura ocidental nos séculos que se seguiram, um claro exemplo de ressonância discursiva mutuamente reforçadora entre o argumento teológico referente à criação e

⁶ No original: “The situation is much like that of a man making a clock and letting it run and continue it’s motion by itself. In this manner did God allow the heavens to be moved continually [...] according to the established order.”

⁷ Livro do Gênesis, 3:5 – o grifo é nosso.

ordenação do mundo e a metáfora mecânica para o movimento celeste. (Bousquet, 2009 p. 44)⁸

Ora, compreender o ato de criação do universo em perfeita harmonia com o da produção de relógios – de maneira que, tal qual o relógio, o universo fosse capaz de funcionar e perpetuar seus movimentos *por conta própria* – implica necessariamente na concepção de um deus ausente. Da mesma forma que não cabe ao homem mover com os próprios dedos os ponteiros de um relógio, Deus não mais é compreendido como infusão permanente e sustentadora do real; já não se pode mais dizer que “Nele vivemos, nos movemos e somos”⁹. A noção mesma de absoluto vai por água abaixo, e com ela, seja isso percebido pelo proferidor ou não, dissolve-se por entre os dedos qualquer esperança de um monoteísmo que faça algum sentido. Pois já não há mais uma divindade cujo próprio Ser é o fundamento último da ordem percebida. Existe um deus *e* as leis naturais. Não é difícil entender como foi possível o surgimento de tal cisão no raciocínio, uma vez que, além de promover um modelo para o movimento dos corpos, a mãe de todas as máquinas também foi responsável pelo surgimento da crença em “um mundo independente, de seqüências matematicamente mensuráveis: o mundo especial das ciências”, como vimos linhas acima.

Não tardaria para que Johannes Kepler, com o intuito de conferir maior rigor matemático e elegância ao sistema heliocêntrico de Copérnico – que por sua vez, ao romper com a concepção geocêntrica de Ptolomeu havia simplificado consideravelmente os cálculos astronômicos, mas ainda sem aumento significativo na precisão conferida por eles à descrição do movimento dos corpos celestes – afirmasse ser guiado pelo objetivo de

mostrar que a máquina celestial não é um tipo de ser vivo, de natureza divina, mas uma espécie de mecanismo de relógio, na medida em que praticamente toda a multiplicidade de movimentação é causada por uma força material e magnética essencialmente simples, da mesma forma que todos os movimentos do relógio

⁸ No original: “The image of God as the ultimate Clockmaker, the designer of a perfect mechanism that would run its divinely-appointed course until the end of time, was thereafter a recurrent motif in Western culture in the following centuries, a clear case of mutually reinforcing discursive resonance between a theological argument pertaining to the creation and ordering of the world and a mechanical metaphor for the movement of the heavens.”

⁹ Atos dos Apóstolos, 11:28

são causados por um simples sistema de pesos. (citado por Bousquet, 2009 p. 44)¹⁰

Contemporâneo de Kepler, Galileu Galilei ergue mais um tijolo na edificação do processo que ficou conhecido como “revolução científica”: com o aperfeiçoamento do telescópio, suas observações astronômicas vieram a confirmar a hipótese heliocêntrica de Copérnico. Não obstante, faltava ainda uma teoria unificadora capaz de dar conta da descrição do movimento tanto dos corpos celestes quanto terrestres.

Tal empreendimento seria concluído no ano de 1687, pelas mãos de Isaac Newton: era publicada a obra *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*. Coroava-se, por fim, o momento de substituição da concepção científica aristotélica, que havia vigorado ao longo da Idade Média por meio dos escolásticos, de cunho dedutivo qualitativo, por uma nova cosmovisão indutiva quantitativa, caracterizada pela matematização, mecanização e pelo empirismo. (Bousquet, 2009)

Wolfgang Smith¹¹, em seu livro *The Quantum Enigma: finding the hidden key* (2005), aponta um outro fator fundamental (além da criação dos relógios mecânicos) para que compreendamos o surgimento e o estabelecimento do paradigma mecanicista no Ocidente: a decadência do pensamento escolástico, que nas palavras do autor teria “tornado-se oblíquo”(p. 101).¹² E quando comparamos alguns aspectos constituintes da antiga cosmovisão com certas concepções decorrentes da nova, é difícil não incorrer na conclusão de que, ao menos sob certo ponto de vista, do recorte se passou à mutilação do real.

Pode-se notar que com o reflorescimento da filosofia aristotélica durante o período escolástico, o termo grego *morphe* veio naturalmente a ser substituído pelo latim *forma*, e *hyle* traduziu-se por *materia*. E por uma certa evolução, ademais, a *materia* escolástica transformou-se na matéria da física newtoniana – seu sentido exato, no entanto, está longe de ser claro. Ontologicamente falando, este remanescente da era newtoniana constitui, em todo caso, um híbrido confuso de *materia* e *forma* no sentido autêntico. (Smith, 2005 p. 85)¹³

¹⁰ No original: “... to show that the heavenly machine is not some kind of divine, live being, but a kind of clockwork, insofar as nearly all the manifold motions are caused by a most simple, magnetic, and material force, just as all motions of the clock are caused by a simple weight.”

¹¹ Wolfgang Smith é matemático, físico, filósofo da ciência, metafísico e membro da “Escola Tradicionalista”.

¹² No original: “gone awry”.

¹³ No original: “One might note that with the revival of Aristotelian philosophy during the Scholastic era the Greek term ‘morphe’ came naturally to be replaced by the Latin ‘forma’, and

Tomemos, portanto, o conceito de matéria, tão caro à compreensão de uma concepção da realidade. Ferrater-Mora (2000) afirma ter sido com Aristóteles que, pela primeira vez no pensamento ocidental, foi conferido à matéria um caráter filosófico e propriamente técnico. A contribuição de seus antecessores – Platão e os pré-socráticos – não é negligenciada, mas é através de sua obra que não apenas o conceito será bem definido como consideravelmente enriquecido. A matéria, para Aristóteles, é obrigatoriamente caracterizada por sua receptividade, “não sendo propriamente matéria caso não esteja ‘disposta’ a receber alguma determinação” (2000 p. 1892). Conclui-se disso não haver apenas um tipo de matéria, que seria o puramente indeterminado, mas vários, de acordo com seu modo de receptividade.

Ferrater-Mora esclarece, ainda, não ser fácil nem legítimo distinguir em Aristóteles o que precisamente corresponde à sua *Física* e sua *Metafísica*, mas supõe, “com vistas a uma maior clareza, que essa distinção é muito mais nítida do que aparece nos próprios textos do filósofo” (2000 p. 1893). Na *Física*, matéria é compreendida por vezes como substrato, a saber: aquilo que está sujeito a mudanças e donde se inferem as qualidades. “Parece, pois, que a matéria é a substância” (2000 p. 1893), conclui o autor, para logo em seguida afirmar ser esta uma conclusão falsa, na medida em que a matéria no sentido aristotélico não é propriamente a substância enquanto tal, mas aquilo que é comum a todas as substâncias, aquilo de que elas são feitas. De fato, dizer que uma coisa é feita de si mesma não faz o menor sentido. Para Aristóteles, a matéria é, portanto, a *matriz* da realidade física e não a própria realidade física.

As considerações metafísicas que dizem respeito à matéria são sensivelmente análogas às físicas, sendo que reside aqui a ênfase ao conceito de *forma* supracitado. Posto de outra forma, o estudo aristotélico da matéria quase sempre assume um caráter metafísico, sendo a matéria compreendida como parte do famoso binômio matéria-forma. A matéria seria, assim, *aquilo com o qual se faz algo*, sendo que este ato de fazer pode ter tanto o sentido de um processo natural como o de uma produção humana. No primeiro caso, pode-se dar como

hyle became *materia*. And by a certain evolution, moreover, the Scholastic ‘*materia*’ became eventually transformed into the ‘*matter*’ of the Newtonian physicist – the exact meaning of which, however, is far from clear. Ontologically speaking, this remnant of the Newtonian era constitutes, in any case, a confused hybrid of *materia* and *forma* in the authentic sense.”

exemplo um animal composto por tendões, carne, ossos etc. No segundo, uma estátua feita a partir do mármore ou do bronze. Conclui-se que a concepção aristotélica de matéria assume necessariamente um caráter *relativo*. Matéria é sempre relativa à forma, de modo que o tecido do real apresenta-se forçosamente sob o par matéria-forma. Daí a afirmação de que a realidade não é em última análise material – tampouco formal – mas sempre um composto de ambos. E para concluir nossa exposição:

O ponto é que a forma de uma entidade existente é precisamente o seu aspecto cognoscível. Resumidamente, pode-se dizer que uma coisa é inteligível em virtude de sua forma – porém existente por conta da matéria. Eu não digo aqui ‘da *sua* matéria’, sobretudo porque matéria, estritamente falando, não pertence à coisa – da mesma forma que do oceano não dizemos pertencer a uma onda em particular. Forma, por outro lado, pertence à coisa: pois a forma de uma entidade é a sua essência verdadeira. É aquilo que nós sabemos e podemos saber; e portanto, é o ‘quê’ ou quiddidade da coisa. Deve-se ter em mente, no entanto, que a entidade existente não coincide simplesmente com a sua quiddidade: possui também um aspecto material, o qual permanece inteligível – um fato da maior importância, certamente. (Smith, 2005 p. 85)¹⁴

Muito se discutiu – sobretudo no período escolástico – sobre as mais diversas implicações desta concepção material. Nossos objetivos no presente trabalho, entretanto, não visam a um mergulho demasiado profundo neste ponto.

O que nos interessa é deixar bem claro que, para Aristóteles, matéria não é, em hipótese alguma, um ser que se baste a si mesmo. Pois é precisamente partindo deste ponto que se torna clara a ruptura moderna. Ferrater-Mora (2000) revela que, se por um lado não podemos afirmar que esta concepção de matéria foi completamente posta de lado com o surgimento da Modernidade, “é característico da Idade Moderna o fato de ter-se ocupado principalmente da noção de matéria enquanto constitutiva da realidade ‘material’ ou ‘natural’” (2000 p. 1896). Eis a concepção científico-natural da matéria. Ainda que em um primeiro momento fosse possível identificar alguma semelhança, por peculiar que fosse, com a concepção aristotélica – o filósofo espanhol ilustra algumas idéias já modernas de

¹⁴ No original: “The point is that the *morphe* of an existent entity is precisely its knowable aspect. In short, a thing is intelligible by virtue of its *morphe* – but existent on account of *hyle*. I do not say ‘its *hyle*,’ moreover, because *hyle*, strictly speaking, does not belong to the thing – any more than the ocean could be said to belong to a particular wave. *Morphe*, on the other hand, does appertain to the thing: for *morphe* of an entity is truly its essence (<*esse*, ‘to be’). It is what we know and can know; and thus it is the ‘what’ or quiddity of the thing. One must bear in mind, however, that the existent entity does not simply coincide with its quiddity: it has also a hylic aspect, which remains unintelligible – a fact of the utmost significance, to be sure.”

matéria ativa e passiva (respectivamente exemplificadas por quente / frio e o suporte da mudança do quente para o frio) – “cada vez mais se tendeu a estudar a matéria como realidade una e única” (2000 p. 1896).

Feitas estas considerações, retornemos ao nosso foco central neste ponto do trabalho: a cosmovisão mecânica. Foi precisamente com o romper d’alva moderna que se passou a utilizar o termo “mecânico” como equivalente de corpóreo ou material – *mechanicum sive corporeum*, assim em oposição a imaterial, incorpóreo e espiritual (Ferrater-Mora, 2000).

Durante o período medieval, a *ars mechanica* era considerada inferior e subordinada, tendo sido elevada à teoria destinada a explicar as obras da Natureza a partir, principalmente, de René Descartes. Foi ainda significativa a contribuição de Robert Boyle nesse sentido, creditando-se a ele a introdução nos círculos filosófico e científico modernos de termos como *mechanicus*, *mechanismus* e ainda a expressão *mechanismus universalis* como equivalente à Natureza.

Em palestra proferida no ano de 1986, o filósofo americano David L. Schindler abordou *O Problema do Mecanicismo*¹⁵ partindo do grande atrito – intrínseco e profundo – presente na articulação das concepções acerca da Natureza, referentes ao que ele chama de “visão grega clássica” e “visão moderna clássica”, respectivamente recorrendo a Aristóteles e Descartes e suas influências sobre o pensamento ocidental. Schindler inicia sua exposição com uma afirmação que já nos é familiar: diz que, para o estagirita, a natureza é matéria apenas em certo sentido. “Ademais, natureza significa o princípio material originário do qual é feito ou do qual deriva algum objeto natural, e que é privado de forma e incapaz de mudar em virtude unicamente da potência que lhe é própria.” (Aristóteles, 2005 p. 199). Em um segundo sentido, ela não é matéria, uma vez que a Natureza no sentido próprio e total para Aristóteles é algo *atual*, sendo a matéria em seu sentido básico não algo *atual*, mas aquilo que tem a capacidade de tornar-se *atual*. Logo, a Natureza em seu sentido próprio deve ser não a matéria, mas aquilo – o *ato* ou *atividade* – em virtude do que a natureza, e, portanto, a matéria, são *atuais*. Schindler (1986) nos sugere em seguida que

¹⁵ A transcrição pode ser encontrada em <http://www.columbia.edu/cu/augustine/arch/mechanism.htm>

(...) a compreensão apropriada da Natureza – e da matéria enquanto parte *atual* da Natureza – requer a compreensão do que consiste *ser* no sentido mais fundamental (*ousia*; essência). E isto, por sua vez, requer ainda a compreensão de tais aspectos como imanência (princípio imanente da atividade nos termos em que algo é dito ser atual, crescer, mudar, se mover), forma (ato de formar), fim (ato de finalizar), atualidade ou atividade, e completude ou totalidade. Ainda, a compreensão apropriada da Natureza requer uma compreensão da distinção entre crescer junto como uma unidade e relacionar-se meramente por contato.¹⁶

Reconhecendo a tremenda complexidade do assunto, o palestrante conclui ser a matéria um conceito relativo – conforme já tratamos anteriormente – e que, portanto, só pode ser entendido devidamente em sua *atualidade* no que se refere à Natureza em seu sentido completo e apropriado. A Natureza – aquilo em relação ao que a matéria toma seu sentido total – é, assim, caracterizada por *ato* ou *atividade* que é imanente, formal, final, unificador e completo ou total. Esta concepção da Natureza é chamada *orgânica*, por ser característica dos organismos. “A atividade imanente de *forma* e *finalidade*, internalidade de relação dentre as ‘partes’ distintas e, conseqüentemente, a totalidade do organismo é distinta da soma de todas as suas partes.”¹⁷

Em contrapartida, defende Schindler (1986), a “matéria relativa” aristotélica surge no pensamento cartesiano enquanto conceito absoluto. A matéria que, em qualquer de suas instâncias *atuais*, é entendida por Aristóteles apenas em relação a uma Natureza cujo *ato* primário é *formal* e *final*, torna-se com Descartes precisamente idêntica a uma natureza da qual a mente – que o palestrante identifica com a atividade formal e final – já não faz mais parte. A concepção cartesiana de matéria é claramente distinta da sua idéia de *mente*. “Descartes equiparou matéria à extensão, de acordo com sua característica redução, ou tentativa de redução, da realidade material às propriedades geométricas do espaço” (Ferrater-Mora, 2000 p. 1896). O sentido de Natureza passa, então, a ser absorvido por uma matéria compreendida como aquilo de que tudo, à exceção da *extensão*, é em princípio removido.

¹⁶ No original: “Proper understanding of nature, of matter as an actual part of nature, requires an understanding of what it means *to be* in the most fundamental sense (*ousia*), and this in turn is seen to require understanding of such features as immanence (immanent source of the activity in terms of which something is said to be actual, to grow, to change, to move), form (act of forming), end (act of finalizing), actuality or activity, and completeness or wholeness. Further, proper understanding of nature requires an understanding of the distinction between growing together as a unit and relating merely by contact.”

¹⁷ No original: “the immanent activity of form and finality, internality of relation among the distinct ‘parts’ of the organism, and consequently a wholeness of the organism which is distinct from the sum of its ‘parts’”.

David Schindler (1986) enumera, por fim, duas transformações consideradas por ele cruciais na passagem da cosmovisão orgânica clássica para a mecanicista moderna.

Primeiramente, a Natureza – matéria nas suas instâncias *atuais* –, vista por Aristóteles como internamente ativa (*forma* e *fim*), agora se transforma em natureza (matéria) na ausência de tal atividade interna. Passa a ser, assim, uma natureza (matéria) que é essencialmente inerte. Ou – nas palavras do próprio Descartes – repouso. Toda atividade atribuída à natureza (matéria) passa a ser de tipo externo, o que o palestrante identifica como uma redução à atividade efetiva ou *causa eficiente* no sentido aristotélico.

Em segundo lugar:

A compreensão cartesiana de natureza implica em profunda transformação referente aos termos de como passa a ser possível caracterizar naturezas em qualquer de suas instâncias atuais como um todo. Pois natureza, agora entendida enquanto matéria da qual qualquer referência à mente – atividade formal e final – foi excluída em princípio, pode apresentar-se como totalidade apenas no que diz respeito à totalidade da extensão, ou seja, precisamente como quantidade – bits quantificados ou a soma de bits quantificados. Em outras palavras, a totalidade – em quaisquer de suas instâncias atuais – que para Aristóteles é caracterizada como internamente ativa e, portanto, como totalidade que é sempre mais que a soma de suas partes, apresenta-se em Descartes como totalidade que é melhor caracterizada como mera coletividade interativa, logo, como totalidade que é sempre, em princípio, precisamente a soma de suas partes.¹⁸

O “salto imaginativo” (que sugere, na verdade, justamente o oposto: a mais completa falta de imaginação) encontrado na aplicação retroativa de analogias – o simulacro que ganha ares de princípio fundamental, ou, ainda, aquilo que em última análise confere o suporte necessário ao embrião de uma cosmovisão – seria apontado por Georges Canguilhem (2006) séculos mais tarde como característico da ciência contemporânea:

¹⁸ No original: “Descartes's understanding of *physis* (nature) entails a profound transformation in terms of how one might now characterize natures in any of its actual instances as a whole. For nature, now become a matter from which anything “more” like mind—forming and finalizing activity—has already been excluded, and thereby, can be a whole only after the manner in which what is exhaustively extension is whole, that is, precisely as quantity—a quantified bit or the sum of quantified bits. In other words, the wholeness of (in any of its actual instances) which for Aristotle is characterized as an internally active hence as a wholeness which is always more than the sum of its “parts” becomes in Descartes a wholeness best characterized as a fly interactive collectivity (and hence as a wholeness which is always, in principle, exactly the sum of its parts).

Existe aí um caso particular de estratégia teórica característica da ciência atual: a partir de observações e de experiências conduzidas em um determinado campo da realidade, constrói-se um modelo; e, a partir desse modelo, continua-se a refinar o conhecimento como se estivéssemos lidando com a própria realidade.

Não nos surpreende que Antoine Bousquet (2009) aponte o mecanicismo precisamente como uma metodologia transmutada em ontologia. Não que Canguilhem se refira especificamente ao paradigma mecânico, coisa que de fato não faz. A passagem serve, contudo, para ilustrar o que foi dito anteriormente: sob certo aspecto a cosmovisão permanece. Isso se deve não apenas ao prestígio decorrente da Revolução Científica, mas sobretudo às características inerentes a uma concepção mecânica da realidade: determinismo e reducionismo.

As implicações da mecânica celestial de Pierre-Simon Laplace, astrônomo francês, são comumente utilizadas quando se pretende exemplificar a inevitabilidade lógica de um determinismo radical¹⁹. O estado presente do universo seria não mais que o efeito do seu passado e necessariamente a causa do seu futuro. Uma inteligência capaz de analisar os dados recolhidos mediante a compreensão de todas as forças atuantes na natureza, e que fosse ainda conhecedora da localização precisa de todos os corpos que a compõem, teria diante de seus olhos a extensão temporal completa de passado e futuro. Para tal inteligência, nada seria incerto. Smith (2005) esclarece que mesmo para o mais entusiasta membro do grêmio determinista, a total previsibilidade do universo é possível apenas *em princípio*. Recorrendo ao bom senso que se presume habitar nas mentes humanas, o autor afirma que nenhum cientista jamais foi louco o bastante para afirmar ser tal empreitada passível de sucesso por meios científicos.

Pode-se, então, definir o determinismo como uma “doutrina segundo a qual, todos e cada um dos acontecimentos do universo, estão submetidos às leis naturais” (Ferrater-Mora, 2000 p. 690). O autor ressalta ainda, em seu *Dicionário de Filosofia*, tratem-se, aqui, de leis de caráter causal, não propriamente teleológico; dito de outra forma, a idéia de *causa*, quando contemplada a partir da doutrina determinista, refere-se mais especificamente às *causas eficientes* que às *causas finais*. Se por um lado a concepção determinista remonta em suas origens históricas ao atomismo grego, é com o alvorecer da Idade Moderna que ela conquista grande credibilidade e prestígio. Seu aspecto universalista é então

¹⁹ Citado por W. Smith (2005), A. Bousquet (2009) e J. Ferrater-Mora (2000).

ênfatisado, na medida em que apresenta uma relação clara com o mecanicismo, e se aplica muito facilmente em uma realidade concebida mecanicisticamente. Ferrater-Mora afirma, por fim, que “muitas das doutrinas qualificadas de deterministas são uma extensão da ‘realidade’ (ou da ‘Natureza’) da maneira como se entendeu a estrutura da mecânica clássica” (2000 p. 691).

Da facilidade em se perceber a estrutura de um relógio e compreender seu funcionamento adviria a inspiração para a propagação do reducionismo enquanto método de análise. Sua difusão ganhou ares de “artigo de fé” para a ciência moderna. A compreensão do universo físico poderia ser atingida mediante redução às suas partes mais simples, do mesmo modo como o mecanismo de um relógio é desvendado através da análise e redução aos seus componentes mais básicos.

Como afirmamos no início deste capítulo, nosso objetivo com esta exposição é tão somente erguer o arcabouço capaz de permitir a profundidade devida a algumas das ideias centrais que pouco a pouco surgirão no texto. Entendemos que o alvorecer e posterior desenvolvimento da visão de mundo mecânica, seguido pela sucessiva queda em descrédito dos modelos tradicionais – representados aqui sobretudo pelas concepções aristotélicas e seu subsequente desenvolvimento promovido no período escolástico – refletiu-se sensivelmente sobre a neurologia no século XIX.

O surgimento de significativos impasses na prática neurológica do período em questão – impasses estes que, conforme veremos, apresentam forte grau de parentesco com a cosmovisão aqui relatada – serviu de via régia para que o jovem neurologista Sigmund Freud, tendo em vista um panorama neo-escolástico, propusesse soluções para os problemas que então se faziam presentes. A saber, referimo-nos ao gigante Brentano, certamente merecedor de um capítulo inteiro, razão pela qual não nos estenderemos por hora sobre este ponto.

O fato é que, dos limites decorrentes de uma herança mecânica, veio através de Freud uma proposta permeada pelo espírito de dias subestimados. Não se trata, aqui, de cedermos a conclusões prematuras, erguendo Freud no panteão do anti-mecanicismo. Caminhamos sobre um terreno sutil, daí nosso cuidado com esta exposição inicial. Uma breve citação de James Barclay (1964) lança luz sobre a questão: “Quando a terminologia filosófica de Brentano e a terminologia mecanicista de Freud são despidas do conceito, revela-se que os aspectos

essenciais da doutrina de intencionalidade são encontrados em ambos os sistemas”.²⁰ Daí nosso cuidado, nas linhas iniciais do presente capítulo, ao falar em “não comunhão *integral*” com o *Zeitgeist* da época.

1.2

O Método Anátomo-Clínico

Falar da neurologia no século XIX – e sobretudo da participação de Freud neste campo – negligenciando o método anátomo-clínico e suas modalidades de aplicação alemã e francesa seria simplesmente impossível. A relativamente jovem ciência firmava-se quase que inteiramente sobre a aplicação do método em questão (Kaplan-Solms & Solms, 2005), o que justifica o nosso dever de abordar o assunto. Já no que diz respeito exclusivamente a Freud – e aqui não apenas à futura obra psicanalítica, mas também aos estudos estritamente neurológicos –, as diferenças de aplicação da equação anátomo-clínica em suas modalidades francesa e germânica são peças fundamentais, sem as quais nosso “quebra-cabeças freudiano” careceria das primeiras organizações. Os gigantes em questão são Theodor Meynert e Ernst Wilhelm von Brücke, a leste do Reno, e Jean Martin Charcot a oeste. Teremos pela frente a chance de abordar as influências de cada um com mais cuidado. Por hora, nossa idéia é focar menos nas personagens principais e lançar o holofote sobre o cenário presente no palco. E para início de tal empreitada, nada melhor que uma citação daquele que, das alturas de sua pirâmide humana, inspira o título de nosso trabalho.

Aqui enfatizei os conceitos de *entité morbide*, de séries, de *type* e de *formes frustes*, porque é no emprego desses conceitos que repousa a principal característica do método francês de trabalhar em clínica médica. Essa forma de abordagem é, de fato, estranha ao método alemão. Para este, o quadro clínico e o tipo não desempenham qualquer papel de relevo, e é explicada pela evolução dos clínicos alemães: uma tendência a fazer uma interpretação fisiológica do estado clínico e da inter-relação dos sintomas. A observação clínica dos franceses, indubitavelmente, ganha em auto-suficiência, no sentido de que relega a plano secundário os critérios relativos à fisiologia. A exclusão destes, no entanto, pode ser a principal explicação para a impressão enigmática que os métodos clínicos franceses causam ao não-iniciado. Aliás, nisso não há nenhum descaso pela

²⁰ No original: “When the philosophical terminology of Brentano and the mechanistic terminology of Freud are stripped from the concept, it appears that the essential features of the doctrine of intentionality are found in both systems.”

fisiologia, mas uma deliberada exclusão, que é considerada vantajosa. (Freud, [1892-1894] 1987 v. 1 p. 154)

É natural que, antes de passarmos às peculiaridades de aplicação anátomo-clínica presentes nas duas principais escolas de neurologia da Europa continental, explicitemos no que consistia o método propriamente dito. Vale sempre lembrar que, modalidades à parte, tanto na França como na Alemanha os fundamentos mais básicos para a investigação neurológica eram precisamente os mesmos.

Como afirmamos nas primeiras linhas do presente capítulo, a neurologia no século XIX era ainda uma ciência jovem. Sua prática em muito devia à medicina interna geral, sendo esta caracterizada pela atenção voltada às doenças do interior do corpo e seus respectivos diagnósticos. O estudo patológico nessas condições impunha ao investigador limitações significativas quanto à observação do quadro em sua totalidade – limitações estas que apenas seriam sanadas mediante autópsia do paciente, permitindo assim uma examinação minuciosa das alterações visíveis no organismo. Havia nisso um grande inconveniente, é certo ressaltar, na medida em que o preço a se pagar por tamanha minúcia consistia na cessação de todas as manifestações sintomáticas, uma vez que a autópsia pressupõe, obviamente, a morte do indivíduo. A solução encontrada consistiu precisamente no cruzamento de informações: em primeiro lugar documentavam-se cuidadosamente todos os sintomas e sinais externos apresentados no quadro clínico para que, mais tarde, pudessem ser feitas as devidas correlações com as descobertas decorrentes da autópsia.

A medicina interna, como o nome mesmo já nos permite inferir, abarcava e transcendia as fronteiras específicas da neurologia. Conforme encontramos em Goetz, Bonduelle & Gelfand (1995), a prática do método anátomo-patológico é originária da França. Foi lá que primeiramente se trabalhou visando à integração das disciplinas médicas. O intuito era formar uma classificação unificada, e uma categorização diagnóstica a partir dos estudos de anatomistas macroscópicos e clínicos italianos.

Traçando uma espécie de “linha do tempo” do desenvolvimento da correlação anátomo-patológica, os autores de *Charcot: Constructing Neurology* afirmam ter sido a primeira metade do século XIX um período de grande amadurecimento deste método. Tal fato foi possível em função do esforço

conjunto de anatomistas (como Marie Françoise Bichat, por exemplo) e clínicos (ênfase aos nomes de Jean-Nicolas Corvisart – ninguém menos que o médico pessoal de Napoleão Bonaparte – e Antoine Laurent Bayle). Seu desenvolvimento erguia-se a partir das mais cuidadosas observações clínicas em vida, para que após a morte do paciente o material fosse classificado à luz de detalhada examinação anatômica dos tecidos do corpo. O ápice da aplicação anátomo-patológica, no entanto, ficaria a cargo de René Laennec, que o aplicou e desenvolveu “mais do que qualquer outro médico”²¹ (p. 66) através do seu trabalho. O interesse deste último, no entanto, não se centrava na neurologia. O médico francês ocupava-se mais com pesquisas voltadas para o coração e os pulmões.

Neste ponto do texto, uma leitura cuidadosa pode suscitar o seguinte questionamento: tanto se utilizou o termo “anátomo-patológico” em linhas recentes, mas o subtítulo apresenta-se sob a expressão “método anátomo-clínico”. Tratar-se-iam de sinônimos? A melhor resposta que podemos dar a esta pergunta é: sim e não. Eis uma excelente pergunta, cuja pertinência em muito nos serve quando o objetivo é delinear as diferenças entre as técnicas neurológicas francesa e alemã.

Já vimos que o método anátomo-patológico visava à identificação de lesões ou alterações anatômicas específicas “que fossem consistentemente aliadas a sinais clínicos observáveis no paciente ainda em vida” (Goetz, Bonduelle & Gelfand, 1995 p. 67)²². Dito em outras palavras, centrava-se na busca por paralelos diretos entre a patologia externa ou “superficial” e a patologia interna, caracterizada por lesões dentro do corpo. Isto pode ser muito bem ilustrado em uma citação do próprio Charcot:

É um novo meio de unificar doenças orgânicas que são similares e distinguir aquelas que, apesar de apresentarem sintomas semelhantes, são de natureza inteiramente diferente e que, portanto, pertencem a uma ordem patológica distinta. (Charcot, citado por Goetz, Bonduelle & Gelfand, 1995 p. 67)²³

Uma das principais conseqüências da aproximação – e progressiva interlocução – entre clínicos e anatomistas foi a elevação da condição dos

²¹ No original: “More than any other French physician.”

²² No original: “...that would become consistently allied with a clinical sign in the living patient.”

²³ No original: “It is a new means to bring together organic illnesses which are similar and to distinguish those which in spite of sharing similar symptoms are of a nature altogether different and which therefore belong to another order of illnesses.”

hospitais a centros de aplicação e desenvolvimento do novo método científico. Não raro na época em questão, o período de internação era por vezes indeterminadamente longo, muitas vezes estendendo-se até a morte da pessoa. Notemos, portanto, que, ao apontar à prática de “sistemática acumulação de traços e sintomas ao longo da vida do paciente”, há de se salientar que as presentes noções de “sistemática acumulação” e “ao longo da vida” erguem-se a partir de um contexto onde a literalidade de sentido era, por assim dizer, levada aos extremos. Ora, uma vez assumido o caráter rotineiro das internações sem data de término previsto, devemos considerar que tal sistematização incluía a possibilidade de acompanhamento do paciente 24 horas por dia, 7 dias por semana. E, além disso, a expressão “ao longo da vida” *de fato* podia significar – e era comum que significasse – observar o pobre diabo até o momento de sua derradeira expiração.

Pois é precisamente no centro de todo este processo que se encontrava a Salpêtrière de Charcot. Se ao grande mestre de neurologia francês não podemos conferir a autoria histórica do método anátomo-patológico propriamente dito, é a ele que se deve a criação do termo anátomo-*clínico* (Goetz, Bonduelle & Gelfand, 1995).

Como já visto, a presença da correlação anátomo-patológica na medicina interna francesa fazia-se notar desde o início do século. A grande contribuição de Charcot – sobretudo no intervalo que se estende de 1862 a 1870 – pode ser descrita sob dois aspectos preponderantes: o primeiro refere-se ao fato de ter sido ele o responsável pela aplicação do método nos domínios específicos da neurologia. Em segundo lugar, tal como foi ressaltado a partir da última citação de Freud, a ênfase clínica do método francês remete-nos diretamente ao mestre da Salpêtrière (Charcot teria substituído o termo “patológico” por “clínico” precisamente objetivando evidenciar o traço tão característico presente na sua metodologia neurológica).

O elogio tecido por Victor André Cornil, que passamos a citar, ilumina muito bem o que desejamos tornar explícito nesse momento: “Dentre nós, você personifica o maior dos clínicos, aquele que sabe como enxergar e descobrir, o sucessor direto de nossos grandes médicos do passado, o mais eminente sendo

Laennec.” (citado por Goetz, Bonduelle & Gelfand, 1995 p. 65)²⁴. Devemos ressaltar dois pontos nessa citação: a referência a Charcot como “gigante” entre os clínicos, e seu posicionamento na linha de sucessão direta de Laennec, a quem, em passagens anteriores, nos referimos como aquele que “através do seu trabalho o aplicou [o método anátomo-patológico] e desenvolveu mais do que qualquer outro médico”.

Feitas estas observações, enumeremos brevemente algumas questões de elucidação necessária para o prosseguimento de nossa investigação.

Em primeiro lugar, no que consiste propriamente a ênfase sobre o fator clínico da equação? Este é um ponto merecedor de aprofundamento devido, uma vez que é permeado por sutilezas: não esqueçamos o que já foi abordado na citação de Freud; pode-se afirmar da neurologia francesa uma enigmática exclusão de critérios relativos à fisiologia, o que por sua vez não implica em descaso. Trata-se, muito pelo contrário, de um posicionamento deliberado e vantajoso. Dada a posição de tremendo destaque de Charcot dentro do que ficou conhecido como “escola francesa de neurologia”, o que podemos afirmar acerca de suas expectativas e seu parecer quanto ao papel ocupado pela fisiologia no campo? Por fim, se desejamos compreender as diferenças encontradas nas respectivas práticas de medicina neurológica alemã e francesa, cabe a pergunta: qual seria a razão de espanto para um alemão em Paris?

1.2.1

O Localizacionismo

Mas o aspecto fisiológico da doença não deve nos deter por mais tempo, uma vez que não é concebível, neste momento, incorrer em uma discussão que seria prematura. Que nos baste o fato de termos avançado com proeminência no que diz respeito aos traços passíveis de reconhecimento através da simples observação, independente de qualquer predisposição teórica... A lesão no Mal de Parkinson permanece a ser descoberta. (Charcot, citado por Goetz, Bonduelle & Gelfand, 1995 p. 77)²⁵

²⁴ No original: “Among us, you personify the greatest clinician, he who knows how to see and discover, the direct successor of our great physicians of the past, the most eminent being Laennec.”

²⁵ No original: “But the physiological aspect of the disease must not detain us any longer, for we could not think of entering, at this moment, into a discussion that would be premature. Let it suffice that we have put prominently forward those characters that can be recognized by the simplest observation, irrespective of any theoretical prepossession... The lesion in Parkinson’s disease remains to be discovered.”

De um subgrupo especializado formado por médicos internistas, nascia e conquistava pouco a pouco seu espaço próprio a neurologia. O cérebro passava a ser visto enquanto um órgão como qualquer outro, “sujeito a suas próprias e especiais patologias, peculiares a seus próprios e especiais tecidos” (Kaplan-Solms & Solms, 2005 p. 23). A neurologia enquanto subespecialidade médica, por incrível que possa soar nos dias de hoje, surgia intimamente entrelaçada com o campo da reumatologia. Tal afirmação é feita por Goetz, Bonduelle e Gelfand (1995) ao abordar os primeiros anos de prática profissional do jovem Charcot, que então se viu assumindo o comando de ambas as especialidades e paulatinamente voltou-se com exclusividade para a neurologia. O interesse do médico francês sobre a medula espinhal teria surgido da busca de maiores explicações para descobertas médicas em pacientes portadores de distúrbios neurológicos e *artríticos*. Exemplos clínicos que evidenciavam tal interdigitação incluíam a “*tobes dorsalis*”, os movimentos involuntários denominados coréias – como a Coréia de Sydenham, por exemplo, que é uma manifestação clínica da febre reumática – e o supracitado Mal de Parkinson, cujo nome foi dado pelo próprio Charcot. É ainda nesta época, e a partir do contexto em questão, que ganham forma afirmações de caráter fisiopatológico causal: postulava-se que “lesões em diferentes partes do cérebro produzem sintomas clínicos muito diferentes” (Kaplan-Solms & Solms, 2005 p. 23).

Digna de nota é a ressalva feita pelos últimos autores citados, ao abordarem o método anátomo-clínico em seu livro de 2005. Contrariamente ao que se via no restante da medicina interna como um todo, o que se observava na neurologia era o seguinte: mudanças na configuração cerebral afetavam não apenas o funcionamento do corpo do sujeito, mas sobretudo sua “mente”. Perca um dedo, uma das mãos ou mesmo o braço inteiro e você “continuará sendo você mesmo”. Não se tratam aqui de subtrações que ponham em risco a constituição estrutural subjetiva. Mesmo aqueles que não detêm resposta alguma a questões como “quem” ou “que” sou eu, apresentam-se imbuídos da certeza intuitiva de que a integridade física de seus pés, por exemplo, não é pré-requisito para a elucidação do problema. Para ilustrar a partir de uma ocorrência da época, os autores evocam o caso de Phineas Gage²⁶.

²⁶ Trata-se de um operário americano (1819 – 1861) que sofreu acidente com explosivos enquanto trabalhava na construção de uma ferrovia. Seu cérebro foi perfurado por uma barra de ferro, tendo

Surgia assim a aplicação do método anátomo-clínico objetivando a *localização das funções cerebrais*. Uma vez que enfermidades neurológicas modificavam o sujeito “enquanto pessoa”, supunha-se estar a “alma” representada de alguma forma nos tecidos físicos do cérebro. Diferentes partes do órgão estariam diretamente relacionadas – no sentido causal – a diferentes modificações mentais constatadas na observação clínica. Por trás de afirmações dessa ordem, havia um tipo específico de distúrbio, uma manifestação patológica em particular, conferidora do respaldo necessário: a afasia.

A afasia é, num sentido lato, um distúrbio da memória, e num sentido estrito, uma perturbação da linguagem. Distinguem-se comumente dois tipos de afasia: a *afasia sensorial* e a *afasia motora*. Na primeira, há uma perda de compreensão da linguagem, embora seja mantida a capacidade da pessoa de se servir da linguagem articulada; na segunda, a pessoa perde a capacidade de pronunciar as palavras, embora mantenha a compreensão do que as pessoas dizem. (Garcia-Roza, 2004 p. 19)

Eis um assunto que será recorrente nesse trabalho, ainda que por enquanto não seja do nosso interesse abordar a contribuição de Freud sobre o tema específico.

No presente momento, nossa atenção deve se voltar para dois antecessores de renome: Pierre Paul Broca e Carl Wernicke. O francês fora pioneiro, nos anos de 1860, no estudo da manifestação afásica que com justiça levaria o seu nome. A afasia de Broca caracteriza-se pela perda da fala, apesar da capacidade funcional normal dos órgãos da articulação. Cerca de dez anos se passariam até que o alemão Carl Wernicke, pai do distúrbio que viria a imortalizá-lo também recebendo seu nome, descrevesse um quadro cujos traços envolviam a perda da compreensão da linguagem falada, ainda que o sujeito preservasse sua audição em perfeito estado. Nestes dois casos, conforme relatam Kaplan-Solms & Solms (2005), o método anátomo-clínico servia de base para que se pudesse desvendar as localizações cerebrais tanto da função mental da vocalização simbólica como da função de compreensão verbal. Coube ao estudo das afasias, portanto, ser espécie de vetor principal de expansão na utilização do método anátomo-clínico e, mais ainda, da prática de localização de funções cerebrais.

havido perda de massa encefálica. Ainda que num primeiro momento se pudesse sugerir ausência de seqüelas, constatou-se eventualmente significativa alteração no comportamento.

Leitura, escrita, movimentos especializados, reconhecimento visual. As décadas de 1860 e 1870 testemunharam a expansão “a todo vapor” daquilo que Kaplan-Solms & Solms (2005) denominam “fisiologia *mecanicista*” (p. 30), abordagem da qual, segundo os autores, Freud afastar-se-ia a partir de 1885, quando de sua viagem a Paris.

Feitas as devidas explanações acerca do método anátomo-clínico, seu surgimento na neurologia e sua eventual utilização com o intuito de localizar funções cerebrais – ou, nas palavras de Garcia-Roza (2004), “a redução das funções do sistema nervoso a regiões anatomicamente determinadas” (p. 20) –, temos agora em nossas mãos o substrato a partir do qual podemos finalmente tratar das diferentes modalidades de sua aplicação francesa e alemã.

1.2.2

As Escolas Francesa e Alemã de Neurologia

Iniciamos o capítulo afirmando que os fundamentos mais básicos para a investigação neurológica eram essencialmente os mesmos nos dois principais centros europeus – a escola alemã de neurologia e a sua correspondente francesa. Com esta aferição, referimo-nos simplesmente ao fato de que, em qualquer parte da Europa onde se estudasse neurologia, a premissa metodológica era obrigatoriamente anátomo-clínica. É certo que havia, contudo, diferenças significativas que, postas simplificada, expressar-se-iam na ênfase conferida à equação *anátomo-clínica* por cada uma das escolas. Na França, Charcot pendia a balança de seu trabalho para o aspecto clínico, enquanto que na Alemanha, a escola de neurologia que levava o nome do médico, físico e matemático Hermann von Helmholtz, inclinava-se fortemente sobre premissas anatômicas.

Em resumo, o objetivo primordial da ciência neurológica alemã era desenvolver teoria anatômica e fisiológica. O material clínico servia ao propósito secundário de demonstrar e confirmar a teoria anatômica e fisiológica existente. De acordo com isso, os fatos clínicos estavam subordinados às teorias anatômica e fisiológica, abordagem que refletia os amplos ideais da escola de medicina de Helmholtz. (Kaplan-Solms & Solms, 2005 p. 28)

Podemos afirmar, portanto, que, na sua modalidade germânica, o equilíbrio anátomo-clínico de forças favorecia a anatomia em detrimento da

clínica. Até aqui fatos indiscutíveis, amplo consenso. A natureza e profundidade de tal favorecimento alemão, por outro lado, não goza do mesmo tipo de unanimidade que a afirmação genérica sobre “uma ênfase maior para o aspecto anatomo-fisiológico”. Tomemos por exemplo os últimos autores citados em nossa dissertação. Kaplan-Solms & Solms (2005) afirmam que, na prática neurológica alemã, o material clínico servia apenas “ao propósito secundário de demonstrar e confirmar a teoria anatômica e fisiológica” (p. 28) vigente. Tal emissão de juízo fundamenta-se nos ideais da escola de Helmholtz e seu projeto de biofísica referente aos anos de 1847-48. Os autores citam Paul David Gustav du Bois-Reymond, em texto de 1842, para ilustrar as diretrizes da escola alemã²⁷:

Não há outras forças ativas além das físicas e químicas comuns, dentro do organismo. Naqueles casos que, neste momento, não possam ser explicados por essas forças, temos de encontrar sua forma ou modo de ação específica através do método físico-matemático, ou admitir novas forças tão respeitáveis quanto as forças físico-químicas inerentes em questão, reduzíveis às forças de atração e redução. (du Bois-Reymond, citado por Kaplan-Solms & Solms, 2005 p. 28)

De fato, pensar a prática da escola de Helmholtz a partir dos ideais amplamente divulgados no momento de sua fundação nos leva a uma inevitável conclusão: os dados clínicos não desfrutavam da mais remota credibilidade no trajeto investigativo – certamente nada próximo de uma justa proporção aos dados anatômicos e fisiológicos. Ocorre que o foco de atenção aqui não deve ser propriamente um histórico da neurologia germânica. Lembremo-nos de que, tanto o nosso interesse quanto o dos autores de *Estudos Clínicos em Neuropsicanálise* é, em última análise, a pessoa e a obra de Sigmund Freud. Ora, de acordo com seu biógrafo oficial (Jones, 1975), a carreira do futuro “pai da psicanálise” enquanto médico neurologista se estende de 1883 a 1897. Não seria o caso de aqui questionarmos a validade de uma descrição de quarenta anos? Oriunda, diga-se de passagem, não do relato fiel de uma prática já consolidada, mas das pretensões utópicas de um grupo formado por quatro jovens e promissores médicos? Pois é precisamente este o foco da crítica de Frank Sulloway (1992), autor de *Freud, biologist of the mind*. Embora suas objeções não sejam direcionadas à Kaplan-

²⁷ Ainda que tenha entrado para a História simplesmente como “escola de Helmholtz”, a escola alemã de medicina firma-se sobre os nomes de mais três pais-fundadores principais. São eles: du Bois-Reymond, Ernst Wilhelm von Brücke e Carl Ludwig. (Sulloway, 1992). O autor afirma ainda que o grupo era indiscutivelmente liderado por du Bois-Reymond, apesar da imortalização sob a égide de Helmholtz.

Solms & Solms nominalmente – o que seria impossível de qualquer forma, considerado o intervalo de treze anos entre a publicação das edições consultadas – tendo como foco principal autores como Peter Amacher e o próprio Ernest Jones, Sulloway (1992) argumenta que, mesmo na medicina alemã, diretrizes tais como as concebidas na década de 1840 já não mais vigoravam havia pelo menos dez anos – tomando aqui como referencial o ano de ingresso de Freud na neurologia: 1883. Enumerando o que ele denomina “mitos da escola de Helmholtz”, Sulloway (1992) recorre a Paul F. Cranefield:

De acordo com a forma mais extremada desse mito em particular, Freud encontrava-se submetido a duas forças conflitantes, a saber, sua fidelidade às explicações mecanicistas e moleculares [influência da escola de Helmholtz] e o seu desejo de forjar uma nova maneira de se compreender a mente – psicológica – livre dos entraves de um materialismo limitado e ingênuo. (Cranefield, citado por Sulloway (1992) p. 65)²⁸

Eis, portanto, mais algumas boas razões para nossa precaução explicitada na primeira parte desse capítulo, referente ao *Zeitgeist* oitocentista. Estamos lidando, aqui, com um período de grandes inovações científicas. Uma neurociência pueril – no sentido estrito, não pejorativo – e uma psicanálise em estágio embrionário, ainda somente como esparsas intuições na mente de seu criador. Conforme vemos agora, o século XIX – contemplado em sua total extensão temporal e no que diz respeito à neurologia – de fato não nos serve como exemplo do “ápice histórico” de um paradigma mecânico, nem mesmo onde seria de praxe julgar que assim fosse. Por outro lado, dizer tratar-se o período de um paraíso já liberto das garras de um *tic-tac* fetichista seria demais! Decorre ainda disso a inapropriação já ressaltada em se pensar Freud como espécie de herói solitário no panteão do anti-mecanicismo.

Deixemos bem claro, contudo: nossa intenção aqui não é de modo algum questionar a inclinação anatômica e fisiológica presente na modalidade anátomo-clínica germânica. As diferenças com a prática francesa realmente existiam, e eram bastante visíveis ainda nos anos da visita de Freud a Paris. Nossa presente exposição tem por objetivo tão somente demonstrar que apostar na rígida

²⁸ No original: “According to the extreme form of this particular myth, Freud was subjected to two conflicting forces, namely his allegiance to mechanistic and molecular explanation [the Helmholtz school’s influence] and his desire to forge a new way of looking at the mind, a psychological way free from the entanglements of narrow and naïve materialism.”

ingenuidade alemã seria em última análise indício da nossa própria. Por fim, é sempre muito proveitoso recobrar a luz típica das obviedades mais patentes – e que por isso mesmo muitas vezes passam despercebidas: a herança cultural pessoal *austríaca*, e portanto com fortes vínculos germânicos, do próprio Freud.

O que podemos – e devemos – afirmar sobre a diferença nas modalidades de aplicação anátomo-clínica dentre os seguidores de Charcot e Helmholtz é o que julgamos apropriado nomear de “hierarquia metodológica”. Se, por um lado, é injusto atribuir aos alemães contemporâneos de Freud um comprometimento integral para com um mecanicismo total dos primeiros dias do programa de biofísica, tampouco merecem os franceses um radicalismo inversamente direcionado. Ora, o próprio Freud – que conforme já observamos fazia questão de deixar bem claro que a inclinação clínica presente no método francês não implicava de modo algum na negligência dos fatores fisiológicos – dirá ainda que:

Charcot nunca se cansava de defender os direitos do trabalho puramente clínico, que consiste em ver e ordenar as coisas, contrariamente às intromissões da medicina teórica. Numa ocasião, havia um pequeno grupo nosso, todos estudantes estrangeiros, que educados na fisiologia *oficial* alemã, estávamos testando sua paciência com nossas dúvidas sobre suas inovações clínicas. “Mas isso não pode ser verdade”, objetou um de nós, “isso contradiz a teoria do Young-Helmholtz [sobre a visão].” Charcot não respondeu como haveria sido de se esperar: “tanto pior para a teoria, os fatos clínicos vêm em primeiro lugar”; mas disse algo que nos impressionou muito: “A teoria é boa, mas não impede que as coisas existam.” (Freud, [1893a] 1981 v. 1 p. 31)²⁹

“A teoria é boa, mas não impede que as coisas existam.” É sem receio de precipitação que afirmamos tratar-se aqui de uma das mais importantes citações desse trabalho. Traz em si subentendida algumas diretrizes sem as quais acreditamos que uma investigação sequer seria merecedora de atenção. Ela indica, sobretudo, a “imunidade” do seu proferidor referente à inversão de raciocínio da qual tratamos na primeira parte do capítulo. Dizer que uma teoria não impede que as coisas ocorram implica na aceitação da primazia da realidade sobre a teoria, premissa que deveria ser auto-evidente para qualquer investigador. É como dizer:

²⁹ No original: “Charcot no se fatigaba nunca de defender los derechos de la labor puramente clínica, consistente em ver y ordenar, contra la intervención de la medicina teórica. Em uma ocasião, nos reunimos en su visita unos cuantos médicos y estudiantes extranjeros, penetrados de respeto a la fisiología ‘oficial’ alemana, que acabamos por irritarle levemente, discutiendo sus novedades clínicas. ‘Eso no puede ser – observo uno de nosotros –, pues contradice la teoría de Young-Helmholtz.’ Charcot no respondió como hubiera sido de esperar: ‘Tanto peor para la teoría. Los hechos clínicos tienen primacía.’ Pero pronuncio una frase que nos impresionó intensamente: ‘La théorie c’est bon, mais ça n’empêche pás d’exister.’” – Obituário de Charcot.

“Nada do que sejamos capazes de afirmar sobre ela jamais chegará aos pés de tudo aquilo que ela está apta a dizer de si mesma.” E mais: aproveitando esta nossa última analogia, não se trata aqui de demolir a nossa capacidade de perceber e discorrer sobre as coisas, muito pelo contrário – “a teoria é boa”, de fato. Trata-se, isto sim, de jamais perder de vista que ela *só é boa na medida em que está em conformidade com o real*, na medida em que se apresenta enquanto representação satisfatória dos “hábitos da natureza”. A hierarquia é clara: a autoridade do real vem em primeiro lugar.

Sendo o nosso objetivo atingir o máximo da imparcialidade possível na descrição das diferenças entre as escolas continentais de neurologia na segunda metade do século XIX, optamos, portanto, pela expressão “hierarquia metodológica”. De maneira bem simples e direta, parece-nos bastante apropriada. Na França, partia-se da observação clínica – apenas provisoriamente independente de um correlato anátomo-fisiológico identificável. Já na Alemanha, o caminho investigativo era precisamente o oposto: a partir do que já era sabido dos domínios da anatomia e fisiologia, obter-se-ia o ponto de partida para uma compreensão dos fatos apresentados no contexto clínico. À primeira vista, não seria nada difícil perceber as possíveis vantagens e desvantagens inerentes a cada uma das modalidades de aplicação do método anátomo-clínico. Mais ainda: como não pensar no vasto leque de possibilidades de colaboração entre neurologistas de ambos os países, cada qual conferindo o parecer detalhado de acordo com as inclinações da pesquisa local? Vale afirmar que assim ocorreu, por algum tempo. A proximidade e vantajosa complementaridade entre as escolas, no entanto, veria a sua segurança abalada com a emergência de um novo grupo de doenças.

De acordo com Kaplan-Solms & Solms (2005), as neuroses – sobretudo histeria e neurastenia – foram responsáveis pela ampliação do vácuo na contribuição mútua entre as escolas. Lidava-se, neste cenário, com patologias cujos sinais e manifestações sintomáticas não apresentavam nenhum correlato observável após conclusão da autópsia. Simplesmente não havia lesões demonstráveis. Considerando que já compreendemos bem o que é o método anátomo-clínico e suas variantes européias, concluir o que sucedeu é tarefa simples: a prática francesa não se viu muito abalada. Tratava-se, certamente, de um fenômeno curioso, mas ainda assim um fenômeno sem qualquer fator que realmente fosse impeditivo ao seu estudo. O mesmo não podia ser dito da situação

em que se encontravam os alemães. Na escola de Helmholtz “o problema era quase insolúvel” (Kaplan-Solms & Solms, 2005 p. 31). A solução encontrada por neurologistas alemães vinha, de um modo geral, sob a forma de teorias especulativas elaboradas, porém nada convincentes, ou da pura e simples negação da existência da doença. Seria criminoso de nossa parte não ressaltar aqui como a postura de negar a doença em função da ausência de correlações anatômicas é a antítese perfeita do que vimos na última citação de Freud, referente ao obituário de Charcot. A admiração pela nobreza do mestre francês, que poderia ter simplesmente afirmado “azar para a teoria, os fatos prevalecem”, no entanto limitou-se a negar o poder divino de uma abstração humana – foi basicamente isso o que ele fez – é mais do que compreensível. O que pensar da afirmação oposta? Ou, posto mais adequadamente, da postura que se subentende da afirmação oposta? Não teríamos com esse exemplo uma bela ilustração daquilo que anteriormente denominamos “mutilação do real”, em função de um recorte previamente selecionado?

Dentre as elucidações que anteriormente enumeramos como sendo necessárias à compreensão aprofundada do método anátomo-clínico, ainda nos resta uma de suma importância: as expectativas sobre o correlato anatômico e fisiológico na escola francesa, considerando que não eram propriamente negligenciados em momento algum. Como tratado anteriormente, foi nas décadas de 1860 e 1870, com o avanço no estudo das afasias – possibilitado pelo método anátomo-clínico – que a doutrina da localização anatômica das funções cerebrais ganhou força. Talvez fosse de se esperar que, da experiência com Charcot na Salpêtrière, Freud fosse buscar os nutrientes principais para a sua eventual crítica ao localizacionismo limitado.³⁰ Curiosamente, assim não procedeu. Em momento algum pretendemos diminuir a importância de Charcot, que sem dúvida foi crucial na demonstração do trabalho clínico. Não obstante, devemos aqui recordar de algo que foi afirmado já nas primeiras frases deste tópico de nosso texto: os fundamentos mais básicos nas escolas francesa e alemã eram precisamente os mesmos. A tão comentada ênfase clínica francesa em momento algum deixava de ser ênfase clínica *na correlação anátomo-clínica*. Em citação prévia, Charcot afirmara que a localização da lesão no Mal de Parkinson permaneceria enquanto

³⁰ Abordaremos mais adiante o assunto tratado por Freud em *A Interpretação das Afasias* ([1891] 1970)

um projeto futuro, mas eis que havia tal projeto futuro. Comparada à neurologia alemã, a francesa era de fato mais independente no método investigativo, porém até certo ponto co-dependente nos alicerces mais fundamentais.

Um tópico que em muito pode nos ajudar a compreender melhor o posicionamento francês diante da identificação e localização de correlatos anatômicos é o envolvimento de Charcot com a micro-anatomia. O fato é que a exploração micro-anatômica foi mais uma importante contribuição de Charcot para o “original” método anátomo-patológico (Goetz, Bonduelle & Gelfand, 1995) do qual já tratamos. Pois bem, juntemos a esta nova informação um breve esclarecimento: quando destacamos a ausência de lesões observáveis mediante a autópsia de pacientes que apresentavam quadros de histeria e neurastenia, não devemos disso concluir – ao menos não *ainda*, e certamente não no que diz respeito à escola francesa de neurologia sob o comando de Charcot – que a existência mesma de tais lesões já então se encontrasse em xeque. Da ausência de lesões observáveis não se inferia a ausência de lesões, apenas constatava-se a impossibilidade de encontrá-las. Vejamos um trecho da publicação *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas* (Freud, [1893b] 1987). Aqui, Freud procura esclarecer a natureza da lesão em questão, abordando a concepção de Charcot referente à lesão dinâmica e suas implicações.

Qual poderia ser a natureza da lesão, na paralisia histérica, que define a situação sem respeitar a localização ou a extensão da lesão ou da anatomia do sistema nervoso? Em diversas ocasiões ouvimos M. Charcot dizer que se trata de uma lesão cortical, mas uma lesão puramente dinâmica ou funcional. Esta é uma tese cujo aspecto negativo podemos entender facilmente: equivale a afirmar que nenhuma modificação tecidual detectável será encontrada *post mortem*. Mas, no seu aspecto positivo, sua interpretação está longe de ser inequívoca. Afinal, o que é uma lesão dinâmica? Tenho bastante certeza de que muitos daqueles que leram as obras de M. Charcot acreditam que uma lesão dinâmica é realmente uma lesão, contudo uma lesão da qual, após a morte, não se encontra nenhum vestígio, tal como um edema, uma anemia ou uma hiperemia ativa. Contudo, esses sinais, embora não necessariamente possam persistir após a morte, são lesões orgânicas verdadeiras, mesmo que sejam mínimas e transitórias. As paralisias partilhavam das características das paralisias orgânicas. (Freud, [1893b] 1987 vol. 1 p. 187-188)

Logo a seguir, Freud posiciona-se firmemente contra a idéia de afecções orgânicas transitórias, mas o que nos interessa aqui é identificar precisamente o traço presente na prática francesa referente às lesões não encontradas na autópsia

de pacientes histéricos. Por volta da segunda metade da década de 1880, tanto Freud como Charcot eram da opinião de que “o conhecimento anátomo-clínico das doenças estruturais do sistema nervoso estava mais ou menos completo” (Kaplan-Solms & Solms, 2005 p. 32). A crítica à ideia de lesões dinâmicas, referente ao texto de 1893 supracitado, já vem permeada pela influência de John Hughlings Jackson, a quem voltaremos mais adiante neste trabalho.³¹ Por hora, o que pretendemos é apontar que Charcot seguia em sua descrição clínica dos quadros, acreditando ser uma questão de tempo até que avanços nas técnicas de observação micro-anatômicas permitissem a localização da lesão. Pois é precisamente nesta medida que podemos falar em ênfase clínica sem negligência alguma do aspecto anatômico. Postulava-se a existência de uma lesão – dinâmica – cuja base de explicação era perfeitamente análoga a de um conjunto de lesões já conhecidas e propriamente orgânicas – edema, anemia ou hiperamia ativa – no caso das paralisias histéricas. A descoberta de tais lesões viria em breve, decorrente do mero aperfeiçoamento técnico de uma prática já bem estabelecida. Dito de outra forma, não havia a necessidade de se criar nada essencialmente novo. Se, por um lado, na Alemanha podia-se chegar ao ponto de negar a doença em função da teoria, na França os novos fatos clínicos também não chegaram a pôr contra a parede o arcabouço anátomo-fisiológico já consolidado.

Jamais devemos subestimar, no entanto, que parte significativa das razões da discordância de Freud com Charcot provinha do aumento de sua experiência clínica no período. E a importância agora conferida à clínica era, por sua vez, herança indiscutível do legado francês. Portanto, ainda que o respaldo teórico para a crítica de Freud ao localizacionismo não tenha encontrado nas idéias de Charcot um bom lugar para fincar suas raízes, o mesmo certamente não pode ser dito de sua metodologia de trabalho. Trata-se de uma bela ilustração do pupilo a superar o mestre. Ainda melhor, referente à imagem que vai ao encontro do nosso título: é o caso daquele que, da altura dos ombros do gigante, foi capaz de enxergar ainda mais longe.

Acreditamos, assim, termos feito uma exposição satisfatória do método anátomo-clínico – seu surgimento, evolução, aplicação e peculiaridades de

³¹ Abordaremos o tópico mais detalhadamente quando estivermos centrados nas influências pessoais sobre Freud no campo da neurologia. Vale relembrar que *A Interpretação das Afasias*, principal via de crítica ao localizacionismo, data de 1891.

aplicação nas escolas francesa e alemã de neurologia clássica. Tentamos ao máximo lançar mão das explicações mais detalhadas, sempre que possível recorrendo a exemplos, com o intuito central de evitar conclusões precipitadas, cujas ameaças se fazem presente sobretudo no que diz respeito às inclinações na forma de cada escola guiar a neurologia. Não, os alemães não baseavam a sua prática médica sobre os alicerces de um mecanicismo radical de décadas anteriores; tampouco da clínica francesa podemos afirmar ter sido via principal para o surgimento da idéia de um “psicológico” conceitualmente dissociado do anátomo-fisiológico. Durante o período em que estive sob forte influência do mestre Charcot, “Freud não distinguia absolutamente entre psicologia e fisiologia” (Kaplan-Solms & Solms, 2005 p. 32-33). A mudança nesse sentido viria poucos anos mais tarde, já sendo aqui creditada, porém, ao contato com a obra de Hughlings Jackson e da neurologia britânica.

Freud & Brentano – mais que um Flerte Filosófico

Dissemos, anteriormente, que Franz Brentano era figura merecedora de um capítulo inteiro dessa dissertação. Chega o momento de aqui abordarmos o filósofo “cujo impacto na vida dos estudantes foi dramático [...], responsável por inspirar duradoura e contemplativa devoção à verdade, à filosofia e à sua figura ‘alheia a este mundo’, transcendental” (Cohen, 2002 p. 89)³². Eis uma bela citação de abertura para um capítulo que será muito especial sob os mais diversos aspectos. Passemos agora à breve enumeração de alguns deles, que serão aprofundados no decorrer das próximas linhas. Como sugerido no título, o legado filosófico remete-nos diretamente a Brentano. Não que o bom professor possa se gabar aqui de total exclusividade, mas o fato é que o leque filosófico de Freud, referente ao nosso período de interesse, encontra na pessoa de Franz Brentano seu eixo de gravidade. Não apenas o jovem Sigmund foi aluno e discípulo do mestre neoescolástico antes mesmo de formar-se médico – chegando a frequentar sua residência com objeções em punho às suas ideias, ainda que lhe nutrido profunda admiração pessoal e intelectual –, como o contato com outras fontes filosóficas – sendo o principal deles referente à obra de John Stuart Mill – é dívida inegável para com o precursor da fenomenologia. Brentano surge ainda como primeira personagem, no percurso Freudiano, a se ocupar objetivamente dos fenômenos *estritamente* psicológicos, conforme trataremos. Firmemente ancorado no *crème de la crème* da tradição ocidental, ergueu-se sobre os gigantes tombados do passado, contemplou os domínios da mente e teve a ousadia – que não deve jamais ser tomada por ingenuidade – de procurar conferir resposta à mais fundamental das perguntas: *quid est?*

Todo fenômeno psíquico é caracterizado pelo que os Escolásticos da Idade Média chamavam de inexistência³³ intencional (ou mental) de um objeto, e o que nós podemos chamar, ainda que com expressões não inteiramente inequívocas, a

³² No original: “... whose impact on the lives of his students was dramatic. He is said to have inspired lasting and contemplative devotion to truth, philosophy and his own, otherworldly presence.” Notar que o termo “otherworldly” é de difícil tradução para o Português. Optamos por “transcendental”, “alheia a este mundo”.

³³ A palavra “inexistência”, neste caso, não deve ser compreendida como “ausência de existência”, mas como “existência interna”, existência em algo / (in)-existência.

referência a um conteúdo, a direção até um objeto (que não deve ser compreendido aqui enquanto coisa real), ou a objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si algo como seu objeto, ainda que nem todos do mesmo modo. Na representação há algo representado, no juízo há algo admitido ou rechaçado, no amor amado, no ódio odiado, no desejo desejado etc. (Brentano, 1995 p. 68)³⁴

O caráter “especial” deste capítulo revela-se ainda sob um outro ponto fundamental. Assumiríamos uma postura um tanto quanto exagerada, caso optássemos aqui pela palavra “negligência”, com a finalidade de ilustrar a atenção conferida à relação entre Freud e Brentano. De fato, o tópico em questão não chega a ser propriamente ignorado. Qualquer pesquisador cujo trabalho seja voltado para os domínios psicanalíticos e pré-psicanalíticos há de concordar, todavia, que, dentre os nomes que compõem nossa fileira de gigantes, o de Brentano certamente surge como o mais apagado. No que diz respeito ao mestre neoescolástico, a bibliografia ganha apenas no quesito humildade: não satisfeita em se apresentar consideravelmente reduzida, pode-se ainda dela afirmar um caráter, digamos, mais repetitivo que o desejado. Leia-se: ao consultar um único artigo recente que procure tratar exaustivamente do assunto, o estudioso muito provavelmente encontrará em suas referências parte significativa da totalidade de nomes dos seus “companheiros de empreitada”. Ora, mas que diante disso não desanimemos! Pois se por um lado a mata virgem ergue-se intimidadora sobre o trajeto planejado, apresenta-se simultaneamente enquanto grande oportunidade para a originalidade, no desbravamento de terras “desconhecidas”. Nossa última citação, por exemplo, retirada do livro *Psychology from an empirical standpoint*, publicado por Brentano em 1874 – precisamente o mesmo ano do primeiro encontro com Freud –, surge em praticamente todas as fontes consultadas sobre o tema. Seja integralmente ou sob a forma de simples alusão explicativa, a passagem é presença obrigatória; em breve, teremos a chance de analisá-la mais detidamente. Por hora, tomemos como ponto de partida o ano de 1874 – marco

³⁴ No original: “Every mental phenomenon is characterized by what the Scholastics of the Middle Ages called the intentional (or mental) inexistence of an object, and what we might call, though not wholly unambiguously, reference to a content, direction toward an object (which is not to be understood here as meaning a thing), or immanent objectivity. Every mental phenomenon includes something as object within itself, although they do not all do so in the same way. In presentation something is presented, in judgment something is affirmed or denied, in love loved, in hate hated, in desire desired and so on.”

temporal inicial de nossa linha de pesquisa e, sem sombra de dúvidas, acolhedor de uma dentre as mais importantes primaveras da psicologia moderna.

2.1

O Encontro com Franz Brentano

“Ponto de partida” nos serve aqui como expressão muito apropriada, e em mais de um sentido. Não apenas referindo-se à origem cronológica do nosso atual período de interesse, tais palavras remetem ainda à “mais primária das fontes” quando o assunto é a relação entre Freud e Brentano, principal sustentador de qualquer intenção que vise a aproximação entre o pai da psicanálise e o filósofo ‘fiel à Aristóteles’” (Garcia-Roza, 2004 p. 57). Seja lá qual for a pretensão que orbita a relação em questão, estará mortalmente ferida caso não tome como pedra fundamental a correspondência entre o então jovem estudante de medicina e seu amigo de infância, Eduard Silberstein (Freud, 1995)³⁵. Não se trata de afirmar, aqui, a impossibilidade de se discorrer sobre a relação na ausência das cartas. De fato, um dos primeiros passos mais significativos rumo à interlocução Freud / Brentano é dado já nos anos 1940 – quase meio século, portanto, antes da primeira publicação da correspondência – por Philip Merlan, no artigo *Brentano and Freud* (1945), frequentemente citado em documentos posteriores. Não obstante, se por um lado o material presente já nesta década permite-nos inferir o interesse de Freud por Brentano, é apenas tendo em vista o intercâmbio com Silberstein que passamos a poder afirmar – e com significativo grau de certeza e facilidade – toda a dimensão deste interesse.

Não há neste posicionamento exagero algum. Sustenta-se firmemente quando confirmamos, tomando por base artigo do filósofo mexicano Mauricio Beuchot, *Aristóteles y la Escolástica en Freud a través de Brentano* (1998), que uma das primeiras tentativas de aproximação efetiva entre ambos resultou em fracasso. De acordo com o autor, Maria Dorer, em seu *Historischen Grundlagen der Psychoanalyse*, de 1932 (anterior em décadas à primeira publicação da correspondência com Silberstein), conclui ser impossível comprovar quaisquer relações diretas entre Freud e Brentano que não fossem “puramente de caráter

³⁵ De acordo com Walter Boehlich (o organizador do material), os originais foram adquiridos nos últimos anos da década de 1970. A primeira publicação data de 1989.

peçoal” (Merlan, 1945 p. 345)³⁶. Em seguida, Merlan alega não ser nada fácil compreender precisamente o que Dorer tinha em mente ao optar pelas palavras “puramente de caráter pessoal”. Ora, uma leitura atenta não deixará passar despercebida a constatação – talvez tragicômica – de que, na data referente ao escrito de Maria Dorer, Freud ainda respirava a plenos pulmões! Já não mais gozava da saúde dos dias de juventude, é verdade, mas mantinha-se lúcido e produtivo. Não teria sido o caso de consultá-lo?

Visando a uma compreensão aprofundada das circunstâncias referentes ao ponto de origem do encontro (o ano de 1874), precisamos nos afastar um pouco dele. Avancemos brevemente em cinco anos na nossa linha do tempo. Estamos em 1879, e Franz Brentano participa de uma festa cuja lista de convidados inclui o nome de Theodor Gomperz, responsável pela tradução para a língua alemã das obras completas de John Stuart Mill. Gomperz precisa de um tradutor para o próximo volume, a ser publicado no ano seguinte, o décimo segundo. Ao questionar o gigante inspirador de “duradoura e contemplativa devoção à verdade” (Cohen, 2002 p. 81) acerca de um bom candidato para o desempenho da tarefa, obtém de Brentano precisamente o nome impresso na capa desta dissertação: Sigmund Freud, um estudante de medicina. Eis a sua indicação (Merlan, 1945). Diga-se de passagem: a sugestão foi aceita por Gomperz, e Freud, por sua vez, não deixou a oportunidade passar. A tradução alemã do volume XII – publicado em 1880 – leva a sua assinatura. Freud debruçou-se sobre a “tradução laboriosa” (Molnar, 2002 p. 115) ao longo do ano de 1879, burlando através dela o tédio encontrado no serviço militar (Jones, 1975). Há dois pontos importantíssimos aqui: o primeiro, merecedor de atenção; o segundo, carente de elucidação.

Devemos seguir, primeiramente, os passos de autores como Beuchot (1998) e Barclay (1964), assegurando aos nossos próprios leitores a oportunidade de considerar o intervalo de tempo que então se estendia desde o último contato – na condição de professor e aluno – ocorrido entre Freud e Brentano. Em 1879, nosso jovem estudante prestes a se tornar médico (Freud formou-se em 1881) já

³⁶ No original: “purely personal in character”. A afirmação de Beuchot referente à Maria Dorer firma-se sobre o artigo de Philip Merlan: *Brentano and Freud* (1945). Neste ponto, elegemos Beuchot por uma razão muito simples: seu artigo, ao contrário do de Merlan, já data de período em que a correspondência com Silberstein havia sido publicada. Serve-nos melhor, portanto, uma vez que o objetivo agora é demonstrar a importância de tal publicação.

não mais integrava o grupo de pupilos do mestre havia três anos. Ao considerarmos ainda que Brentano certamente não sofria nenhuma “escassez de alunos” – e mais, não há nada intrinsecamente ligado à indicação de um tradutor que forçasse Brentano a ter de optar por um nome restrito ao universo dos seus pupilos –, podemos concluir que o contato entre ambos não foi propriamente passageiro. A impressão deixada por Freud em Brentano, de acordo com o que vimos até aqui, foi certamente muito boa.

No que diz respeito ao segundo ponto, vejamos: uma vez que nosso atual objetivo é dar início à exposição da relação Freud / Brentano partindo do primeiro encontro em 1874, por que razão migramos repentinamente para 1879, invocando ainda o nome de Stuart Mill e Theodor Gomperz? É simples. Sabemos que um pioneiro passo rumo à aproximação de nosso interesse foi dado por Philip Merlan (1945). Ocorre que, dentre as principais fontes para a elaboração do artigo, encontrava-se um dos professores do próprio Merlan, Heinrich Gomperz. Sim, o sobrenome já nos é familiar. Trata-se do filho de Theodor Gomperz, responsável pela publicação das obras completas de John Stuart Mill em língua alemã e, ainda, amigo de Franz Brentano. No ano de 1932, Heinrich envia carta a Freud, com o intuito de obter mais informações sobre a relação que seu pai havia mantido com o já então famoso criador da psicanálise. A resposta data de 9 de junho do mesmo ano, e é por meio dela que ficamos sabendo da festa em que Brentano teria indicado o seu nome ao pai do remetente. E daqui podemos tirar duas conclusões importantes: a primeira diz respeito à acessibilidade de Freud, que respondeu prontamente à carta do filho do sujeito que o havia contratado 53 anos antes. E a segunda: ele não aparentava ter qualquer objeção quanto a tocar no nome de Brentano. Vale lembrar que 1932 é precisamente o ano da publicação de Maria Dorer, na qual ela afirma não ser possível ir muito longe na aproximação entre Freud e seu antigo professor.

A partir deste ponto, é como se Philip Merlan tivesse “tomado gosto pelo assunto”. Pois eis que sua pesquisa não para com o primeiro artigo. Passados quatro anos, o autor publica um novo trabalho, agora com o sugestivo título de *Brentano and Freud – A Sequel* (Merlan, 1949). Em sua “sequência”, presenteiamos com o resultado de um levantamento feito, a seu pedido, pelo professor Victor Kraft, da Universidade de Viena. Trata-se de uma espécie de “histórico escolar” de Freud, com o intuito específico de descobrir precisamente quando, por quanto

tempo e em que disciplinas, o futuro médico havia se posicionado ante o púlpito de Franz Brentano. Futuro *médico*! Este é um ponto fundamental. Como nos é muito bem lembrado por Aviva Cohen (2002), a Universidade de Viena já não mais estipulava a obrigatoriedade de disciplinas do curso de filosofia para estudantes de medicina em 1873, ano de ingresso de Freud no meio acadêmico. E disto concluímos que, ao se inscrever nos cursos proferidos por Brentano no ano seguinte, Freud o fez apenas por vontade própria. Vontade esta que se manteria inabalável na mesma direção pelos próximos 24 meses, diga-se de passagem. O que quer que Freud tenha encontrado nas aulas de Brentano, certamente em muito lhe apeteceu o espírito!

Passemos agora às disciplinas feitas com Brentano. Os 24 meses supracitados referem-se aos terceiro, quarto, quinto e sexto semestres da faculdade de medicina, estendendo-se através do período que vai do inverno de 1874/75 ao inverno de 1876/77. Nos terceiro, quarto e quinto semestres, Freud inscreveu-se nas “Leituras de textos filosóficos” de Brentano. Ainda no quarto semestre, frequentou suas aulas de “Lógica”. Por fim, no sexto semestre, foi a vez de “A filosofia de Aristóteles”. Além da já comentada não-obrigatoriedade das disciplinas filosóficas, eis um ponto trazido por Merlan em seu segundo artigo (1949), muito digno de nota: ao longo de toda sua formação médica, Freud jamais se matriculou em qualquer curso não obrigatório, à exceção dos proferidos por Brentano.

Acreditamos que as informações expostas até o presente momento já deveriam, por si mesmas, ter sido capazes de estimular um interesse maior sobre o assunto do que o comumente encontrado. O acesso às cartas enviadas por Freud ao amigo Silberstein, todavia, elimina qualquer possibilidade de dúvida que possa ainda perdurar.³⁷ Vejamos a primeira menção que Freud faz a Brentano em toda a correspondência. Data do dia 30 de outubro de 1874:

[...] e nas preleções do Brentano é que todos nós voltamos a nos encontrar. O Brentano está fazendo duas preleções, nas quartas e sábados à noite, questões metafísicas selecionadas e, nas sextas à noite, um escrito de Mill sobre o princípio da utilidade, que frequentamos regularmente. (Freud, [1874] 1995, p. 86)

³⁷ Aproveitamos a oportunidade para aqui esclarecer que o material da correspondência na verdade consiste apenas nas cartas enviadas por Freud, que por sua vez foram conservadas por Silberstein. Os escritos deste último ao amigo infelizmente se perderam. A publicação, no entanto, é farta em notas explicativas que quase sempre se saem muito bem no preenchimento de eventuais vácuos que possam dificultar a compreensão do leitor.

Este trecho nos é valioso por duas razões. Primeiramente, porque constatamos, aqui, a importância de Brentano no que diz respeito ao contato com a obra de Stuart Mill. Além do episódio referente à festa que culminou na tradução de um dos volumes de suas obras completas feita por Freud, descobrimos, agora, que, já no primeiro semestre com Brentano, Stuart Mill era o centro das atenções ao menos uma vez por semana. E por que insistimos tanto neste ponto específico? Notemos que, de um modo geral, quando se tenta promover algum intercâmbio entre este período da vida de Freud e a filosofia, os nomes de Brentano e de Stuart Mill são os mais comumente encontrados.³⁸ Dificilmente, no entanto, veremos um mesmo autor, no mesmo texto, abordar a influência de ambos. Há, naturalmente, exceções. Uma delas é o metapsicólogo brasileiro Luiz Alfredo Garcia-Roza (2004). No entanto, ainda que o último autor citado reserve partes específicas do primeiro volume de sua *Introdução à metapsicologia freudiana* a cada um dos dois filósofos aqui tratados, não chega a explicitar o vínculo – no que diz respeito a Freud, naturalmente – presente entre eles. Dito de outra forma: se já é raro encontrarmos os nomes de Stuart Mill e Franz Brentano unidos pela mesma obra, uma articulação entre os dois parece simplesmente inexistir. Tal articulação não será encontrada nas presentes linhas, uma vez que ultrapassa – e muito – as pretensões nelas contidas. Insistimos, contudo, na expressão escolhida previamente com o intuito de se referir ao mestre neoescolástico: “eixo de gravidade”. E isto porque, mesmo quando o foco do assunto é apenas Stuart Mill, aí também encontraremos, ainda que sob a forma do fruto do ensino – e, portanto, apenas indiretamente – a figura de Brentano.

A segunda razão que torna o trecho citado importante diz respeito à elucidação mais aprofundada referente ao que até agora conhecíamos sob o vago título de “Leituras de textos filosóficos”. Agora sabemos que, além da obra de Stuart Mill, no terceiro semestre da faculdade de medicina Freud estudou “questões metafísicas selecionadas” duas vezes por semana. E já que o assunto é metafísica...

Ficaria com pena se tu, o jurista, negligenciasses inteiramente, por exemplo, a filosofia, enquanto eu, um ímpio estudante de medicina e empírico, ouço duas preleções sobre filosofia e leio Feuerbach [...] uma delas trata – escuta e pasma! –

³⁸ Não são os únicos, é verdade. Geerardyn & Vivjer (2002), por exemplo, apontam a influência de Wilhelm Jerusalem e seu *The function of judgment*, na concepção do *Projeto de 1895* de Freud.

da existência de Deus, sendo que o professor Brentano, que as lê, é uma esplêndida pessoa, sábio e filósofo, embora ache necessário sustentar a diáfana existência de Deus com os seus pareceres. (Freud, [1874] 1995 p. 89)

O trecho acima encontra-se na carta de 08 de novembro de 1874. Do que devemos apreender destas linhas, surge a admiração por parte de Freud enquanto conclusão mais patente. Franz Brentano nos é apresentado aqui como filósofo sábio, uma pessoa esplêndida! Embora... haja o “problema” referente à sua postura diante do Criador. O momento nos é oportuno, portanto, para um aprofundamento – ainda que despretensioso, tendo em vista a finalidade do trabalho – sobre este aspecto do pensamento de Brentano. Não chegaremos, com isto, a relegar nosso tema central ao segundo plano. Como veremos, este traço de Brentano é recorrente nas cartas de Freud, tendo inclusive feito com que Mauricio Beuchot (1998) abrisse seu artigo com uma exposição neste sentido.

Quaisquer que tenham sido as razões, a filosofia na Universidade de Viena encontrava-se decadente durante a década [de 1870]. Foi o professor de Meinong, Franz Brentano, que reverteu esta situação dramaticamente. [...] uma profunda crise religiosa aos 17 anos o levou a optar pela filosofia [ao invés da matemática]. Para o jovem Brentano, filosofia e religião estavam intimamente entrelaçadas; dois anos após seu doutoramento, foi ordenado padre em 1864. (Lindenfeld, 1980 pp. 42-43)³⁹

Na ausência desta passagem, a compreensão devida do que diz respeito ao fascínio exercido por Brentano nos seria impossibilitada. Eis que o autor prossegue, afirmando que ele havia conferido a si mesmo uma missão de vida nada modesta: a filosofia de seus dias apresentava-se em franco declínio, “devido à excessiva orientação especulativa dos hegelianos, e só poderia redimir-se através da precisão e exatidão da ciência” (p. 43)⁴⁰. O neoescolástico afirmaria ainda ser o método da filosofia não outro senão o mesmo encontrado no domínio das ciências naturais. Sua reputação enquanto excelente professor seguia inabalável, e o maior reflexo disso é o estado no qual se encontravam as salas de aula, cenário de suas preleções: de acordo com Lindenfeld (1980), iam de muito cheias a

³⁹ No original: “Whatever the reasons, philosophy at the University of Vienna was recognized to be at a low point during this decade. It was Meinong’s teacher, Franz Brentano, who reversed this situation dramatically. [...] But a deep religious crisis at the age of seventeen led him instead to turn to philosophy. For the young Brentano, philosophy and religion were closely intertwined; two years after receiving his doctorate he was ordained as a priest in 1864.”

⁴⁰ No original: “due to the overly speculative orientation of the Hegelians, and could only be redeemed through the exactness and precision of science.”

completamente abarrotadas – daí termos dito anteriormente que Brentano jamais sofreu de “carência de pupilos”. Ainda assim, a comunhão constante entre filosofia e religião, apesar do nítido brilhantismo de seu promotor, não impediu que o mesmo tivesse de conviver com a desconfiança dos colegas. Estes, por sua vez, conferiram-lhe a alcunha de “jesuíta disfarçado”.⁴¹

Uma segunda crise religiosa o levou a abandonar a Igreja em 1873, mas o abandono ao qual aqui nos referimos diz respeito apenas à sua participação enquanto membro do clero. Brentano pôs de lado a batina, mas permaneceu um católico devoto.⁴²

Brentano era um empirista confesso. Ele sustentava que através de cuidadosa observação e induções rigorosamente fundamentadas era possível, partindo da experiência, elevar-se até às verdades absolutas e auto-evidentes que caracterizam a teologia e a metafísica. (Lindenfeld, 1980 p. 44)⁴³

Esta liberdade de movimentação entre domínios aparentemente antagônicos certamente surtia efeito sobre os alunos, e com Freud não foi diferente. É claro que o simples fato de empirismo e religião caminharem de mãos dadas em suas palestras, se considerado por si só, talvez não passasse de excentricidade ou mesmo puro charlatanismo, perante uma audiência de juízes-estudantes céticos e incrédulos. O que chamava a atenção era a clareza, o rigor lógico, seriedade e competência com que isto era feito. Em *Freud and the history of psychoanalysis* (p. 88) descobrimos que:

O interesse de Freud por Feuerbach surgiu no contexto de seu curso com Franz Brentano, um professor de filosofia que exerceu forte influência na carreira acadêmica de Freud. Freud deu início ao seu estudo profissional de psicologia com esses cursos, e a psicologia da religião era um foco particular do trabalho de Brentano. Freud intrigava-se não apenas com a sua magnética personalidade, mas ainda pelo curioso fato de Brentano ser um veemente partidário do mais radical e

⁴¹ Nossa fonte para tal afirmação continua sendo Lindenfeld (1980). Há, no entanto, ainda uma menção neste sentido em carta de Freud a Silberstein datada de 19/09/1875. “O filósofo Brentano [...] é uma pessoa de valor e de espírito, embora se diga que é um jesuíta, no que não posso crer, já que confio mais no meu próprio julgamento do que nas balelas de um senhor fulano de tal.” (Freud, [1875] 1995 p. 150). Em nota, Walter Boehlich – o organizador do material – explica que não apenas Brentano não era jesuíta como havia se desligado da Igreja em 1873. Freud fez bem, portanto, em não dar ouvidos ao que de fato não passava de “balela”.

⁴² As desavenças com a Igreja de Roma giravam sobretudo em torno do novo dogma, instituído no Concílio Vaticano I, em 1870: a infalibilidade papal. De acordo com Lindenfeld (1980), Brentano entendia ser esta nova postura da Igreja incompatível com a missão que ele havia atribuído a si próprio.

⁴³ No original: “Brentano was an avowed empiricist. He maintained that by careful observation and closely reasoned inductions one could move from experience to those self-evident and absolutely certain truths that characterized theology and metaphysics.”

científico empirismo inglês ao mesmo tempo em que permanecia um católico devoto. (Gelfand & Kerr, 1992 p. 88)⁴⁴

Destacamos, desta citação, três dados interessantes: o primeiro justifica nossa decisão pelo posicionamento privilegiado de Brentano referente ao contato de Freud com a filosofia – para além de Stuart Mill, o “magnetismo” do mestre também atrai Feuerbach para sua órbita. (2) Trata-se ainda de mais um trecho capaz de justificar o impacto de sua personalidade, embasando as afirmações presentes em nosso último parágrafo. Por fim, o tópico de nosso maior interesse: a psicologia. A insinuação neste sentido já fizemos nas linhas de abertura deste capítulo. Guardemos a elucidação para sua segunda parte, uma vez que merece ser o centro das nossas atenções. Vejamos mais uma passagem de carta de Freud ao amigo Silberstein, desta vez com data de 07 de março de 1875.

Com ele [Brentano], nós [Freud e um colega de faculdade] entramos em relação mais estreita, pois lhe enviamos uma carta com objeções, tendo ele nos convidado para o seu apartamento, onde nos provou o contrário. Pareceu encontrar algum interesse por nós [...] e agora, depois de lhe termos entregue uma segunda carta com objeções, nos intimou para uma nova visita à casa dele. Sobre este homem notável – ele crê em Deus, é teólogo (!) e darwiniano, e um cara malditamente arguto, até genial – e, sob diversos pontos de vista, ideal, irás ainda ouvir outras coisas, oralmente. Por agora, a novidade de me ter amadurecido, principalmente sob a atual influência de Brentano, a decisão de obter o meu doutorado de filosofia com base na filosofia e na zoologia; outras tratativas estão em andamento para promover o meu ingresso na faculdade de filosofia, ou no próximo semestre, ou no próximo ano. (Freud, [1875] 1995 p. 115)

Qualquer posicionamento no sentido de negar ou mesmo pôr em dúvida a amplitude da influência de Brentano sobre Freud, após a leitura de uma passagem como esta, carece totalmente de sustentação. Devemos, naturalmente, lançar o foco de nossa atenção, antes de mais nada, para o fato de o próprio Freud utilizar a palavra “influência”. E sim, admitimos que tal afirmação possa soar um tanto quanto óbvia e desnecessária, quando na verdade não o é. No livro organizado por Geerardyn & Vivjer (2002), *The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*, encontramos uma coletânea de artigos que nos foram de grande valia na

⁴⁴ No original: “Freud’s interests in Feuerbach emerged in the context of his course work with Franz Brentano, a professor of philosophy who exerted a strong influence on Freud’s academic career. Freud began his professional study of psychology with these courses, and the psychology of religion was a particular focus of Brentano’s work. Freud was intrigued not only by Brentano’s magnetic personality but also by the odd fact that he was an adherent of the most hard-headed and scientific of the English empiricists while at the same time remaining a devout Catholic.”

construção desse trabalho. Um deles é assinado por Franz Kaltenbeck, e leva o título de *On Freud's encounter with Brentano*, que por sua vez guarda forte – e proposital – semelhança com o nosso atual subtítulo. O rumo tomado pelo autor em questão, no entanto, diverge – e muito! – quando comparado às intenções contidas nestas linhas – e ainda com a quase totalidade de nossas outras fontes. Ao contrário de Lindenfeld (1980), por exemplo, e do próprio Brentano – que assegura a decadência da filosofia acadêmica vienense na década de 1870 –, Kaltenbeck (2002) define o referido ambiente universitário como

um solo fértil para ideias que poderiam mudar a vida de uma pessoa. De fato, era bem mais que um lugar para simples ensino e aprendizagem. As contingências que determinam o progresso científico eram compostas por encontros casuais. A ortodoxia estava em xeque. Uma mudança fundamental do discurso estava desabrochando. (Kaltenbeck, 2002 p. 101)⁴⁵

O senhor Kaltenbeck parece regozijar-se ante um cenário acadêmico que para Brentano e Lindenfeld (1980) indica precisamente a necessidade de urgente reforma. Não nos impressiona, portanto, que seu posicionamento seja claramente contrário a qualquer aproximação entre Freud e Brentano que aponte para a influência ou dívida – o que, ainda segundo o autor, justificaria sua escolha pela palavra “encontro” no título.

Talvez nos seja mais vantajoso observar a relação Freud-Brentano como um *encontro*, ao invés de compreendê-la em termos de uma influência ou enquanto dívida – ainda que nós tenhamos apenas o relato de Freud para embasar a nossa interpretação. (Kaltenbeck, 2002 p. 101 – o grifo é do autor.)⁴⁶

De fato, qualquer interpretação neste sentido encontra-se limitada ao relato do próprio Freud. E, precisamente por isto, é curiosíssimo “interpretar” a ausência de influência quando consideramos que o dito cujo utiliza exatamente esta palavra, e assim o faz por mais de uma vez! No nosso caso, uma vez que o presente subtítulo – “O encontro com Franz Brentano” – deve ser naturalmente interpretado à luz do título do capítulo que integra – onde falamos em “mais que

⁴⁵ No original: “the university of Vienna was a breeding-ground for ideas which could change a person's life. Indeed, it was far more than a place for simples teaching and learning. The contingencies which determine scientific progress were compounded by chance encounters. Orthodoxy was in jeopardy. A fundamental change of discourse was unfolding.”

⁴⁶ No original: “It is perhaps more helpful to view the Freud-Brentano relationship as an *encounter*, rather than viewing it in terms of influence or as debt – even though we have only Freud's account on which to base our interpretation.”

um flerte filosófico” – a ideia é outra. Mais ainda: ao contrário da anteriormente citada obra de Maria Dorer, a publicação de Franz Kaltenbeck não carece de referências às cartas enviadas a Silberstein. O nosso esforço e insistência no sentido de apontar a importância deste “encontro” com Brentano – antes de passarmos aos frutos propriamente ditos que dele se originaram – decorre, sobretudo, de posicionamentos como o apresentado por este autor. É interessante notarmos que uma excelente fonte da tendência nitidamente contrária à apresentada por Kaltenbeck encontra-se no capítulo imediatamente anterior do mesmo livro organizado por Geerardyn & Vivjer (2002). Aviva Cohen, com seu artigo *Franz Brentano, Freud's philosophical mentor*, já deixa transparecer na sua opção pelo título a ideia de que não tratamos, aqui, de um simples encontro. Um detalhe a ser considerado: este não é o único artigo de Cohen sobre a relação entre Freud e Brentano encontrado em nossa pesquisa, razão pela qual ainda retornaremos por diversas vezes ao seu nome. Autora de *The origins of Freud's theory of the unconscious: a philosophical link* (Cohen, 2000) – artigo no qual já cita as então recém-publicadas cartas para Silberstein em suas linhas de abertura – Cohen apresenta-se como fonte mais confiável para o assunto, quando comparada ao seu “vizinho” no supracitado livro de Geerardyn & Vivjer (2002). Não respaldamos tal julgamento exclusivamente na quantidade de publicações – ainda que isto seja indicador de interesse pela questão – mas sobretudo na convergência existente entre as suas considerações e as encontradas nas demais fontes consultadas.

Visando a uma conclusão satisfatória acerca da natureza deste relacionamento, que nos permita, avançar finalmente para o estágio seguinte – a sua contribuição à produção freudiana –, vejamos, partindo novamente de nossa “mais primária dentre as fontes”, um bom indício (para dizer o mínimo) de que a postura adotada pelo senhor Kaltenbeck em seu artigo (2002) será, na mais gentil das hipóteses, tendenciosa. É importante frisarmos que o caráter tendencioso ao qual nos referimos diz respeito unicamente à avaliação feita pelo autor no tocante à relação Freud / Brentano e suas consequências. Leia-se: não é nossa intenção generalizar conclusões que venham a comprometer o artigo em sua totalidade. Mais ainda: debruçamo-nos aqui sobre um recorte temporal muito específico. Os objetivos que pouco a pouco ganham forma nessas linhas são humildes e não pretendem abarcar toda a amplitude biográfica de Freud; os bem-versados no

“restante da história” devem resistir firmemente à tentação de interpretar as “primeiras páginas do livro” tendo em vista seu “epílogo”, possibilitando desta maneira a compreensão devida referente ao nosso momento de interesse. Vejamos agora uma passagem da carta do dia 11 de abril de 1875.

Estás à procura da verdade na vida de uma forma tão insistente quanto eu penso estar procurando-a na ciência. A grande questão [...] para mim chama-se teísta ou materialista, lei da causalidade ou ceticismo. Mas para ti a coisa deve ser mais agradável que para mim [...] eu já sou quase um convertido. Por enquanto, tenho de reconhecer que a natureza das questões que, aqui, me dizem respeito, me passaram grosseiramente despercebidas e demonstram minha completa carência de compreensão filosófica. Eis a arrependida confissão de um elegante e teimoso ex-materialista! Mas mesmo vestindo a nova casaca não me sinto nada à vontade, tendo, por isso, achado melhor suspender a decisão por um longo tempo, até me tornar mais desenvolvido na filosofia e mais amadurecido nas ciências naturais. (Freud, [1875] 1995, p. 128)

Eis nosso último apelo às cartas de Freud a Silberstein. Avancemos agora rumo à exposição de duas abordagens antagônicas sobre as consequências referentes a este “trânsito freudiano” entre o teísmo e o materialismo. Cohen (2002), do mesmo modo como fazemos agora, inicia seu artigo discutindo a profundidade do impacto de Brentano sobre o jovem Sigmund. Com o intuito de demonstrá-la considerável, remete o leitor à informação contida em outra carta direcionada ao amigo, de janeiro de 1875. Freud – a quem a autora se refere como um “materialista fervoroso” (Cohen, 2002 p. 90)⁴⁷ relata estar feliz como uma criança em função de viagem próxima a Berlim, onde teria a chance de passar o inverno estudando sob a tutela de grandes nomes do campo. O estudante alega não suportar a ideia de abrir mão deste projeto. Passados apenas dois meses, no entanto, uma nova carta: a viagem havia sido cancelada. O motivo? Definindo-se agora como um ex-materialista, optara por permanecer em Viena para não perder a oportunidade de manter contato com Brentano. O resultado desta permanência na capital austríaca pode ser encontrado em nossa última citação (Freud, [1875] 1995, p. 128), que por sua vez data de abril do mesmo ano, portanto imediatamente após o término do inverno. Eis o que disto tem a dizer o senhor Kaltenbeck:

De fato, o encontro entre Freud e Brentano não foi de todo benigno; não podemos deixar de notar a presença do trauma que paira sobre os relatos de Freud acerca

⁴⁷ No original: “fervent materialist”.

das visitas que fez ao seu professor de filosofia. [...] As cartas [enviadas a Silberstein] provêm evidência da ambivalência de Freud à filosofia, e incluem as suas tentativas de dissuadir o seu amigo de dedicar-se ao assunto. (Kaltenbeck, 2002 p. 101)⁴⁸

Trauma? Infelizmente o autor não se prolonga muito sobre este ponto, citando, por exemplo, alguma passagem específica que permitisse chegar a tal tipo de conclusão. Diga-se de passagem: a palavra “trauma” não nos parece configurar a melhor dentre as opções de ilustração para um mero encontro acerca do qual se afirma ser mais prudente não concluir propriamente influência. Qualquer tentativa de nossa parte que vise identificar precisamente o trauma apontado por Kaltenbeck (2002) viria, portanto, envolta por um mar de especulações. O que devemos frisar, isto sim, é o aspecto *benéfico* geralmente encontrado no exame crítico das próprias ideias e na disposição para lhes girar o norte. Entendemos que a “quase conversão” de Freud depõe apenas *em favor* do seu materialismo, lembrando aqui a nossa intenção de lhe avaliar o percurso e não a substância. Triste – para não dizer traiçoeiro e malicioso – é o percurso teórico coroado por afirmações elaboradas a partir de impressões e inclinações já presentes nos anos de juventude, e que se tenham mantido firmes e inabaláveis ao longo da viagem. Juventude e sabedoria não costumam caminhar lado a lado. Recusamos, portanto, o parecer do senhor Kaltenbeck, tendo em vista as conclusões do próprio Freud: sua “confissão” é das mais sadias, uma vez que aponta, nas suas próprias palavras, para uma teimosia que não lhe fere a elegância (Freud, [1875] 1995, p. 128); apresenta-se, isto sim, enquanto indicador de honestidade intelectual, que por sua vez talvez se trate de mais um indício da influência de Brentano, com sua “nefasta” inspiração pela busca da verdade.

Por fim, mais um aspecto digno de nossa atenção. Lancemos foco sobre a segunda parte de nossa última citação, onde Franz Kaltenbeck afirma a “ambivalência de Freud à filosofia e suas tentativas de dissuadir o amigo” Eduard da dedicação ao assunto (2002 p. 101). O autor não chega a citar a passagem, mas indica em nota de rodapé tratar-se de carta do dia 22 de agosto de 1874. Muito bem. O que o senhor Kaltenbeck convenientemente esquece de revelar é que a

⁴⁸ No original: “Indeed, the encounter between Freud and Brentano was not wholly benign; one cannot avoid noticing the sense of trauma which hovers over Freud’s account of the visits he paid to this professor of philosophy. [...] These letters provide evidence of Freud’s ambivalence towards philosophy, and include his attempts at dissuading his friend from taking up the subject.”

primeira menção ao nome de Franz Brentano nas cartas a Silberstein ocorrerá apenas no dia 30 de outubro do mesmo ano – ou seja, mais de dois meses depois. Mais ainda: em passagem por nós citada da carta de 08 de novembro de 1874, a postura de Freud passa por giro de 180 graus, quando o jovem estudante diz: “Ficaria com pena se tu, o jurista, negligenciasses inteiramente, por exemplo, a filosofia” (Freud, [1874] 1995 p. 89), enquanto ele, o empírico, acompanhava as preleções de Brentano e ainda fazia questão de ler Feuerbach!

E para uma conclusão satisfatória desta primeira parte do nosso segundo capítulo, referente ao impacto da *influência* do mestre neoescolástico exercida sobre o pai da psicanálise, recorramos a duas fontes distintas que julgamos capazes de conferir um ponto final sobre o assunto. Garcia-Roza (2004) assegura a importância de Brentano afirmando tratar-se do “autor na filosofia capaz de patrocinar a concepção de representação-objeto tal como defendida por Freud” (p. 55), lembrando ainda que a noção geral de representação será de fundamental importância ao longo de todo o percurso freudiano. Defenderá também a ideia de que Freud não é tão alheio à filosofia como por vezes se pensa. E no que diz respeito especificamente a este ponto, elucidemos:

Há evidências de sobra para sugerirmos que os ensinamentos filosóficos e psicológicos de Brentano tiveram impacto significativo no desenvolvimento teórico de Freud. [...] Podemos, por exemplo, revisar a ideia comum de que Freud era avesso à filosofia. [...] É evidente que Freud frequentemente critica algo a que ele se refere como ‘filosofia’. No entanto, quando assim o faz, ele não está se referindo à disciplina como um todo, mas segue os passos de Brentano na rejeição da metafísica especulativa de Hegel, Schelling e Fichte. Brentano se considerava um cientista natural, trabalhando objetivamente com a experiência enquanto seu guia. Ele insistiu que o verdadeiro método da filosofia não é outro senão o da ciência natural. Para Carl Strumpf, dentre outros, era uma nova e incomparavelmente mais séria e aprofundada forma de se compreender a filosofia. (Cohen, 2002 p. 89)⁴⁹

⁴⁹ No original: “There is a great deal of evidence to suggest that Brentano’s philosophical and psychological teachings had a significant impact on Freud’s theoretical development. [...] We can, for example, revise the common notion that Freud was unsympathetic towards philosophy. [...] It is evident that Freud frequently criticizes something he calls ‘philosophy’. However, when he does so, he is not referring to the entire discipline, but is following Brentano in a rejection of the speculative metaphysics of Hegel, Schelling, and Fichte. Brentano considered himself a natural scientist, working objectively with experience as his guide. He insisted that the true method of philosophy is none other than that of natural science. For Carl Strumpf, among others, it was a new, incomparably deeper and more serious way of understanding philosophy.”

2.2

A Influência se ‘Materializa’ e Ganha ‘Forma’ em Freud

Talvez dentre todos os gigantes presentes nessa dissertação, Brentano seja aquele ao qual melhor se aplique a expressão do nosso título, referente à longa escalada. Assim afirmamos levando em conta não apenas a vastidão cronológica de extensão civilizacional em que tal percurso implica – o bom e velho Aristóteles ao pó já havia retornado mais de dois mil anos antes –, mas sobretudo a pseudorruptura comumente encontrada nestes casos. Esta tende a limitar-se às falsas aparências, assombrando apenas os olhares mais precipitados. Como visto, subir nos ombros de gigantes é, em última análise, promover a continuidade original. Faz-se válido aqui, portanto, trazer à tona uma vez mais a ideia presente em citação encontrada no nosso primeiro capítulo: despidas do conceito, as terminologias de Freud e Brentano apontam para a mesma doutrina da intencionalidade (Barclay, 1964). Mas o que ainda pode ser dito sobre ela, e o que deve despertar nosso interesse?

2.2.1

A Intencionalidade

*Transforma-se o amador na cousa amada,
por virtude do muito imaginar;
não tenho logo mais que desejar,
pois em mim tenho a parte desejada.*

*Se nela está minha alma transformada,
que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
pois consigo tal alma está liada.*

*Mas esta linda e pura semideia,
que, como o acidente em seu sujeito,
assim co’a alma minha se conforma,*

*está no pensamento como ideia;
[e] o vivo e puro amor de que sou feito
como matéria simples busca a forma.*

Luís de Camões

Recorrer à poesia como ilustração introdutória de uma parte específica de um capítulo, quando recurso semelhante não foi utilizado nas linhas de abertura de

nenhum capítulo propriamente dito, é decisão deliberada e bem pensada. Tratamos, aqui, de uma ideia muito antiga, da qual muito já se falou. Na lista dos que sobre ela discorreram encontram-se – e não há hesitação em usar esta palavra – os *melhores* dentre nós. Simplesmente não seria possível abordar o assunto em poucas linhas de uma dissertação sem incorrer precisamente no mesmo tipo de mutilação que desejamos combater. Não obstante, é necessário fazê-lo. O trecho foi escolhido com muito cuidado e sua relevância aponta para uma modalidade de esclarecimento restrita ao discurso poético. A letra continua matando, como bem disse Paulo de Tarso⁵⁰, mas ao menos a boa poesia permite morte nobre e honrosa, síntese explanatória do sentido de uma vida inteira. Recorremos a Camões como que num ímpeto por redenção.

À intencionalidade tal como descrita por Brentano já fomos apresentados na primeira citação do capítulo (Brentano, 1995 p. 68). Não que a breve passagem nos deva ser suficiente, retomaremos o tópico mais adiante. Antes disso, porém, cabe-nos apontar suas origens históricas, de modo a preparar o terreno para Brentano e Freud. Neste ponto, duas fontes nos são valiosas: Ferrater-Mora (2000) e Linda McAlister (2004)⁵¹. No primeiro buscamos refúgio quando o interesse se volta mais especificamente para o arcabouço da doutrina. Na segunda, quando o objetivo firma-se em Brentano com exclusividade. A ideia de intencionalidade remonta em suas origens até os escolásticos da Idade Média. Ferrater-Mora inicia o verbete de seu dicionário afirmando haver dois sentidos da noção de intencionalidade: “(I) o sentido lógico e epistemológico (e em parte psicológico), que muitas vezes estão entremesclados, e (II) o sentido ético” (2000 p. 1540). Nossos objetivos naturalmente permitem-nos a restrição ao primeiro. Remetendo na sua explicação à origem etimológica do termo, o filósofo espanhol afirma que “o vocábulo ‘intenção’, *intentio*, expressa a ação e o efeito de tender (*tendere*) a algo (*aliquid tendere*)” (2000 p. 1540), sendo esta a forma do conceito presente na *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino. A psicologia de Brentano encontra na noção de intencionalidade seu conceito central, sendo precisamente isto o que jamais devemos perder de vista. O motivo? Brentano lançou-se sobre os

⁵⁰ 2 Coríntios, 3:6

⁵¹ O filósofo espanhol já nos é conhecido desde o auxílio no primeiro capítulo. Linda McAlister, além da publicação do artigo ao qual aqui nos referimos – *Brentano’s epistemology* –, é ninguém menos do que a responsável pela tradução do *Psychology from an empirical standpoint* (1995) de Brentano, do original em língua alemã para o inglês, por nós consultado.

fenômenos “estritamente psicológicos” – sendo pioneiro neste sentido, no que diz respeito ao percurso freudiano. Ora, uma vez identificada propriedade que seja exclusiva a um determinado ramo fenomênico, pode-se diferenciá-lo dos demais. Leia-se: Brentano distingue fenômenos físicos e psíquicos partindo da intencionalidade, que por sua vez é apontada como base constituinte do último grupo.

Brentano, tanto quanto Freud, recusa uma ordenação serial entre a fisiologia e psicologia, de tal forma que o fenômeno psicológico possa ser reduzido a um epifenômeno do fisiológico. Para Freud, a cadeia dos processos fisiológicos não está em relação de causalidade com os processos psíquicos, sendo o psíquico um processo paralelo ao fisiológico, “um concomitante dependente”, como ele afirma. Também para Brentano, o fenômeno psíquico e o fenômeno físico (ou fisiológico) são diferentes e irreduzíveis um ao outro, e o critério dessa diferença é o fato de o fenômeno psíquico ser caracterizado pelo que ele chama de *presença intencional*, *direção a um objeto* ou simplesmente *intencionalidade*. (Garcia-Roza, 2004 pp. 55-56 – o grifo é do autor)

Com o auxílio de Ferrater-Mora (2000), desde já devemos deixar claro, portanto, que o termo “intenção” surge aqui sem parentesco direto com o significado corriqueiro, utilizado no cotidiano (vontade, desejo, pensamento). Neste caso, a aproximação converge com maior clareza na direção do segundo sentido de intencionalidade apontado pelo autor, o sentido ético. Beuchot (1998) enriquece a mesma diferenciação apontando a intencionalidade de Brentano como sendo *intelectiva* e não propriamente *volitiva*. Nisto teria consistido o cerne do resgate de Brentano referente aos “dias subestimados”: tal noção de intencionalidade remonta a Aristóteles, e sobretudo aos escolásticos: a *intencionalidade representativa*.

Essa última gama de intencionalidades [representativa] não nos é tão familiar quanto a volitiva, e, no entanto, foi resgatada por Brentano de Aristóteles e da Escolástica. E ainda nos atrevemos a dizer que tanto Aristóteles quanto os escolásticos detectam uma intencionalidade mais ampla e básica no ser humano, uma intencionalidade prévia à intelectiva e à volitiva, que é a intencionalidade mesma do homem em todo o seu ser, uma vez que não é apenas um ente físico, mas também psíquico; o homem, ao ter psiquismo, é um ser intencional em si mesmo, no sentido de polarizado a algo, a relacionar-se com algo, a tê-lo como finalidade; mas também o é em outro sentido, de poder transformar-se de alguma maneira no todo que conhece e deseja, como diziam Aristóteles e a escolástica da mente, que é ‘de alguma maneira todas as coisas’ (*quodammodo omnia*), a saber, de maneira intencional, porque psiquicamente, ao conhecê-las e amá-las, as têm

como objeto imanente a si mesmo, de fato todas elas de maneira imanente e intencional. (Beuchot, 1998 p. 164)⁵²

E com isso temos ideia da amplitude de visão permitida pela altura dos ombros sobre os quais agora subimos. Dos escolásticos medievais, de longe o mais mencionado por Brentano em sua *Psicologia* (1995) é São Tomás de Aquino. Com Mauricio Beuchot (1998) descobrimos que a *intentio* tomista origina-se da tradução do termo árabe *mana*. Toda a intencionalidade escolástica, afirma Beuchot em seu artigo, ergue-se sobre a filosofia de Aristóteles – e em dívida para com os comentaristas árabes. *Mana* pode ser compreendido como sendo *aquilo através do que se conhece algo*, ou ainda imagem, conceito – *species intellecta*, a espécie assimilada através da qual se conhece intelectualmente algo. Pensava-se que a mente, de alguma maneira (psíquica ou intencionalmente), transformava-se naquilo que conhecia, ou que o conteria em sua representação. “A mente se torna *intencionalmente* a mesa que conhece”⁵³ (Beuchot, 1998 p. 167), exemplifica o filósofo. Compreendia-se o ente enquanto possuidor de dois aspectos principais: essência e existência. O ente fora da mente teria sua essência *mais* uma existência física, ou manifestada a partir de sua existência física. Na mente, a essência manter-se-ia a mesma, sendo que sua existência passa a ser psíquica ou intencional. Vale lembrar, aqui, que a conservação da essência na representação cognitiva visava preservar o realismo do conhecimento. Eis que a intencionalidade – nas suas raízes escolásticas – pode ser compreendida como “uma tendência da mente em transformar-se de alguma maneira naquilo que conhece e deseja”⁵⁴ (Beuchot, 1998 p. 167).

⁵² No original: “Esa última gama de intencionalidades no nos es tan familiar como la volitiva, y, sin embargo, fue rescatada por Brentano de Aristóteles y la escolástica. Y aun nos atravesaríamos a decir que tanto Aristóteles como los escolásticos detectan una intencionalidad más amplia y básica en el ser humano, una intencionalidad previa a la intelectiva y la volitiva, que es la intencionalidad misma del hombre en todo su ser, desde el momento en que no sólo es un ente físico sino además psíquico; el hombre, al tener psiquismo, es un ser intencional de suyo, o intencionado, en el sentido de polarizado a algo, a relacionarse con algo, a tener eso como finalidad; pero también lo es en el otro sentido de poder transformarse de alguna manera en todo lo que conoce y desea como decían Aristóteles y la escolástica de la mente, que es ‘de alguna manera todas las cosas’ (quodammodo omnia), a saber, de manera intencional, porque psíquicamente, al conocerlas y amarlas, las tiene como objeto inmanente a sí mismo, hecho todas ellas de manera inmanente e intencional.”

⁵³ No original: “La mente se hace intencionalmente la mesa que conoce.”

⁵⁴ No original: “Y la intencionalidad es esa tendencia de la mente a hacerse de alguna manera aquello que conoce o desea.”

Já no que diz respeito aos termos “presença intencional” ou “inexistência intencional” – a última denominação é fiel ao termo propriamente escolástico –, McAlister (2004) faz uma feliz escolha de palavras capazes de guiar o leitor não versado nos textos medievais, evitando-lhe a confusão quase certa: o prefixo “in” encontrado em “inexistência” é *locativo* e não *negativo*. Uma má compreensão da função destas duas letras é capaz de inverter completamente o significado do termo. O prefixo locativo visa caracterizar uma modalidade específica de existência, ao passo que o negativo implica na sua simples nulidade. Não se trata, portanto, da ausência ou negação da existência, mas da existência *em algo* ou que é *dirigida até algo*.

Neste ponto vale lembrar que a descrição de Mauricio Beuchot (1998 p. 164) exposta acima ainda não se refere propriamente à “intencionalidade de Brentano”, mas às suas raízes escolásticas. O filósofo mexicano apresenta em sua própria biografia e carreira acadêmica certos paralelos com o professor do jovem Freud, a saber: Beuchot também nutre interesse pela filosofia medieval e, tal qual Brentano, nos anos de juventude, é padre. Uma diferença notável entre ambos: ao contrário de Franz Brentano, que jamais fora um “jesuíta disfarçado”, Mauricio Beuchot é dominicano declarado.

A esta altura do texto, passado um bom número de citações e referências a autores diversos, é possível que nos rodeie a impressão de um relacionamento e influência cuja documentação não seja tão escassa quanto possa sugerir a afirmação feita no início deste capítulo. Esclarecemos que quando falamos em uma bibliografia que ganha apenas no quesito humildade, não nos referimos às menções gerais ao relacionamento propriamente dito. Quanto a isto, não há, de fato, novidade alguma, sendo nada incomum encontrar os nomes de Freud e Brentano unidos nas mais diversas publicações. O que há de propriamente escasso são trabalhos específicos, abordagens que se proponham a tratar exhaustivamente o assunto. Não raro, as poucas exceções à regra optam por já em suas linhas iniciais criticar precisamente não o descaso completo, mas a passagem por este episódio na vida de Freud sem lhe apontar a devida importância. Assim é, por exemplo, o caso com Aviva Cohen (2002), que no início de seu artigo não poupa críticas à “falha em reconhecer toda a amplitude desta relação professor-aluno por parte de

diversos biógrafos de Freud” (p. 90)⁵⁵, citando nominalmente Ernest Jones e Peter Gay. Diga-se de passagem que Aviva Cohen é possivelmente a pessoa mais indicada a emitir tal tipo de crítica. Quando consideramos o período posterior à publicação da correspondência com Silberstein, Cohen surge como heroína solitária a se dedicar ao assunto com trabalhos cujas pretensões ultrapassam a de um simples artigo. Referimo-nos à sua tese de doutorado, dedicada exclusivamente à relação entre o pai da psicanálise e o seu professor de filosofia.⁵⁶

Não poderíamos, aqui, atravessar linhas e mais linhas discorrendo sobre as mais variadas contribuições possíveis de Brentano a Freud – inclusive não restritas à produção pré-psicanalítica, nosso atual foco de interesse – sem explicitar a devida contribuição *de fato psicológica* e seu marcante *posicionamento temporal* no percurso freudiano. Dito em outras palavras: através de Brentano, Freud é apresentado à “psicologia” muito antes mesmo de se formar em medicina. Note-se que onze anos antes de conhecer Charcot – cuja influência deve ser compreendida mais propriamente no sentido de sua importância clínica que psicológica –, Freud já estudava psicologia com Franz Brentano. Vale lembrarmos que 1874, marco do encontro, é precisamente o mesmo ano da primeira publicação de *Psychology from an empirical standpoint*, principal obra de Brentano sobre o assunto. Em nossa pesquisa, encontramos apenas um autor que tenha feito questão de apresentar a informação de modo semelhante ao que aqui nos propomos. Curiosamente, trata-se de um dentre os que “passam” pelo nome de Brentano apenas, ou seja, cujo foco central tangencia muito levemente o intercâmbio entre eles:

Ainda que seja verdade que a influência de Charcot introduziu o jovem anatomista cerebral vienense a vários novos e importantes *insights* psicológicos sobre psiconeuroses, deve-se ter cuidado para não atribuir à ela importância maior do que a que de fato se verificava então. Desde já, qualquer sugestão de que o retorno de Freud de Paris tenha de alguma forma sinalado sua incipiente emancipação da neurofisiologia tende a ignorar o importante fato de que ele já havia demonstrado interesse em abordagens psicológicas ao aparato mental muito antes de sua primeira viagem à Paris. Não apenas ele havia acompanhado os cursos eletivos do psicólogo-filósofo Franz Brentano por três anos e meio

⁵⁵ No original: “successive Freud biographers have failed to recognize the full significance of this student-teacher relationship.”

⁵⁶ A informação pode ser confirmada no recente livro *Freud, the reluctant philosopher* de Alfred Tauber (2010 p. 233) onde o autor afirma que, até a presente data, encontramos apenas dois estudos exaustivos focados no assunto, sendo a dissertação de doutorado de Aviva Cohen o único escrito após a publicação da correspondência com Silberstein.

enquanto estudante de medicina na Universidade de Viena, sabe-se ainda que Freud já tomava notas de seus sonhos desde a juventude. (Sulloway, 1992 p. 49)⁵⁷

Já foi dito que ambas as terminologias apontam para a doutrina da intencionalidade (Barclay, 1964). Sobre esta, discorreremos brevemente acerca de seu longo percurso através dos séculos, apontando-lhe a importante função distintiva entre os fenômenos de natureza física e os propriamente psíquicos. Afirmamos ainda o caráter “representativo” (Beuchot, 1998) da intencionalidade de Brentano, e citamos Garcia-Roza (2004), que defende este último enquanto “autor na filosofia capaz de patrocinar a concepção de representação-objeto tal como defendida por Freud” (p. 55). Pois muito bem, eis a última consideração necessária: como *precisamente* se articulam as noções de “representação” e “intencionalidade”?

Vejamus novamente o que nos diz Brentano em sua *mãe de todas as citações*. Na primeira parte: “Todo fenômeno psíquico é caracterizado [...] pela inexistência intencional de um objeto [...] referência a um conteúdo, direção até um objeto ou objetividade imanente.” E logo em seguida: “Na representação há algo representado, no juízo há algo admitido ou rechaçado, no amor amado, no ódio odiado, no desejo desejado etc” (1995 p. 68). Sobre esta última passagem, a leitura atenta revela um aspecto muito interessante: nota-se uma hierarquia necessária, ainda que não explicitamente declarada. De fato, para que algo possa ser admitido, rechaçado, amado, odiado ou desejado, é forçoso que primeiramente tenha sido *representado*. Dito em outras palavras, o objeto amado, por exemplo, deve ser antes disso objeto representado.⁵⁸

⁵⁷ No original: “While it is true that Charcot’s influence introduced the young Viennese brain anatomist to a number of new and important psychological insights about psychoneurosis, one must also be careful not to read more into this influence than was there at the time. To begin with, any suggestion that Freud’s return from Paris somehow signaled his incipient emancipation from neurophysiology tends to ignore the important fact that he was already interested in psychological approaches to the mental apparatus long before he ever set foot in Paris. Not only did he take three and one-half years of elective courses with the psychologist-philosopher Franz Brentano while a medical student at the University of Vienna, but Freud is even known to have kept private notebooks of his dreams in the early part of his life.”

⁵⁸ Em *O mal radical em Freud* (Garcia-Roza, 1991), o autor faz ainda uma menção ao que teria ficado conhecido como “princípio de Brentano: todo ato psíquico ou é uma representação ou está fundado numa representação.” (p. 115). Neste livro, o metapsicólogo trata mais detidamente da influência de Brentano sobre Freud, não tendo em vista, porém, textos exclusivamente pré-psicanalíticos e neurológicos, como é o caso em *Introdução à metapsicologia freudiana vol. 1* (2004).

De acordo com Brentano, representações são as unidades básicas do funcionamento mental; nada pode ser desejado ou julgado até que primeiramente tenha sido representado na mente. Cada ato mental contém o mesmo objeto que a representação à qual é conectado: por exemplo, nada é um objeto de julgamento que não seja um objeto de representação. Não há, de acordo com Brentano, mudança alguma no objeto ao qual nós direcionamos a atividade de amar, odiar, afirmar ou negar. A natureza do ato mental pode sofrer alterações, mas o objeto intencional não é alterado. (Cohen, 2002 p. 92)⁵⁹

Podemos, por fim, promover uma articulação satisfatória entre as noções de intencionalidade e representação. A primeira trata-se de uma propriedade tida como exclusiva aos fenômenos estritamente psíquicos, o que por sua vez emite um critério capaz de promover a distinção entre este grupo fenomênico e o dos fenômenos físicos – desprovidos de intencionalidade. Da representação afirma-se ser a “unidade básica” do funcionamento mental, ou seja, a pedra fundamental sobre a qual se ergue o domínio caracterizado pela intencionalidade. Conclui-se, portanto, que esta presença ou inexistência intencional, o direcionamento até um objeto, ou ainda a tendência da mente em se transformar naquilo que conhece e deseja, dá-se por meio da representação. Cabe-nos agora especificar como a noção brentaniana de representação pôde contribuir para a edificação do corpo teórico freudiano, já tendo sido esta sugestão dada na última citação de Garcia-Roza (2004 p. 55-56).

2.2.2

A Representação-Objeto

Freud, neurologista ou não, com seu sonho de construir um aparelho da alma. No entanto, seu primeiro passo não é o do *Projeto de 1895*, mas um texto de 1891 que permaneceu, durante praticamente um século, ignorado pelos comentadores: *Para uma compreensão das afasias: um estudo crítico (Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie)*. Texto surpreendente, no qual o *aparelho de linguagem* produzido por Freud transborda seus próprios limites para se constituir no primeiro modelo de *aparelho anímico*. (Garcia-Roza, 2004 p. 17)

⁵⁹ No original: “According to Brentano, presentations are the basic units of mental functioning; nothing can be desired or judged until it has first been presented to the mind. Each mental act contains the same object as the presentation to which it is connected: for example, nothing is an object of judgment which is not an object of presentation. There is, he claims, no change in the object towards which we direct the activity of loving, hating, affirming or denying. The nature of the mental act may differ, but the intentional object is unchanged.”

Texto ignorado, dias subestimados, influências de cujo impacto afirma-se não ter recebido a atenção devida. Já deve ser claro, a essa altura do trabalho, que o mesmo tem por motivação sustentadora precisamente os episódios mais “negligenciados” – entre aspas, uma vez que sob certos aspectos a palavra pode surgir muito dura e até mesmo injusta – do trajeto freudiano. Nosso foco de atenção recai agora especificamente sobre a publicação de 1891, que, conforme apontado por Garcia-Roza (2004), permaneceu esquecida por quase cem anos, não sendo encontrada, por exemplo, nas *Obras completas* que incluem textos anteriores ao referido. No entanto, verdade seja dita: tal esquecimento já é coisa do passado. O fácil acesso à tradução para a língua portuguesa é evidência disto (Freud, [1891] 1977), uma vez que uma boa parte dos escritos propriamente neurológicos de Freud permanece ainda sem tradução sequer para o Inglês.

Deve-se ressaltar que os indícios da “presença” de Franz Brentano na obra freudiana não se restringem de modo algum ao texto das afasias. Infelizmente, em função do recorte previamente selecionado para o presente trabalho – que não tem na relação Freud / Brentano seu tema principal, este lançando-se sobre o *período* no qual ela ocorre e a partir das contribuições encontradas –, o aprofundamento no que diz respeito à herança tomará como foco de atenção a *representação-objeto* tal como exposta por Freud na publicação marcada pela crítica ao localizacionismo.⁶⁰ Eis, portanto, um bom ponto de partida: a concepção representativa *enquanto via de crítica* ao localizacionismo.

A antiga teoria da localização afirmava uma relação ponto a ponto entre os *estímulos* provenientes do mundo externo e *representações* localizadas em determinados pontos do córtex cerebral, de tal forma que as representações corresponderiam a uma projeção dos elementos da periferia. [...] O que está em causa aqui é a ideia de que uma representação seja o efeito mecânico da estimulação periférica, ou mais amplamente, a ideia de que o processo psicológico seja um epifenômeno ou uma duplicação mecânica do processo fisiológico. (Garcia-Roza, 2004 pp. 30,32 – o grifo é do autor)

Ora, o localizacionismo já nos é familiar do capítulo anterior, ainda que nele tenhamos tratado do tema sem muita profundidade e sob a promessa de retorno ao assunto quando o contexto fosse mais apropriado. É hora de quitar as dívidas! Podemos finalmente compreender a extensão – e sobretudo a natureza –

⁶⁰ Nem por isso devemos *negligenciar* por completo o restante do leque da contribuição do professor de filosofia, razão pela qual, ao final deste capítulo, voltaremos brevemente ao assunto.

da *localização das funções cerebrais*. Fazendo menção às afasias, apontamos para a ideia de uma representação da “alma” nos tecidos do cérebro, não propriamente no sentido de uma correlação, mas de causalidade direta. A ampla compreensão das conseqüências de um localizacionismo radical nos é finalmente possível, uma vez que já tratamos da ideia de representação e sua importância para a psicologia.

Justificar-se-á imergir no psíquico a terminação de uma fibra nervosa, que em todo o seu percurso foi uma formação puramente fisiológica, sujeita a modificações puramente fisiológicas, e guarnecer essa terminação com uma representação ou imagem mnésica? Se a ‘vontade’, a ‘inteligência’ e assim por diante, são reconhecidas como palavras artificiais da psicologia, a que correspondem relações muito complexas no mundo fisiológico, a propósito da ‘simples representação sensorial’ saber-se-á acaso com maior certeza que é algo de diverso de um tal artifício? Verossimilmente, a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não está em relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam mal se iniciam os psíquicos, pelo contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada seu elemento (ou a cada um dos elementos isoladamente) corresponde um fenômeno psíquico. O psíquico é assim um processo paralelo ao fisiológico, ‘a dependent concomitant’. (Freud, [1891] 1977 pp. 30-31)

Esta passagem do texto das afasias demonstra muito bem o ponto sobre o qual se ergue a crítica ao localizacionismo. Garcia-Roza (2004) faz questão de deixar bem clara a diferença entre a ideia de um “concomitante dependente” e um mero efeito mecânico, afirmando que “o paralelismo de Freud exclui qualquer reducionismo simplista” (p. 32). As conseqüências da nova proposta teórica implicam “a possibilidade do *novo*, de algo que não se encontra contido no dado sensorial elementar” (Garcia-Roza, 2004 p. 32 – o grifo é do autor). Surge, com isto, a noção de *correlato fisiológico* em detrimento da *impressão* que antes vigorava, donde conclui o metapsicólogo brasileiro decorrer ainda a substituição da ideia de *elemento* pela de *processo*. Mais especificamente, o paralelismo – ao invés de relação mecânica – entre duas ordens de processo: a primeira referente à aquisição dos elementos sensoriais e a segunda à aquisição dos elementos psíquicos ou *representações*. Freud prossegue:

Sei bem que não posso lançar em rosto às pessoas cujas posições estou a criticar terem efetuado inconsideradamente este salto e esta mudança de perspectiva científica. Evidentemente, elas entendem apenas isso: a modificação (que é do campo da fisiologia) das fibras nervosas pela excitação sensorial produz uma outra modificação na célula nervosa central, que se torna portanto o correspondente fisiológico da ‘representação’. Eles, dando saberem dizer muito mais da representação que das desconhecidas modificações ainda não caracterizadas fisiologicamente, servem-se da expressão elíptica: na célula

nervosa está localizada uma representação. Esta substituição é, porém, suficiente para levar imediatamente a uma troca das duas coisas que não têm necessariamente uma semelhança entre si. Na psicologia, a simples representação é para nós algo de elementar que podemos distinguir nitidamente das suas ligações com outras representações. Chegamos assim à hipótese de que também o seu correspondente fisiológico, a modificação, que parte da excitação da fibra nervosa que termina no centro, seja alguma coisa de simples que se possa localizar num ponto. Uma tal versão é naturalmente de todo injustificada; as propriedades desta modificação devem ser determinadas *de per se*, ou seja, independente do seu correspondente psicológico. (Freud, [1891] 1977 p. 31 – o grifo é do autor)

Ora, o ponto fundamental da crítica de Freud referente à passagem supracitada é perfeitamente confluyente às considerações contemporâneas emitidas em qualquer “primeira aula” que se preze de método experimental: correlação não implica em causalidade! Vale lembrar, neste ponto, que, ao desferir como objetivo “separar o mais possível o aspecto psicológico do anatômico” (Freud, [1891] 1977 p. 42), não devemos concluir disto uma recusa total do anatômico, tampouco um afastamento do aspecto *neurológico*. “O que Freud pretende deixar claro é que não há um esquema psicológico sem um esquema neurológico” (Garcia-Roza, 2004 p. 46), sendo a crítica voltada apenas à “duplicação mecânica” acima citada. Vejamos como isto fica bastante claro após a primeira menção explicativa de Freud à sua concepção de representação-objeto: trata-se, do momento no texto em que o jovem médico recorre ao auxílio da filosofia.

A representação objectual é por sua vez um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas etc. Da filosofia aprendemos que a representação objectual não compreende senão isto, e que a aparência de uma ‘coisa’ – de cujas diferentes ‘propriedades’ falam aquelas mesmas impressões sensoriais – surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa. [...] a representação objectual aparece-nos como uma representação não fechada e dificilmente susceptível de fecho. (Freud, [1891] 1977 p. 47)

E sobre esta passagem devemos nos prolongar. Primeiramente, é forçoso notar que Freud não recusa em momento algum a *existência* das impressões. Sua crítica é voltada mais propriamente para o *conceito* de impressão. Conceito este “tal como era pensado pelos empiristas ingleses” (Garcia-Roza, 2004 p. 46), e que por sua vez servia de base para a ideia da duplicação mecânica, alvo por excelência da divergência de Freud. A compreensão então vigente acerca das *impressões* implicava na redução das ideias (elemento psicológico) a não mais que

uma reprodução destas mesmas impressões. Trata-se do berço para a articulação radical entre o psicológico e o fisiológico, o que por fim resulta na ordenação serial igualmente recusada por Brentano. As implicações dessa última citação – tendo em vista a sua contextualização devida – carecem de uma análise mais detida de nossa parte.

É importante, aqui, frisarmos a raiz filosófica para a originalidade de uma obra eminentemente neurológica⁶¹, e que pode ser ainda vista como um dos portões de entrada para a metapsicologia freudiana. Justificamos, com isto, os primeiros passos dados na composição dessa dissertação, a preocupação em iniciar o trabalho tendo em vista a origem da doutrina mecanicista no Ocidente e ainda alguns pontos capazes de ilustrar certas distinções entre as cosmovisões, tal como exposto no primeiro capítulo. Expandem-se no decorrer do texto as fronteiras da “não comunhão integral” de Freud com o *Zeitgeist* oitocentista. Não apenas Freud bebe de fontes que já não mais eram obrigatórias – referimo-nos às aulas optativas do curso de medicina –, como o faz tendo por mentor o homem que busca no passado distante uma forma de remediar a decadência por ele diagnosticada na filosofia de seus dias. A referida citação, porém, não nos remete a Franz Brentano. Ao menos não diretamente.

Em nota de rodapé, Freud credits seu apelo filosófico à obra de John Stuart Mill. A consulta teria se voltado para *Logik*, I, cap. III e *An examination of Sir William Hamilton's philosophy*. É verdade, já defendemos em linhas anteriores do presente capítulo que a influência de Stuart Mill acaba por apontar – mesmo que indiretamente – na direção de Brentano. Ainda assim, seria inapropriada de nossa parte a limitação neste sentido. Diga-se de passagem: estaríamos completamente perdidos caso fôssemos contar com as menções explícitas de Freud na expectativa de bem delimitar a influência de Brentano. Este último não é citado uma única vez sequer no texto das *Afásias*, mas o é apenas por um breve momento em todo o restante da obra do pai da psicanálise.⁶² Dificuldade que por sua vez torna a pesquisa ainda mais interessante e instigadora!

⁶¹ Não se deve concluir disto, naturalmente, que a totalidade de sua originalidade se deva a influências filosóficas. A contribuição de Hughlings Jackson foi igualmente fundamental.

⁶² A informação pode ser encontrada no já consultado Alfred Tauber (2010) e ainda em *O mal radical em Freud*, também de Garcia-Roza (1991, p. 117). A menção solitária refere-se a *O chiste e sua relação com o inconsciente* e limita-se a uma nota de rodapé.

Já vimos, com Garcia-Roza (2004), que Brentano é o autor na filosofia apto a patrocinar a concepção freudiana de representação-objeto. Ainda assim, o brasileiro nos indica Stuart Mill como sendo capaz de “libertar a noção de objeto da incômoda referência à coisa” (p. 54). A sua contribuição dá-se basicamente neste sentido. Para sermos mais específicos, ela diz respeito à ideia apresentada por Freud quando ele fala que “no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto [incluímos] também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa” (Freud, [1891] 1977 p. 47), conforme visto na sua última citação. A compreensão desta à luz da contribuição de Stuart Mill clama por dois breves apontamentos: a concepção de *química mental* – oposta à de *mecânica mental* – e a visão que o pensador inglês tinha acerca da *matéria*.

Diferentemente de seu pai, James Mill, que via na associação uma simples combinação de elementos que se mantinham inalterados no interior do conjunto por eles formado, Stuart Mill propõe o que ele mesmo chamou de ‘química mental’ (por oposição à ‘mecânica mental’ de James Mill). O conjunto associativo resultante dos elementos não é por ele concebido como uma simples soma destes elementos, mas como um produto gerado a partir dos elementos, cujas propriedades são irreduzíveis às propriedades dos elementos, tal como ocorre com a água em relação aos seus elementos constituintes, o oxigênio e o hidrogênio. Esses são casos de *química mental*, nos quais é possível dizer que as ideias simples *geram*, mais do que compõem, as ideias complexas. (Garcia-Roza, 2004 p. 51)

Não seria completamente descabida, aqui, uma analogia entre as circunstâncias em que se encontravam Freud e Stuart Mill: o primeiro arranhando poderosos ídolos como Wernicke, Lichtheim, Grashey e Meynert⁶³, o segundo criticando as ideias do próprio pai – o campo de batalha de ambos testemunhava o fogo centrado sobre alguma modalidade de *meccanicismo*. O apelo de Stuart Mill à “química”, em detrimento da “mecânica”, é interessante, uma vez que permite um tipo de geração, em princípio ilimitada, sem que para isto seja necessário sacrificar o acesso às propriedades dos elementos. Ora, o próprio termo utilizado aqui – *geração* – permite-nos apontar à tentadora analogia com a reprodução sexuada. Não há dentre os vivos quem negue ser a origem constituinte da pessoa centrada especificamente no pai e na mãe. É permitido ao casal tentar o maior

⁶³ Referimos-nos aqui aos principais dentre a lista dos “alvos de crítica” por parte de Freud no texto das *Afásias*.

número de vezes desejado, mas desde já asseguramos: no intervalo de uma vida, jamais obterão sucesso em *gerar* precisamente o mesmo filho uma segunda vez.

Contamos ainda com o auxílio de Luiz Alfredo Garcia-Roza (2004) para esclarecer a contribuição da *matéria* de Stuart Mill ao texto de Freud. O pensador inglês atribui à mente humana capacidade de “expectativa”, a saber: “Após termos sensações reais, somos capazes de formar a concepção de sensações possíveis” (p. 51). Tal habilidade da mente humana permitiria, portanto, que partindo de uma única experiência inferíssemos todo um leque de sensações análogas.

Segundo Stuart Mill, as sensações presentes possuem menos importância do que as possibilidades de sensações, porque enquanto as primeiras são passageiras, as segundas podem ser permanentes e, como tais, permitem-nos distinguir as sensações da matéria. Para ser mais exato: o que Stuart Mill chama de *matéria* são exatamente essas possibilidades permanentes de sensações [...] que, uma vez garantidas pela experiência passada, revelam um aspecto importante: é que elas não se apresentam como sensações isoladas, mas como grupos de sensações, tal como os objetos do mundo exterior. (Garcia-Roza, 2004 p. 52)

É precisamente com base na concepção material de Stuart Mill que Freud fará sua afirmação referente à “possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa”. Poderíamos, neste ponto, formular a seguinte pergunta: não seria despropositado atribuir a influência filosófica presente nas *Afásias* a Franz Brentano – que sequer é mencionado no texto – quando o próprio autor da obra, recorrendo ao auxílio da filosofia, cita um terceiro? É verdade que há sempre a possibilidade de um apelo à contribuição indireta, mas seria ela o suficiente? A resposta a ambas as perguntas é, simplesmente, não. De fato, apelar à contribuição indireta não bastaria aqui. E ainda assim, nossa afirmação acerca dos contornos filosóficos no texto de 1891 permanece na trilha do neoescolástico. Vejamos a razão disto.

Que diz o presente subtítulo? Ele fala em *representação-objeto*. Eis o ponto! Sem exceção, todos os autores aqui consultados, ao tratarem dos contornos identificáveis enquanto herança brentaniana na obra de Freud, remetem à ideia de *representação*. A razão que nos fez insistir mais sobre o nome de Garcia-Roza nas últimas linhas deve-se ao fato de o foco deste autor, no seu livro *Introdução à metapsicologia freudiana I* (2004), convergir com o nosso próprio recorte temporal apresentado nesse trabalho. Ao contrário dos demais, quando o metapsicólogo brasileiro traz ao centro da discussão o nome de Brentano e sua

concepção representativa, ele o faz especificamente à luz da *Interpretação das Afasias*. Notemos que mesmo o artigo de Aviva Cohen (2002) – que por sinal é excelente e não pretendemos de forma alguma denegri-lo –, apesar de integrar um livro cujo título aponta para *os escritos pré-psicanalíticos*, não chega a fazer nenhuma menção a publicações propriamente neurológicas⁶⁴.

É através de Garcia-Roza (2004) que constatamos que o apelo à filosofia de Stuart Mill – no que diz respeito ao nosso contexto de interesse – serve-nos mais precisamente para ilustrar a noção de *objeto* que a de *representação-objeto*. Já foi dito que o filho de James Mill “liberta a noção de objeto da incômoda referência à coisa” (p. 54). No que diz respeito especificamente à representação-objeto descrita no texto de 1891, contudo, a contribuição de Stuart Mill restringe-se ao caráter de complexo aberto defendido por Freud.

Se o que se denomina *objeto* é fruto não apenas de sensações presentes mas também e sobretudo de um número enorme de possibilidades de sensações que formam a série associativa do complexo de objeto, então este último [...] constitui-se como um complexo aberto e dificilmente susceptível de fecho, como afirma Freud. Os termos ‘fechado’ e ‘aberto’ com os quais Freud designa os complexos representativos, podem ser considerados como designando o caráter de acabado ou de indefinido dos referidos complexos. (Garcia-Roza, 2004 p. 54-55)

Devemos deixar claro, aqui, que este posicionamento endossado por Garcia-Roza não é unanimidade entre pesquisadores debruçados sobre o texto de 1891. Ana-Maria Rizzuto (1993), por exemplo, em artigo no qual trata da “formação da representação-objeto” (p. 118) especificamente presente na *Interpretação das afasias* (Freud, [1891] 1977), ignora completamente o nome de Brentano, apelando à contribuição mais “explícita” – e assim julgamos tendo em vista apenas a menção feita pelo próprio Freud na publicação referida – a Stuart Mill, esbarrando ainda em Kant.

Um objeto é uma entidade existente pertencente à realidade material do mundo. Freud, seguindo as concepções de Mill e Kant, acreditava que os seres humanos não têm *acesso direto* ao conhecimento dos objetos materiais. O modo pelo qual a psique percebe um objeto consiste na criação de uma representação-objeto que nada contém além da aparência de uma coisa. Freud afirma que a representação-objeto é o resultado final de um processo extraordinariamente complexo de

⁶⁴ É verdade que há uma breve menção ao *Projeto de 1895*, que será abordada. Mas vale lembrar que o *Projeto* jamais foi publicado por Freud.

percepção e associações, e pertencem inteiramente ao domínio psíquico. (Rizzuto, 1993 p. 118 – o grifo é nosso.)⁶⁵

A autora segue apontando dois “problemas” decorrentes. O primeiro: como a psique seria capaz de organizar tamanha multiplicidade de dados associativos em um complexo representação-objeto? E o segundo: como poderíamos acreditar que nossa representação percebida é uma descrição acurada do objeto real no mundo? Quanto ao primeiro problema, Rizzuto afirma ser possível inferir do texto que Freud assume a existência de uma função sintética capaz de coletar as informações pertinentes contidas no complexo. Isto permitiria, portanto, uma articulação plausível entre o aspecto aberto da representação em questão e a manutenção de sua identidade – enquanto processo – ao longo da vida do indivíduo. Já no que diz respeito ao segundo problema, a autora é taxativa: “Freud não lidou de maneira alguma com a segunda questão, e não fornece qualquer indicação de como sabemos que aquilo que representamos é real e não ficcional” (Rizzuto, 1993 p. 119).⁶⁶

Uma observação interessante – e para a qual a autora não nos chama a atenção – é a tentadora relação cabível entre ambos os “problemas” indicados: a *pertinência* das informações contidas no complexo não apontaria precisamente para o aspecto *real* ou *ficcional* daquilo que nele se encontra representado? Infelizmente, contudo, é certo afirmar que Freud não trata do assunto... *no texto de 1891*. Aqui, um longo salto em muito pode nos auxiliar, e não apenas no que diz respeito à herança brentaniana defendida por Garcia-Roza (2004) nas *Afásias* de Freud (temos ainda a chance de, tendo em vista uma explicação acerca da representação-objeto, “não negligenciar totalmente” a contribuição do grande neoescolástico no percurso já psicanalítico, conforme prometido em linhas anteriores).

Tanto Mauricio Beuchot (1998) quanto Aviva Cohen (2002) remetem-nos à *Negativa* (Freud, [1925] 1987) com o intuito de demonstrar como a noção do

⁶⁵ No original: “An object is an existing entity pertaining to the material reality of the world. Freud, following Mill’s and Kant’s concepts, believed that human beings have no direct access to the knowledge of material objects. The way the psyche perceives an object is by creating an object representation which ‘does not contain anything else besides the appearance of a thing’. Freud stated that the object representation is the final result of an extraordinary complex process of perception and associations, and belongs entirely to the psychic realm.”

⁶⁶ No original: “Freud did not deal at all with the second question, and gives no indication of how we know that what we represent is real, not fictional.”

teste de realidade freudiano aproxima-se da *teoria do julgamento* de Brentano e de sua tese acerca da intencionalidade de um modo geral.

A outra espécie de decisão tomada pela função do julgamento – quanto à existência real de algo de que existe uma representação (*teste de realidade*) – é um interesse do ego-realidade definitivo, que se desenvolve a partir do ego-prazer inicial. Agora não se trata mais de uma questão de saber se aquilo que foi percebido (uma coisa) será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (*realidade*). Trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de *externo e interno*. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real está também lá *fora*. (Freud, [1925] 1987 p. 237 – o grifo é do autor)

O apelo à publicação de 1925 seria despropositado – novamente, tendo em vista nosso recorte de pesquisa – caso os primeiros contornos referentes à questão não fossem encontrados já em um texto produzido três décadas antes: o *Projeto para uma psicologia científica*. Em trecho final da seção 11 do *Projeto*, onde Freud trata da *experiência da satisfação*, o autor afirma não ter dúvida “de que na primeira instância esta ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma *alucinação*” (Freud, [1895] 1987 p. 337 – o grifo é do autor). Mais adiante, na seção 15 – *Os processos primário e secundário* –, Freud discorre sobre os riscos de um ego desprovido de meios de defesa, explicitando a necessidade de distinção entre uma *percepção* e a lembrança de um objeto que não seja real, na medida em que se encontra presente “apenas como *ideia* imaginária” (Freud, [1895] 1987 p. 342 – o grifo é do autor). Mas que não percamos de vista nosso objetivo: apontar o suporte conferido por Brentano à representação-objeto de Freud.

Brentano fala sobre *realia* e *irrealia* (*Realitäten* e *Nichtrealitäten*), sobre o que existe e o que não existe, e ele se refere a algo diferente em cada caso. Para Brentano, uma *realia* ou *Realitäten* é uma coisa individual particular, enquanto uma *irrealia* é uma não-coisa, como por exemplo um universal, uma espécie, um gênero ou um estado de coisas ou valores. Brentano sustentava que algo poderia ser uma *Realität* – uma coisa, algo individual – ainda que não existisse. Um unicórnio ou um hipogrifo, por exemplo, seriam coisas individuais particulares, portanto *realia*, ainda que não existissem. (McAlister, 1976 p. 154)⁶⁷

⁶⁷ No original: “Brentano talks about *realia* and *irrealia* (*Realitäten* and *Nichtrealitäten*), about what exists and what does not exist, and he means something different in each case. For Brentano, a *realia* or *Realität* is a particular individual thing, while an *irrealia* is a non-thing, as, for example, a universal, a species, a genus, or a state of affairs or values. Brentano maintained that something could be a *Realität*, i.e. an individual, a thing, event if it did not exist. A unicorn or hippogriff, for example, would be particular individual things, and hence *realia*, even though they do not exist.”

Cabe agora retomarmos um breve trecho da primeira citação do capítulo, onde vimos Brentano afirmar “a direção até um objeto – que não deve ser compreendido aqui enquanto coisa real” (1995 p. 68). Eis que o encerramento próximo do capítulo remete-nos até suas primeiras linhas. Pois é precisamente esta a base para a aproximação entre Freud e Brentano no que diz respeito à noção de representação-objeto.

A mesma distinção é articulada por Freud. Em seu *Projeto para uma psicologia científica*, ele começa a formular a teoria que mais tarde nomearia ‘teste de realidade’ [...] implicitamente, reconhece a diferença entre percepção externa e representações – as últimas consistindo em *juízos* relacionados à *percepção interna*. [...] A distinção feita por Freud reflete a feita por Brentano. É fundamental para a teoria de julgamento (*Urteil*) de Brentano que um objeto seja representado na consciência e afirmado, ou representado na consciência e negado. As representações de Brentano são epistemologicamente equivalentes às de Freud. (Cohen, 2002 p. 96-97 – o grifo é da autora)⁶⁸

Concluindo, por fim, uma articulação construída a partir das afirmações de uma autora que ignora a influência brentaniana na formação da representação-objeto de Freud nas *Afásias* (Rizzuto, 1993), e cuja contribuição, portanto, não converge com a encontrada em Garcia-Roza (2004), podemos retomar – tendo por base uma segunda constatação possibilitada pelo que acabamos de expor – a argumentação do metapsicólogo brasileiro.

Ao defender o mestre de Viena enquanto patrocinador filosófico da *representação* freudiana, Garcia-Roza (2004) insiste em dois pontos principais: o primeiro sendo a impossibilidade de um ato de representação ocorrer na ausência de objeto representado; o segundo: o fato de o objeto representado não necessariamente existir enquanto coisa real. O segundo ponto permite concluir que “o *sentido* de uma *Vorstellung* (representação) não decorre *da coisa*, mas da relação entre as *Vorstellungen*” (p. 57 – o grifo é nosso). A decisão pela tradução de *Vorstellung* como *representação-objeto* ao invés de *representação do objeto* já denota a ideia subjacente – não se trata de uma mera *reprodução* do objeto externo, não sendo portanto o sentido de uma representação derivado deste, mas

⁶⁸ No original: “The same distinction is articulated by Freud. In his *Project for a scientific psychology* he began to formulate the theory he would later call ‘reality testing’. [...] implicitly recognizes the difference between external perception and presentations; the latter are *judgments* related to *inner perception*. [...] Freud’s distinction reflects that made by Brentano. It is fundamental to Brentano’s theory of judgment (*Urteil*) that an object is presented to consciousness and affirmed, or presented to consciousness and denied. Brentano’s presentations are epistemologically equivalent to those of Freud.”

sim da relação que as várias representações mantêm entre si. “Não estamos mais no registro da representação entendida como entidade psicológica pura e simples, mas sim no registro do significante.” (Garcia-Roza, 2004 p. 58).⁶⁹

Neste sentido, façamos algumas considerações úteis capazes de iluminar o trajeto possibilitado pela aproximação entre Sigmund Freud e Franz Brentano. Já discorreremos sobre a não-correspondência mecânica, serial, entre fisiológico e psicológico, presente nas ideias de ambos. Quando unimos a isto a noção abordada mais recentemente, referente ao objeto que não deve ser compreendido enquanto coisa – considerando ainda a doutrina da intencionalidade e sua base representacional –, podemos facilmente concluir que tanto Freud quanto Brentano negam tratar-se a percepção humana de um processo essencialmente passivo. Não obstante, a fidelidade de Brentano para com Aristóteles é facilmente identificável no trecho de uma carta – composta já no final de sua vida – que passamos a citar: “Seria, é certo, claramente ridículo afirmar que alguém que quisesse saber alguma coisa alcançasse o conhecimento desejado por meio da compreensão de algo que não fosse aquilo que se esperava saber”⁷⁰ (Brentano, citado por McAlister, 2004 p. 151). Mais adiante na mesma carta, o filósofo relembra que, para Aristóteles, “a percepção sensorial da *forma* do objeto é recebida pelos sentidos na ausência da matéria, e da mesma forma o intelecto recebe a *forma inteligível* em abstração da matéria”⁷¹ (McAlister, 2004 p. 151). Brentano conclui a carta afirmando ser sua linha de raciocínio essencialmente a mesma do estagirita. Tal abstração da matéria

⁶⁹ Garcia-Roza faz questão de assinalar, em seguida, que Brentano é de fato fiel a Aristóteles – a mesma afirmação pode ser encontrada no outro livro do autor consultado, *O mal radical em Freud* (1991) –, e que, portanto, o fato de o sentido de uma representação não decorrer da coisa “*não implica* a aceitação da tese idealista que nega a existência do objeto externo à consciência” (2004, p. 57). A pesquisa revela tratar-se este de tema dos mais espinhosos, onde comentadores de Brentano parecem “concordar apenas em discordar”. Garcia-Roza (2004) sustenta que Brentano teria compreendido a *representação-objeto* enquanto *representação do objeto* até por volta de 1911, vindo a mudar de ideia após crítica de Meinong, um de seus discípulos. O próprio Brentano, tratando do assunto em correspondência já nos últimos anos de vida (faleceu em 1917), defender-se-ia alegando jamais ter realmente mudado de ideia, tendo se limitado a procurar corrigir interpretações errôneas acerca de suas teorias – e assim o fez apontando a conformidade de seu raciocínio com o de Aristóteles. Para maiores detalhes, ver *The Cambridge Companion to Brentano* (Jacquette, 2004). O tópico é pertinente na medida em que nos interessa conhecer com o máximo de exatidão possível os contornos da *representação* à qual Freud teria sido introduzido por seu professor.

⁷⁰ No original: “It would, of course, be clearly ridiculous to say that someone who wanted to know something, achieved the knowledge he wanted by coming to comprehend something else rather than that which he wanted to know.”

⁷¹ No original: “Aristotle says that in sense perception the form of the object is received by the senses without the matter, and likewise the intellect receives the intelligible form in abstraction from the matter. [...] Wasn’t his thinking essentially the same as ours?”

referente ao processo de percepção pode ser compreendida da seguinte maneira: algo que tenha sido *assimilado, apreendido* por um determinado sujeito, ao menos em princípio – partimos da premissa de que não se trate de um perfeito imbecil –, não somente conserva a possibilidade para que a mesma assimilação seja operada por um terceiro, mas implica ainda na facilitação do processo. Ora, qual a função de um professor senão precisamente esta? O mesmo não se pode afirmar, por exemplo, da *assimilação* de um prato de comida. Discorrer sobre as delícias nutritivas de um frango devorado para um sujeito morto de fome não irá alimentá-lo em hipótese alguma, a não ser que a decorrente irritação por fim o conduza à abominável prática do canibalismo.

Façamos, finalmente, um breve retorno à citação presente em nosso primeiro capítulo. Como visto, Wolfgang Smith (2005) afirma que a *forma* de um ente é sua verdadeira essência, aquilo que sabemos e podemos saber, a *quididade* da coisa. Coisa esta, no entanto, que na medida em que se apresenta sob o binômio *forma-matéria*, não coincide exclusivamente à sua quididade – possui ainda o aspecto material, o qual *permanece ininteligível*. Ora, podemos agora reunir as peças do quebra-cabeça e concluir: em última análise, uma *representação da coisa* individual de fato não é possível – não em função da tese idealista, que é rejeitada por Brentano, ou mesmo devendo-se exclusivamente a uma limitação da nossa percepção. A impossibilidade em questão decorre da *modalidade de existência do próprio objeto*. Considerado estritamente do ponto de vista material, ele é ininteligível, e, portanto, não passível de representação alguma. Eis a via para uma concepção representativa que não toma por base uma reprodução interna (psíquica) da coisa em sua totalidade enquanto tal (binômio forma-matéria), sem que, com isto, tenhamos de negar o acesso ao mundo externo. Dito em outras palavras, é o caminho que nos permite rejeitar uma cosmovisão mecânica, sem que para isso incorramos na sua correspondente “psicótica”.

A razão para as últimas considerações feitas é simples: a interlocução possível entre Freud e Brentano não se restringe à representação-objeto. Barclay (1964), por exemplo, aponta a noção freudiana de *investimento*⁷² como via régia

⁷² No original em alemão: *Besetzung*. Nas traduções mais antigas para a língua portuguesa, aparece como *catexia*, cuja origem remonta à tradução espanhola. Freud não aprovou a utilização de

para a *intencionalidade* de um modo geral. Sobre este ponto, não iremos nos estender, uma vez que ultrapassa demasiadamente os limites do presente trabalho. Implica não apenas numa herança visível *de Brentano* na produção *neurológica* de Freud, mas na interlocução entre toda a obra freudiana e uma tradição que por sua vez remonta à origem do pensamento filosófico ocidental. Não obstante, é interessante notarmos que a noção de *Besetzung* é primeiramente utilizada por Theodor Meynert (Garcia-Roza, 2004) – berço para a afirmação de Barclay (1964) acerca da intencionalidade subjacente aos flertes mecanicistas de Freud. Aviva Cohen ergue pontes entre o inconsciente freudiano e a filosofia partindo de Brentano⁷³, e segue ainda mais longe, apontando modificações ocorridas na técnica psicanalítica decorrentes da revisão – cuja base remontaria a Brentano – promovida por Freud no que diz respeito ao status ontológico do objeto.⁷⁴

Trata-se, portanto, de um tópico verdadeiramente fascinante. Seja pela relativa novidade que ainda se preserva, pela tendência natural à originalidade em função da escassez bibliográfica ou ainda pelo “retorno aos dias subestimados”, a interlocução Freud / Brentano é de fato instigadora. O cuidado exigido não é nada pequeno, sobretudo quando miramos o olhar no resgate operado pelo filósofo. Ainda que despretensiosamente, o presente trabalho aponta em suas entrelinhas para a cautela e seriedade necessárias na promoção deste diálogo: a consulta aos comentadores de Brentano – e as divergências encontradas no decorrer da pesquisa – servem bem para ilustrar o risco de erro em conclusões precipitadas. Sejam diretos: a aproximação aprofundada exige de seu promovedor a familiaridade total de trânsito, tanto pelas vias psicanalíticas quanto pelas da filosofia clássica e escolástica. Eis a razão para a atenção lançada sobre o termo *inexistência*, por exemplo, ou ainda a breve – porém fundamental – abordagem da noção de *essência*. Ao contrário do que o termo pode sugerir atualmente, a captação da mesma pelo intelecto, tal como compreendida pelos gigantes supracitados, em momento algum implica no *conhecimento total* acerca das possibilidades encontradas em qualquer *coisa* que seja.

O solo é fértil, e a colheita, promissora. Concluimos o presente capítulo reafirmando o que foi dito em suas linhas introdutórias: que não desanimemos

catexia, no entanto o termo se manteve até recentemente na versão brasileira das *Obras Completas* (Garcia-Roza, 2004).

⁷³ *The origins of Freud's theory of the unconscious: a philosophical link* (Cohen, 2000).

⁷⁴ *Franz Brentano, Freud's philosophical mentor* (Cohen, 2002)

diante da intimidadora mata virgem! No desbravamento das “terras desconhecidas”, teremos de reabrir algumas trilhas antigas, que, não fosse pelo esforço hercúleo perpetrado pela foice de figuras como Franz Brentano, já teriam sido completamente devoradas pelas folhas brancas do esquecimento. Jamais permitamos que isto aconteça! Perdidas por completo as trilhas, torna-se *Jotunheim* um país inacessível. E a antes inspiradora estatura de seus habitantes, com seus ombros já inalcançáveis, perverter-se-á em fonte de pura inveja, testemunho da nossa própria miséria.

Freud à Sombra de Freud

A vida de Sigmund Freud tem sido objeto de diversas biografias bem conhecidas, assim como uma pequena autobiografia. Apesar de sua produtiva carreira na neurologia ter sido eclipsada pela magnitude de suas contribuições à psiquiatria, os estudos de Freud no campo da neurologia e suas descobertas são bem reconhecidos, tendo o seu trabalho sobre paralisia cerebral sido recentemente apresentado na literatura pediátrica americana. (Ashwal, 1990 p. 243)⁷⁵

Cada qual no âmbito das peculiaridades que lhes são próprias, os capítulos desse trabalho irmanam-se pela necessidade de um olhar mais atento a permear seus tópicos centrais. A citação de abertura remete-nos à imagem de um eclipse, uma ilustração que julgamos não apenas pertinente, mas ainda muito satisfatória, quando o objetivo consiste em focarmos nosso interesse sobre a carreira neurológica de Freud. Ao tratar da passagem de Franz Brentano pela vida acadêmica do pai da psicanálise, destacamos uma certa negligência conferida ao assunto, que por sua vez implica em consequências possivelmente profundas na compreensão do pensamento freudiano⁷⁶. O mesmo não pode ser dito acerca do “Freud neurologista”, ao menos não exatamente. Ora, um eclipse dificilmente passa despercebido. Simplesmente nos é impossibilitada a contemplação direta do sol, uma vez que a lua toma o centro das atenções. Não obstante, o ofuscamento do brilho solar não chega a transmutar o dia em noite plena. Sabemos que, ao fundo, permanece firme o astro rei, sendo ele próprio o sustentador de toda a beleza do espetáculo celeste. Não há nesta analogia a intenção de conferir uma hierarquia propriamente substancial à interlocução “neurologia de Freud” / “psicanálise de Freud”. Uma hierarquia *temporal*, em contrapartida, é inegável. Freud não constrói sua teoria psicanalítica “do nada”, naturalmente.

⁷⁵ No original: “Sigmund’s Freud life has been the subject of several well-known biographies as well as a brief autobiography. Although his productive career in neurology has been eclipsed by the magnitude of his contributions to psychiatry, Freud’s neurological training and discoveries are well recognized and his work on cerebral palsy has recently been briefly presented in American pediatric literature.”

⁷⁶ Referimo-nos, aqui, sobretudo ao posicionamento adotado por Aviva Cohen (2002), que propõe nada menos que uma revisão sobre o que ela aponta como um consenso no que diz respeito à postura alheia adotada por Freud perante a filosofia.

A forma das novas teorias de Freud era parcialmente determinada pelas ideias básicas sobre o funcionamento do mecanismo nervoso, que por sua vez eram fruto de sua educação neurológica. Sua teoria do sonho era essencialmente uma aplicação lógica aos sonhos dos princípios que ele havia aprendido, não uma síntese repousando sobre extensa observação subjetiva ou clínica. (Amacher, 1965 p. 73)⁷⁷

Ao contrário do que ocorre no caso da incursão na filosofia por meio do contato com Brentano, a passagem de Freud pela neurologia é, portanto, amplamente documentada. Não se faz necessário, por exemplo, o apelo ao auxílio de correspondências pessoais na abordagem do assunto. Uma boa escolha de palavras remeter-nos-ia mais a uma carência de divulgação que propriamente de documentação, por assim dizer. Ou, numa última referência à analogia presente em nossa citação de abertura do capítulo, o ofuscamento da luz do sol não depõe contra sua presença real. Não há segredo: todos sabem que ele está lá.

Ainda assim, a denúncia do eclipse freudiano relatada por Stephen Ashwal, autor de *The founders of child neurology* (1990), não encontra nas palavras deste último um refúgio solitário para a sua constatação. Semelhante ao que se percebe ocorrer quando a relação Freud / Brentano é foco de pesquisa, publicações centradas especificamente sobre o tema da neurologia de Freud tendem – já em suas primeiras linhas – a chamar a atenção do leitor para o vasto mérito de uma obra vítima do brilho posterior de seu próprio criador.

Dr. Sigmund Freud deu início à sua carreira profissional como um neurologista e investigador clínico. Ainda que suas contribuições para a teoria psicanalítica sejam responsáveis pelo seu renome internacional, era através dos seus primeiros trabalhos no campo das neurociências que Freud intencionava obter o reconhecimento desejado. Hoje as suas contribuições para a neurologia, neuropatologia e anestesia encontram-se esquecidas. De fato, muitos estudantes e clínicos no campo das neurociências sequer estão a par de que as primeiras investigações científicas de Freud foram fundamentais para as maiores descobertas de seu tempo. [...] São essas contribuições esquecidas que melhor demonstram as capacidades científica e de pesquisa, particularmente sua habilidade na observação e descrição de uma variedade de processos patológicos. (Galbis-Reig, 2004)⁷⁸

⁷⁷ No original: “The shape of Freud’s new theories was partly determined by the basic ideas about how the nervous mechanism functioned which were part of his neurological education. His dream theory was essentially a logical application to dreams of the principles he had learned, not a synthesis resting on extensive subjective or clinical observations.”

⁷⁸ No original: “Dr. Sigmund Freud began his professional career as a neurologist and clinical investigator. While his contributions to psychoanalytic theory account for his worldwide renown, it is his early work in the neurosciences that Freud hoped would bring him the professional respect he desired. Today his contributions to neurology, neuropathology, and anesthesia are all but forgotten. In fact, many students and clinicians in the neurosciences are not even aware that

O que nos deve despertar interesse no excelente artigo *Sigmund Freud, MD: forgotten contributions to neurology, neuropathology and anesthesia* de David Galbis-Reig (2004) é a contextualização feita pelo autor na apresentação da produção neurológica de Freud. Sua publicação não se limita ao mero relato dos trabalhos mais importantes; isto já é possível encontrar na biografia feita por Ernest Jones (1975). O mérito, aqui, deve-se sobretudo à ênfase lançada sobre a relevância da obra, que indo muito além da contribuição às descobertas feitas em seu período originário, chega mesmo a se estender por quase um século. Referimo-nos a uma postulação elaborada por Freud em 1897, com relação à paralisia cerebral infantil, que seria confirmada apenas na década de 1980.

Esta monografia é inquestionavelmente a mais completa, a mais segura e a mais densa de pensamento que já apareceu sobre o confuso problema da diplegia cerebral na infância, sobre o qual se conhece tão pouco. (Pierre Marie, citado por Jones, 1975 p. 233)

Infantile cerebral paralysis (Freud, [1897] 1968) já seria passagem obrigatória nessa dissertação pelo simples fato de tratar-se da obra que encerra a carreira de Freud na neurologia (Jones, 1975). Terceira publicação sobre o assunto, foi precedida por *Clinical study on the unilateral cerebral paralyses of children* e *On the knowledge about cerebral diplegias of the childhood age*, textos de 1891 e 1893 respectivamente, tendo sido o primeiro produzido em parceria com Oscar Rie (Galbis-Reig, 2004; Ashwal, 1990). Jones (1975) afirma que os dados disponíveis acerca desta patologia acumulavam mais de trinta anos de estagnação, permanecendo rigidamente conservados sob a égide das postulações do cirurgião inglês William John Little, até então a principal autoridade no assunto. Little afirmava ser a paralisia decorrente de problemas na oxigenação cerebral no momento do parto, e foi sobre este ponto que se ergueu a inovadora proposta de Freud, que só seria confirmada cerca de noventa anos mais tarde.

Discorrendo “exaustivamente sobre as novas evidências científicas disponíveis acerca da etiologia, patofisiologia, nosologia, fatores de risco e possibilidades de tratamento para estes transtornos da infância” (Galbis-Reig,

Freud's initial scientific work was instrumental in allowing for the major discoveries of his time. [...] It is these forgotten contributions that best demonstrate Freud's scientific and research capabilities - particularly his ability to observe and describe a variety of disease processes.”

2004)⁷⁹, Freud inverte a equação proposta por Little, afirmando poder tratar-se a dificuldade observada no nascimento já de uma primeira manifestação da doença. “Ele lidou por um certo tempo com a observação problemática de que muitas crianças que experienciavam dificuldades obstetrícias não desenvolviam paralisia cerebral infantil e conjecturou que:” (Ashwal, 1990 p. 249)⁸⁰

A etiologia de Little não pode existir em todos os casos na ausência dos efeitos simultâneos de fatores congênitos. Além do mais, deve-se levar em conta que a anomalia do processo de nascimento, ao invés de ser o fator etiológico causal, possa ser ela mesma a consequência da etiologia pré-natal real. (Freud, [1897] 1968 p. 142)⁸¹

Se nosso interesse central fosse meramente apontar a importância que o manuscrito teve para a neurologia de sua época, a biografia composta por Ernest Jones (1975) já nos bastaria. A exposição feita por Stephen Ashwal (1990) sobre o assunto é consideravelmente mais detalhada que a encontrada no artigo de David Galbis-Reig (2004). Deve-se ter em conta, naturalmente, a distinção das intenções por trás de cada obra. No livro de Ashwal (1990), Freud surge, literalmente, apenas como mais um capítulo no amplo terreno da neurologia infantil. Autor cujos objetivos mais claramente convergem com os aqui estipulados, Galbis-Reig (2004) é o único a explicitar que

Freud foi longe o bastante ao ponto de afirmar que a associação da paralisia cerebral com retardo mental, convulsões e distúrbios sensoriais, fornecia evidência de que o dano sofrido no cérebro só poderia ocorrer durante o crucial período de tempo em que o sistema nervoso central desenvolve-se no feto. Ainda que a hipótese etiológica do Dr. Little tenha satisfeito investigadores ao longo de boa parte do século XX, as observações do Dr. Freud foram finalmente verificadas na década de 1980, quando foi descoberto que menos de 10% dos casos de paralisia cerebral eram de fato causados por complicações no parto levando a dano cerebral anóxico. Foi este manuscrito final em neurologia, mais que qualquer outro, responsável por estabelecer Freud como um investigador sério e um verdadeiro *expert* no campo das diplegias infantis.⁸²

⁷⁹ No original: “in exhaustive detail, the body of scientific evidence available during his lifetime on the etiology, pathophysiology, nosology, risk factors, and treatment of these disorders of childhood.”

⁸⁰ No original: “He dealt at some length with the troublesome observation that many children experiencing obstetric difficulties did not develop infantile cerebral paralysis and surmised that”

⁸¹ No original: “Little’s etiology cannot in all cases exist without the simultaneous effects of congenital factors. Furthermore, one has to consider that the anomaly of the birth process, rather than being the causal etiological factor, may itself be the consequence of the real prenatal etiology.”

⁸² No original: “Freud went so far as to pronounce that the association of cerebral palsy with mental retardation, seizures, and sensory disturbances provided evidence that the damage sustained by the brain could only occur during the crucial period of time when the central nervous system

Infantile cerebral paralysis (Freud, [1897] 1968) trata-se, portanto, da obra que à época foi responsável pela consolidação do nome de Freud no panteão das neurociências. Não apenas isto, é interessante notarmos que Galbis-Reig (2004) termina seu artigo com uma sugestão instigadora sobre possíveis consequências que o trabalho com crianças – e sobretudo a refutação da etiologia proposta pelo Dr. Little – possa ter tido para a teoria psicanalítica.

Foi através da observação de crianças que Freud começou a formular sua hipótese de que a patologia na vida adulta, particularmente transtornos psiquiátricos, desenvolviam-se na fase inicial da infância. Por esta razão, estas empreitadas iniciais no tópico da paralisia cerebral infantil foram cruciais no desenvolvimento da teoria psicanalítica, particularmente a ideia de que as experiências da infância desempenham um papel crucial na formação da consciência adulta. (Galbis-Reig, 2004)⁸³

Ainda que tenhamos optado por desenvolver o presente trabalho tomando por base os gigantes que influenciaram Freud, entendemos ser pertinente, num capítulo dedicado aos mestres neurologistas, uma introdução que aponte alguns dos principais frutos rendidos no período de nosso interesse.

Para os anos referentes à incursão de Freud no campo na neurologia, Ernest Jones (1975) delimita o intervalo de tempo que se estende de 1883 a 1897. É neste ponto que se iniciam os estudos com tecido humano. A atenção de Freud, entre 1876 e 1882, lançava-se sobre a histologia dos animais inferiores, crustáceos e peixes. Sua primeira publicação clínica data de 1884, tendo sido levada adiante sob forte influência de Ernst von Brücke. Centrada no atendimento de um aprendiz de sapateiro de 16 anos, sua importância repousa na constatação do talento já então presente no jovem médico para aferição de diagnósticos.

No decorrer dos anos seguintes, os primeiros de minha carreira médica, eu publiquei uma série de observações clínicas acerca de doenças orgânicas do sistema nervoso. Gradualmente eu me familiarizava com o terreno. Era capaz de

was developing within the fetus. While Dr. Little's etiological hypothesis satisfied investigators throughout much of the 20th century, Dr. Freud's observations were finally verified in the 1980's when it was discovered that less than 10% of cerebral palsy cases were actually caused by birth complications leading to anoxic brain injury.²⁸ It was this final manuscript in neurology, more than any other, that established Freud as a serious investigator and a veritable expert in the field of childhood diplegias.”

⁸³ No original: “It was through his observation of children that Freud began to form his hypothesis that the pathology of adulthood, particularly psychiatric disorders, developed during early childhood. For this reason, these early works on childhood cerebral paralysis were crucial to the development of psychoanalytic theory, particularly the important idea that childhood experiences play a crucial role in the formation of adult consciousness.”

localizar a posição de uma lesão no bulbo raquidiano tão precisamente que ao anatomista patológico não cabia acrescentar nenhuma informação. Eu fui a primeira pessoa em Viena a enviar um caso para autópsia com diagnóstico de polineurite aguda. (Freud, 1952 p. 32)⁸⁴

Referente ao manuscrito clínico de 1884, a autópsia viria a confirmar “hemorragia meníngea, afetando indiretamente os gânglios basais” (Jones, 1975 p. 218). Tal dedução, nas palavras do próprio Freud em carta enviada à sua então noiva Martha Bernays, visava à *localização* da lesão, “sempre o principal interesse em transtornos cerebrais” (Freud, 1960 p. 92)⁸⁵.

Outra passagem no percurso freudiano merecedora de nossa atenção diz respeito aos seus estudos com o cloreto de ouro. *A new histological method for the study of nerve-tracts in the brain and spinal chord* (Freud, 1884) foi publicado, no mês de maio, no periódico londrino *Brain: a journal of neurology*. Redigido em inglês com o auxílio de um norte-americano, o artigo tratava de uma nova técnica, desenvolvida por Freud a partir de indicações provenientes do colega Paul Emil Flechsig oito anos antes (Jones, 1975), referente a um novo método capaz de detectar a origem de fibras nervosas. Tratava-se da utilização do cloreto de ouro a fim de provocar uma coloração específica nas fibras, o que por sua vez permitia uma visualização mais clara, e subsequente examinação minuciosa. Freud teria ficado tão eufórico com o sucesso do procedimento que, de acordo com os relatos do biógrafo (Jones, 1975), não tardou em reunir os amigos mais confiáveis e impor-lhes juramento de segredo antes de transmitir-lhes a boa nova. Expondo os pormenores da utilização da substância, encorajou-os à testagem individual, cada qual em sua área específica – tratava-se de um grupo inteiramente composto por médicos. Ele próprio, por sua vez, dedicou-se à experimentação do cloreto em um estudo neuropatológico das interconexões entre o bulbo raquidiano e o cerebelo.

O aprimoramento da técnica de coloração mediante aplicação do cloreto de ouro foi responsável pelo pioneirismo de Freud na descrição das conexões entre a parte lateral da medula espinhal e o cerebelo. Mais ainda, em palestra intitulada *The structure of the elements of the nervous system* (Amacher, 1965), o novo

⁸⁴ No original: “In the course of the following years, while I continued to work as a junior physician, I published a number of clinical observations upon organic diseases of the nervous system. I gradually became familiar with the ground; I was able to localize the site of a lesion in the medulla oblongata so accurately that the pathological anatomist had no further information to add; I was the first person in Vienna to send a case for autopsy with a diagnosis of polyneuritis acuta.”

⁸⁵ No original: “always our chief concern in brain disorders.”

método de detecção da origem de fibras nervosas concebido por Freud permitiu-lhe teorizar que o sistema nervoso fosse composto por estruturas fibrilares. Galbis-Reig (2004) defende, com base nas informações expostas em palestra, que faltou pouco para que Freud viesse a ser o primeiro a descrever – note-se que ainda na década de 1880 – o que apenas no ano de 1906 ficaria conhecido como “doutrina neuronal”, responsável por nada menos que o primeiro prêmio Nobel conferido a um neurocientista: a saber, o espanhol Santiago Ramón e Cajal. Por sua vez, a pesquisa de Ramón e Cajal foi possibilitada por uma técnica de coloração de fibras nervosas semelhante à desenvolvida por Freud. Operando a partir de uma reação química entre o nitrato de prata e bicromato de potássio, o procedimento em questão, de autoria do médico e histologista italiano Camillo Golgi, era mais sofisticado quando comparado ao seu equivalente à base do cloreto de ouro. Ernest Jones (1975) classifica o episódio como sendo mais uma oportunidade desperdiçada por Freud de alcançar fama internacional ainda nos anos de juventude. Credita o ocorrido à sua falta de ousadia em insistir nas próprias ideias até as últimas consequências.

Seus artigos primorosos detalhando a estrutura anatômica do bulbo raquidiano e a estrutura histológica do sistema nervoso foram fundamentais na contribuição para as pesquisas inovadoras que seriam realizadas por outros investigadores nos anos seguintes; pesquisas estas que por fim desencadeariam no desenvolvimento de uma teoria unificada da estrutura cerebral. (Galbis-Reig, 2004)⁸⁶

Concluídas estas considerações, passemos ao gigante da vez, avancemos, já certos de que aquele sobre quem se diz ter feito bom uso dos bem dispostos ombros alheios, tende, ao fim do dia, a não lhes dever nada no quesito estatura!

3.1

Para além do Continente – John Hughlings Jackson

A aproximação entre o pai da neurologia britânica (Critchley & Critchley, 1998) e o pai da psicanálise é mais uma empreitada capaz de render frutos frescos, ainda que tenham se passado cerca de 120 anos desde o seu momento de origem.

⁸⁶ No original: “His landmark articles detailing the anatomical structure of the medulla oblongata and the histological structure of the nervous system were instrumental in opening the door for the breakthrough work that would be performed by other investigators in later years; work that would lead to the development of a unified theory of cerebral structure.”

Seguindo o mesmo padrão encontrado quando o assunto é a produção neurológica de Freud como um todo, a documentação não é escassa, a começar por menções elogiosas e citações feitas pelo próprio Freud ao colega. Referimo-nos, aqui, ao texto de 1891, *A interpretação das afasias*, onde o súdito da rainha Victoria é personagem recorrente. Podemos mesmo acolhê-lo no grupo dos protagonistas, figura fundamental de inspiração para a composição do manuscrito neurológico marcado pela crítica ao localizacionismo. O estudioso que se debruçar sobre a interlocução entre os gigantes de Londres e Viena certamente encontrar-se-á, por diversas vezes, direcionado à referida obra. De fato, o texto das *Afasias* trata-se do epicentro a partir do qual surgem ramificações possíveis para a referida aproximação. Diversas são as publicações que apontam nesta direção. Garcia-Roza (2004), Sulloway (1992), Ashwal (1990), Amacher (1965) e Edelheit (1976), apenas para citar alguns, são autores que tratam do assunto. Este último nos é especialmente valoroso e já veremos o motivo disso.

Nossa passagem pelo nome de John Hughlings Jackson tem o seu propósito respaldado em alguns fatores, que passamos comentar:

O surgimento da contribuição do neurologista inglês na obra de Freud, por exemplo, é, quando devidamente contextualizado, muito ilustrativo da *subida nos ombros de gigantes*. Se é verdadeiro afirmar que a herança de Hughlings Jackson é bem conhecida, não devemos deixar de assinalar aqui o seu caráter, digamos, inovador. Em *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*, descobrimos que “Sigmund Freud foi um dos poucos no continente que lhe conferiu qualquer tipo de atenção” (Eling, 1994 p. 142)⁸⁷, citação esta que remete ao nosso subtítulo. Eis que o alcance dos gigantes revela-se não apenas do ponto de vista temporal – tal como visto quando falamos de Brentano e a herança que a partir dele engloba Aristóteles e os escolásticos medievais – como também do ponto de vista geográfico. Em certo sentido é como se Freud projetasse, ele mesmo, sua via de acesso a *Jotunheim*.

Cabe, aqui, seguirmos os passos de Peter Amacher (1965). Na introdução à sua monografia, que trata das influências neurológicas sobre a teoria psicanalítica de Freud, Amacher esclarece que não consta em suas intenções o testemunho contra a originalidade desta última. Assim afirmamos uma vez que, dentre as

⁸⁷ No original: “Sigmund Freud was one of the few on the continent who paid any attention to him.”

ramificações possíveis partindo da contribuição de Hughlings Jackson, há sobretudo uma de grande relevância para a psicanálise, explicitamente apontada por Henry Edelheit (1976). O assunto, que será abordado mais adiante, diz respeito às implicações metodológicas decorrentes de algumas considerações do médico inglês sobre o tema dos distúrbios da linguagem. Reza a sabedoria popular que “o homem sábio não é aquele que tudo conhece, mas o que se cerca de bons conselheiros.” Ora, afirmação perfeitamente análoga pode ser feita no que diz respeito à escolha acerca de quais ombros escalar. Quais os gigantes genuínos, dignos do esforço da subida, e quais os ogros bem dotados cuja largura só faz bloquear-nos o campo de visão? Um bom “olhar clínico”, com o perdão do duplo sentido, se faz necessário. O “mapeamento dos gigantes”, portanto, tende a depor em favor do alpinista e não o contrário.

Dito isto, quais seriam os demais fatores a respaldar o propósito da inclusão do inglês nessa dissertação? É verdade que há a resposta mais óbvia e direta, razão de sua onipresença bibliográfica quando o assunto é o eixo Londres-Viena: as *afasias* de Freud ([1891] 1977). Esclarecemos que nossa intenção *não é de modo algum* minimizar a influência de Hughlings Jackson neste manuscrito especificamente: isto não faria o menor sentido. Ocorre apenas que, uma vez que nos propomos a conferir ênfase maior sobre os tópicos menos explorados, entendemos a contribuição do neurologista britânico como uma porta de entrada para algo que vai muito além dos distúrbios da linguagem. Como veremos, as ramificações permitidas pela herança de Hughlings Jackson podem florescer na seguinte direção: suas considerações especificamente concernentes à afasia – bases para crítica ao localizacionismo de uma perspectiva neurológica – abrem caminho, através da teoria do *concomitante dependente*, à ideia do paralelismo psicofísico e, por fim, à doutrina da complementaridade (Edelheit, 1976). Esta última, por sua vez, lança-nos de volta à questão do choque das cosmovisões, tal como tratado em nosso primeiro capítulo. Vejamos como isto se dá.

O texto do neurologista britânico ao qual Freud se remete por diversas vezes na *Interpretação das afasias* ([1891], 1977) havia sido publicado treze anos antes de sua própria obra sobre o assunto. Trata-se de *On affections of speech from disease of the brain* (Hughlings Jackson, [1878] 1958). É neste manuscrito que Hughlings Jackson expõe a sua concepção *funcional* do aparelho de

linguagem, precisamente o ponto sobre o qual se projetam os maiores elogios por parte de Freud.

É no que diz respeito especificamente ao problema da linguagem, que Freud rende maiores homenagens a Hughlings Jackson. A concepção jacksoniana, de que o aparelho de linguagem apresenta diferentes níveis funcionais sob diferentes condições patológicas, foi um poderoso reforço à crítica freudiana da teoria das localizações. Jackson defendia a teoria da retrogressão funcional no caso da afasia. Segundo sua teoria, há, na afasia, uma perda regular da habilidade linguística, de tal forma que os níveis mais complexos e refinados se perdem primeiro enquanto que os níveis mais primitivos são conservados durante um tempo maior, sendo os últimos a serem atingidos. Jackson concebe essa retrogressão como sendo uma involução, isto é, uma passagem do mais organizado e diferenciado para o menos organizado e menos diferenciado, como um processo que segue o inverso do evolutivo. (Garcia-Roza, 2004 p. 35-36)

Com Frank Sulloway (1992), descobrimos que Jackson “concebia a mente humana em termos de uma série hierárquica de níveis funcionais” (p. 270)⁸⁸ dotada de níveis superiores e inferiores. Aos níveis superiores caberiam as funções voluntárias, que, por sua vez, seriam responsáveis por *abafar* as mais involuntárias e inferiores. A suposição era de que as camadas mais inferiores teriam sido sobrepujadas pelas superiores no decorrer da evolução da espécie. A estas últimas caberia, no presente estado do processo evolutivo, organizar e supervisionar as camadas baixas da hierarquia. O neurologista inglês propunha um processo análogo a este no âmbito individual do desenvolvimento mental.

No caso da velhice, como em várias doenças neurológicas e em praticamente todas as formas de insanidade, Jackson identificava uma inversão geral deste processo evolutivo e nomeava tal fenômeno, seguindo os passos de Herbert Spencer, “involuções” no funcionamento mental. Ele ensinava ainda que os níveis funcionais inferiores da mente – dinâmica e subconscientemente presentes em todos os indivíduos saudáveis – são temporariamente libertados durante o sono e os sonhos. (Sulloway, p. 270)⁸⁹

É importante, neste ponto, notarmos que a concepção funcional jacksoniana se estende por todo o domínio mental, não sendo exclusiva ao aparelho de linguagem. Não obstante, como é bem apontado por Garcia-Roza (2004), as maiores homenagens por parte de Freud surgem vinculadas às

⁸⁸ No original: “conceived the human mind in terms of a hierarchical series of functional levels”

⁸⁹ No original: “In senescence, various neurological diseases, and most forms of insanity, Jackson recognized a general reversal of this evolutionary process and called such phenomena, after Herbert Spencer, “dissolutions” in mental functioning. He also taught that the lower functional levels of mind – dynamically and subconsciously present in all healthy individuals – are temporarily unleashed during states of sleeping and dreaming.”

aplicações da ideia no que diz respeito à afasia. A consulta ao texto de 1891 revela-nos com muita clareza o principal motivo por trás disto: uma hipótese de tal envergadura respondia perfeitamente bem às exigências *clínicas* observadas em pacientes afásicos, sobretudo àquelas que conflitavam diretamente com as postulações edificadas sobre premissas referentes à *localização* das funções cerebrais.

E neste ponto devemos delinear e esclarecer com precisão alguns tópicos. Visando a uma compreensão satisfatória acerca das contribuições de Hughlings Jackson – partindo da sua concepção funcional – sobre a proposta formulada por Freud, vejamos: quais eram as ditas exigências clínicas? Poderíamos ainda formular a pergunta com uma breve alusão a Charcot: quais seriam os fatos não previstos pelas diretrizes da “boa teoria”?⁹⁰ É natural que tal elucidação tome como premissa saber o que afirmava a boa teoria, e não no seu aspecto mais amplo e por nós já conhecido – na verdade a sua *conclusão inevitável*: a localização das funções cerebrais. Referimo-nos, aqui, ao ponto de atrito preciso entre o que era constatado e o que, por assim dizer, esperava-se encontrar.

Começemos por tratar, além disso, dos alvos específicos da crítica de Freud. O metapsicólogo brasileiro (Garcia-Roza, 2004) enumera-os em dois: o primeiro dizia respeito à hipótese que afirmava a distinção entre a afasia decorrente da destruição dos *centros* e a decorrente da destruição das *vias de condução*. E que centros seriam estes? Referimo-nos, aqui, aos centros *motor* e *sensorial*, respectivamente à área de Broca e à área de Wernicke, havendo ainda um sistema de fibras de associação – as vias de condução – responsável pela comunicação entre as duas áreas. O segundo alvo referia-se à hipótese que tratava das relações recíprocas entre os diferentes centros responsáveis pela linguagem. Nota-se, subjacente a estas duas hipóteses, uma concepção atomística, mecânica, onde as funções do sistema nervoso surgem anatomicamente determinadas como que em compartimentos estanques. A origem de tal concepção remete-nos ao comunicado feito por Paul Broca à Sociedade Anatômica de Paris em 1861. Com base no nosso velho conhecido método anátomo-patológico⁹¹ – e não invocamos aqui o termo *clínico* propositadamente, para enfatizar o auge da contribuição de Charcot à neurologia apenas na década seguinte –, Broca “conclui que uma lesão

⁹⁰ Ver p. 35 – “A teoria é boa, mas não impede que as coisas aconteçam.” – Charcot.

⁹¹ Ver capítulo 1, p. 25

de terceira circunvolução do lobo frontal esquerdo tem como consequência a perda total ou uma redução acentuada da linguagem articulada” (Garcia-Roza, 2004 p. 20). As demais funções da linguagem e da inteligência permaneceriam intocadas. Cerca de uma década depois, Wernicke utiliza o mesmo método na descrição do correlato sensorial da afasia de Broca. Eis a aurora da ideia dos centros distintos de linguagem e de suas vias de condução. É no território dos distúrbios da linguagem, portanto, que veremos a ascensão e a queda do localizacionismo. E por mais que esta seja uma passagem do trabalho dedicada ao gigante inglês, não custa lembrar que o prestígio clínico avistado dos ombros de Charcot também foi de suma importância na composição do manuscrito de Freud ([1891] 1977). Tendo isto em vista, passemos agora às exigências clínicas.

A importância conferida por Freud aos dados clínicos no texto de 1891 é muito clara. Já nas primeiras linhas do trabalho, seu leitor é apresentado a algumas evidências neste sentido que visavam contestar a ideia de Wernicke sobre a afasia de condução, ou seja, aquela que não seria localizada em nenhum dos centros, mas nas vias de condução entre eles. Freud não nega, naturalmente, a *ocorrência do fenômeno* classificado por Wernicke como afasia de condução. A abordagem deste tópico nos é importante uma vez que se trata da primeira passagem no texto de Freud em que veremos um apelo à hipótese *funcional*. A explicação concernente à causa do distúrbio, de acordo com Wernicke, indicaria uma lesão nas vias de condução, por sua vez responsável pela destruição das mesmas. Freud refere-se à afasia de condução como *parafasia*, e uma definição acerca desta é precisamente o que encontramos nas linhas inaugurais do manuscrito. “Por parafasia devemos entender uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exata” (Freud, [1891] 1977 p. 9). Esta relação pode indicar um sentido parecido, ser mero indício de associação corrente em função do uso cotidiano ou ainda apontar não mais que a simples semelhança de sonoridade. Os exemplos, portanto, são dos mais diversos: a troca de *pena* por *lápiz* ou *Potsdam* em lugar de *Berlim*, ou ainda *Butter / Mutter* ou *Campher / Pamphlet* são alguns apontados pelo autor.

Já haveria, porém, no que concerne às parafasias, alguma menção explícita feita por Freud ao legado de John Hughlings Jackson? A resposta é não. A primeira menção ao neurologista britânico virá mais adiante, quando Freud expõe

a ideia do *concomitante dependente*. Ainda assim, há de se salientar que muito antes de tocar no nome do inglês, Freud já dá sinais de sua concepção funcional, e, neste sentido, podemos observar claramente os contornos *extracontinentais* já na abertura da obra. Freud dirá que os quadros de parafasia não se devem à destruição das vias de condução entre os centros sensorial e motor, tratando-se simplesmente de um *sintoma funcional* a indicar a menor eficiência do aparelho como um todo. Uma das bases para a crítica é simples: os sintomas encontrados em quadros de parafasia muitas vezes são os mesmos passíveis de observação em casos de fadiga ou intenso estresse emocional em pessoas perfeitamente saudáveis.⁹² Freud afirma que Wernicke simplesmente não leva em consideração a interação entre o aparelho de linguagem e todo o restante da atividade cerebral, como se fosse ele mesmo algo isolado, de limites bem firmados, e não apenas mais uma parte – ainda que muito importante – do conjunto geral.

Freud prossegue na descrição de diversos casos clínicos, analisando-os a partir das concepções propostas por Wernicke e posteriormente desenvolvidas por Lichtheim. Assim o faz com o intuito de apontar os impasses que vão surgindo quando se tenta estruturar uma determinada sintomatologia à luz das premissas de um localizacionismo radical. Existe um caso, no entanto, sobre o qual devemos nos debruçar com mais cuidado. Não apenas se trata do primeiro trazido por Freud, mas possivelmente do mais importante. A ele o autor retornará por diversas vezes ao longo do manuscrito, tendo este ainda lhe servido como via principal para a afirmação da concepção funcional: o caso de Heubner.

Anterior em dois anos à primeira edição de *Interpretação das afasias* (Freud, [1891] 1977), a publicação do pediatra de Leipzig, Otto Heubner, começava por apontar um caso típico de *afasia motora transcortical*: o paciente havia perdido a capacidade de falar espontaneamente, porém encontrava-se capaz de ler em voz alta e repetir aquilo que lhe era dito. Tinha ainda perdido a compreensão da linguagem, de maneira que sequer compreendia o que lia, escrevia ou repetia. Esta última manifestação sintomática, acerca da compreensão da linguagem, indicava, por sua vez, o diagnóstico de *afasia sensorial transcortical*. Freud ([1891] 1977) esclarece que, partindo do esquema proposto

⁹² É interessante notarmos que Garcia-Roza (2004) identifica neste aspecto não apenas os primeiros contornos referentes a uma discussão sobre o normal e o patológico, mas ainda o precursor na obra freudiana da teoria sobre o ato falho, o chiste e o lapso como exemplos vivos de condensação e de deslocamentos operados pela linguagem.

por Lichtheim, o quadro não poderia ser explicado recorrendo a uma lesão apenas, mas antes pela coincidência de duas lesões. A autópsia revelara, de fato, dois “amolecimentos corticais” (Freud, [1891] 1977 p. 11) distintos. O primeiro referia-se à zona sensorial, circundando a área de Wernicke. O segundo amolecimento cortical é descrito como superficial, “do tamanho de uma lentilha, em correspondência com um ângulo da terceira circunvolução frontal” (p. 12). Freud prossegue afirmando que, num primeiro momento, tais achados parecem realmente confirmar o esquema de Lichtheim. No entanto, seguindo os passos de Heubner, ele diz acreditar que a segunda lesão, referente à zona motora, é demasiado limitada e insignificante. Ela não seria capaz de sustentar a perturbação da linguagem observada, por sua vez descrita como considerável e profunda. Mais ainda, a lesão encontrava-se no córtex, sendo portanto *cortical* e não *transcortical*, donde conclui Freud que, caso fosse esta lesão a responsável pelas perturbações, elas verificar-se-iam tanto no repetir quanto no falar. O veredicto: uma lesão *sensorial* transcortical também seria capaz de provocar a interrupção da fala espontânea, um sintoma típico da afasia *motora* transcortical.

Não há necessidade de aqui expormos um a um todos os demais exemplos clínicos descritos por Freud em seu manuscrito de 1891. O que deve ficar claro é que este caso clínico, especificamente, trata-se do ponto de origem para a hipótese funcional lançada por Freud. Os demais relatos visam dar suporte às conclusões possibilitadas pela descrição de Heubner, uma vez que – como é admitido pelo autor – “é sempre arriscado fundamentar uma afirmação num único caso que ainda por cima apresenta uma pequena lesão na zona motora” (Freud, [1891] 1977 p. 12). Partindo das contradições apontadas pelo colega de Leipzig, Freud dedica-se à pesquisa de diversos relatos de afasia motora transcortical. Ele conclui, por fim, que esta forma de distúrbio da linguagem provém ou de lesões das zonas *sensoriais* da linguagem – como visto no caso de Heubner – ou de “particulares condições patológicas da motilidade pelas quais o centro motor da linguagem é levado a um estado *funcional* reduzido em relação ao normal” (Freud, [1891] 1977 p. 16 – o grifo é nosso). Mais uma vez, o metapsicólogo brasileiro auxilia-nos rumo a uma compreensão mais exata acerca da funcionalidade tal como concebida por Freud.

Tomando como referência um tipo de perturbação da linguagem denominada *afasia motora transcortical*, [Freud] propõe uma explicação fundada na hipótese funcional, sendo que o termo “funcional” tem para Freud dois sentidos: no primeiro sentido, funcional designa a natureza da relação entre a estrutura do cérebro e o seu modo de funcionamento; no segundo sentido, ele diz respeito ao fato de que os distúrbios observados na clínica podem ser determinados tanto pela extensão da área cortical lesada como pelas unidades danificadas. (Garcia-Roza, 2004 p. 24-25)

Havia ainda duas hipóteses em vigor para o caso de uma lesão cerebral referente ao aparelho de linguagem. A primeira delas postulava a inativação específica da parte lesionada do aparelho, sem prejuízo para as demais. A segunda afirmava que o aparelho de linguagem reagiria solidariamente como um todo. Sua *função* encontrar-se-ia debilitada, no entanto sem deficiência visível nas partes isoladas. Freud utiliza-se da segunda hipótese para o caso de lesões destrutivas, sendo este caráter “solidário” perfeitamente ilustrativo da *perturbação funcional*. Ele afirma que, caso desejássemos “encontrar uma explicação da relação entre a *lesão orgânica* e a *perturbação funcional*” (Freud, [1891] 1977 p. 17 – o grifo é do autor), seríamos obrigados a reconhecer que toda uma série de lesões orgânicas não pode se manifestar a não ser através de perturbações funcionais (a experiência mostraria que tais lesões de fato não produzem mais que isto). A acusação é feita no sentido de denunciar um hábito que já vinha se estendendo ao longo de décadas: a comunidade médica servia-se das perturbações fornecidas pela clínica para o conhecimento da localização das funções, de maneira que “[...] agora já estamos habituados à pretensão de que uma lesão orgânica destrua completamente uma parte dos elementos do sistema nervoso, mas deixe completamente intactas as outras” (p. 17), quando na realidade pouquíssimas lesões satisfazem estas condições. Na maioria dos casos, encontravam-se lesões não diretamente destrutivas, mas envolvendo uma quantidade muito maior de elementos na zona referente ao seu efeito de perturbação. Uma lesão do centro motor, portanto, não trará como consequência a perda de um determinado número de palavras do vocabulário do sujeito, ocorrendo, ao invés disto, a redução geral da funcionalidade do centro em sua totalidade. É com base nisto que Freud por fim afirmará ter sido capaz de explicar uma forma de perturbação da linguagem observada clinicamente “com uma hipótese de modificação do estatuto *funcional* e não com a interrupção *localizada* de uma via”. (Freud, [1891] 1977 p. 17). Ele insiste ter sido obrigado a pôr de lado a explicação baseada na localização em

virtude das verificações permitidas pela autópsia, defendendo tratar-se de um passo muito importante para toda a *interpretação da afasia*. Nesta parte do manuscrito, Freud conclui seu raciocínio com uma observação que imediatamente nos traz à memória os preceitos da *involução* de Hughlings Jackson, ainda que nos faltem algumas páginas até o primeiro vislumbre de seu nome: “A hipótese pela qual nos decidimos [...] parece-nos consequente em relação à constatação de que *a capacidade de repetir persiste sempre mais longamente que o falar espontâneo*” (Freud, [1891] 1977 p. 17 – o grifo é nosso).

Temos, diante dos nossos olhos, um momento do percurso freudiano belissimamente ilustrativo do título escolhido para esse trabalho. Ora, o que vemos aqui – dos ombros de Freud, diga-se – é algo como a confecção de uma nova perspectiva possibilitada pela sobreposição articulada das imagens fornecidas pela reunião de *todos* os seus gigantes: Sigmund Freud naturaliza-se cidadão de *Jotunheim*. O texto é indiscutivelmente neurológico, o que, por sua vez, remete à herança para com a escola alemã, terreno que serviu de suporte à maior parte da sua instrução em medicina. Tal constatação, por sua vez, em nada ofusca a presença dos contornos da escola francesa de neurologia: como é muito bem afirmado por Garcia-Roza (2004), o que surge em 1891 é um texto eminentemente *clínico*. Partindo da escuta do discurso afásico, pretende-se articular as perturbações da linguagem encontradas na clínica com as perturbações funcionais do aparelho de linguagem – descrito em termos estritamente neurológicos. Perturbações *funcionais*. Como na composição dos termos de um “armistício satisfatório”, Freud cruza o Canal da Mancha em busca da intermediação britânica, que nos surgirá sob a forma da “neutralidade diplomática” de um John Hughlings Jackson negligenciado no velho continente. Velho, de fato, quando recordamos ainda a extensão milenar abarcada por uma contribuição filosófica que por sua vez se revela neste mesmo manuscrito acerca das afasias, tal como já tratamos no capítulo anterior.

Concluída nossa exposição no sentido de elucidar as exigências clínicas que por sua vez coroaríamos a subida sobre os ombros de Hughlings Jackson, passemos à “dita cuja”. A doutrina funcional permite que Freud rejeite a hipótese “de que o aparelho de linguagem consista em centros distintos, separados por regiões corticais isentas de funções” (Freud, [1891] 1977 p. 37). A contribuição do gigante inglês se faz notar amplamente no momento em que Freud propõe-se à

descrição do aparelho de linguagem contemplado a partir do cenário patológico. É neste ponto que Freud recorre ao auxílio específico da ideia jacksoniana referente à involução funcional.

Para a avaliação da função do aparelho da linguagem em condições patológicas propomos a formulação de Hughlings Jackson, segundo a qual todos estes modos de reação representam casos de *involução funcional* (desinvolução) do aparelho de organização superior e correspondem portanto a anteriores estados do seu desenvolvimento funcional. Em todos os casos perder-se-á portanto uma ordem associativa superior desenvolvida sucessivamente e permanecerá uma mais simples, adquirida anteriormente. A partir deste ponto de vista, explica-se uma grande quantidade de manifestações da afasia. (Freud, [1891] 1977 p. 55 – o grifo é do autor)

Tal “grande quantidade” Freud organizará sob a forma de tópicos distintos, sempre tomando como eixo o postulado da involução funcional. Primeiramente, é abordada a *perda de novas aquisições linguísticas*, por sua vez compreendidas enquanto superassociações, sempre com a “conservação da língua mãe na sequência de qualquer afecção do aparelho de linguagem” (Freud, [1891] 1977 p. 56). Aqui, Freud aponta a ausência na literatura médica referente a quadros afásicos, de casos onde o paciente tenha mantido o domínio sobre uma língua estrangeira após se mostrar incapacitado na utilização da primeira língua aprendida. Mais ainda, afirma com isso ser possível explicar a natureza dos chamados *restos de linguagem* observados em casos de afasia motora. Estes consistiam em algumas palavras que permaneciam à disposição do doente, para além da restrição ao *sim* e *não* comumente encontrada nesta modalidade afásica. Trata-se, na verdade, da segunda menção de Freud aos *restos de linguagem*. Anteriormente no texto ([1891], 1977 p. 36), em passagem também dedicada ao neurologista britânico, o autor afirma que “em outros casos” – casos não diagnosticados como afasia motora – “o resto de linguagem corresponderia a uma capacidade linguística de relevo.” A permanência destes *restos* não raramente consistiria numa blasfêmia, tendo Hughlings Jackson observado que tais blasfêmias, mesmo em pacientes saudáveis, diziam respeito à linguagem emocional e não intelectual.

Em segundo lugar, Freud sugere que “as associações mais *frequentemente praticadas* resistem mais facilmente à destruição” ([1891], 1977 p. 56 – o grifo é do autor). O respaldo clínico para tal sugestão emerge a partir da observação feita com pacientes agráfcos, que por sua vez permanecem capazes de escrever com

grande facilidade o próprio nome, tal como ocorre com muitos analfabetos. Uma interessante ressalva feita pelo autor diz respeito à afasia motora. Neste caso, não se verifica a conservação do próprio nome. Não que isto deponha contra a sugestão oferecida, na medida em que, ao contrário da *escrita* do próprio nome – que seria rotineira –, o mesmo não pode ser dito de sua *pronúncia*. Esta sugestão ampliaria ainda os pormenores sintomáticos encontrados nas afasias até considerações referentes ao grau de instrução e profissão exercida pelo paciente. Freud exemplifica com o caso de um capitão do mar vítima de afasia simbólica, que nomeava todos os objetos ao seu redor como se fossem objetos encontrados em um navio.

Em terceiro lugar, Freud indica ser muito “relevante que as representações de palavras *associadas em séries* sejam conservadas melhor por cada uma das representações e que as palavras sejam conservadas tanto mais facilmente quanto mais amplas as suas associações” ([1891] 1977 p. 57 – o grifo é do autor). A ilustração neste sentido encontra-se presente em exemplos como a sequência numérica, a série dos dias da semana ou ainda a sucessão dos meses do ano. Freud relata um caso em que o paciente não se encontrava capaz de dizer imediatamente um determinado número, e portanto socorria-se começando a contar desde o início até atingir o número desejado. Em outros casos constataríamos ainda a possibilidade de pronunciar apenas a série associativa completa e jamais um de seus elementos isoladamente. Por vezes, sujeitos incapazes de pronunciar espontaneamente uma palavra que fosse, permaneciam plenamente habilitados a cantarolar a letra completa de uma música.

Em quarto lugar, nota-se, nos quadros de perturbação do discurso referentes à assimbolia, que são perdidas com maior facilidade precisamente as palavras que apresentam *significado muito restrito*, isto é: “que só se podem encontrar a partir de poucas associações objectuais determinadas” (Freud, [1891] 1977 p. 57). Nos casos de amnésia fisiológica os nomes próprios seriam esquecidos com maior facilidade, ao passo que nos casos de assimbolia o prejuízo observa-se primeiramente na utilização de substantivos, para apenas depois atingir os adjetivos e verbos.

Por fim, o leitor da interpretação freudiana das afasias é apresentado àquilo que, com Garcia-Roza (2004), vimos poder ser considerado já um primeiro esboço para uma futura discussão acerca da natureza do patológico. “O influxo do

cansaço sobre processos associativos mais longos, o da duração reduzida das impressões sensoriais ou o da atenção flutuante e descontínua” (Freud, [1891] 1977 p. 57) são apontados pelo autor como aspectos que muitas vezes incidem notavelmente sobre a intensidade de uma perturbação da linguagem.

A maior parte dos pontos aqui recolhidos resulta de propriedades gerais de um aparelho com um dispositivo associativo e é válida de modo semelhante para as atividades de outras regiões encefálicas em condições patológicas. Talvez o mais relevante correspondente da regressão da ordem na região da linguagem seja a perda de toda a memória, e portanto de todas as associações corticais até uma certa época anterior, observada ocasionalmente na sequência de um trauma craniano. (Freud, [1891] 1977 p. 57)

E assim Freud encerra sua exposição sobre a avaliação da função do aparelho de linguagem em condições patológicas, tomando por base a formulação jacksoniana referente à *involução funcional*. Concluímos, aqui, nosso relato referente às exigências clínicas presentes na ocasião da composição do manuscrito sobre as afasias, e como se manifestou nesta obra de Freud a influência de John Hughlings Jackson. Resta-nos, ainda, honrar o compromisso firmado nas linhas de abertura do presente tópico: o quão longe pode nos conduzir a contribuição do gigante de Londres? E de que maneira, partindo da contemplação permitida pela altura dos seus ombros, somos lançados de volta ao choque das cosmovisões?

3.2

O Concomitante Dependente – do Hilemorfismo à complementaridade

Anteriormente no presente trabalho, já tratamos da articulação entre a concepção localizacionista radical e a ideia subsequente de um processo psicológico compreendido enquanto não mais que mero epifenômeno do processo fisiológico, mas como uma simples duplicação mecânica deste.⁹³ Garcia-Roza recorda-nos que “a ideia do psicológico como um simples efeito mecânico do fisiológico já havia sido denunciada por Hughlings Jackson” (2004 p. 35). Vejamos:

⁹³ Ver capítulo 2, pp 64-66.

Um método encontrado em classificações que sejam parcialmente anatômicas e fisiológicas e parcialmente psicológicas confunde as questões reais. Estas classificações misturadas conduzem à utilização de expressões tais como a de que a ideia de uma palavra produz um movimento articulatorio, quando na verdade um estado psíquico, uma ‘ideia de palavra’ (ou simplesmente uma palavra) não pode produzir um movimento articulatorio. De qualquer modo, seja qual for a relação entre estados mentais e estados nervosos, tais expressões não são justificáveis em uma investigação médica. [...] Em todos os nossos estudos de enfermidades do sistema nervoso temos de nos precaver contra a falácia de que estados físicos nos centros inferiores transformam-se em estados psíquicos nos centros superiores; que, por exemplo, as vibrações dos nervos sensoriais tornam-se sensações ou que, de um outro modo, uma ideia produz um movimento. (Hughlings Jackson, [1878] 1958 p. 156)⁹⁴

Trata-se de uma passagem da mesma obra consultada por Freud na composição da *Interpretação das afasias* ([1891], 1977). Do alto dos ombros de Jackson, ele afirma ter sido “com grande agudeza” que o colega inglês “preveniui contra tal troca do físico pelo psíquico” ([1891, 1977 p. 31), para logo em seguida reproduzir parte da citação disposta acima.⁹⁵ Partindo destas considerações feitas pelo neurologista britânico, e sob o auxílio de Edelheit (1976), podemos tecer, por fim, uma argumentação capaz de lançar luz definitiva sobre toda nossa malha dissertativa.

Henry Edelheit (1976) é autor do artigo possivelmente mais caro a essa dissertação: *Complementarity as a rule in psychological research: Jackson, Freud and the mind/body problem*. A estrutura da publicação de Edelheit apresenta certos paralelos muito interessantes com o trabalho aqui apresentado. Podemos expor sinteticamente da seguinte forma: no desenvolvimento de sua tese – que é apresentada pelo próprio como sendo “a de que os conceitos da psicologia e da neurofisiologia não podem ser reduzidos aos termos de uma ou da outra” (Edelheit, 1976 p. 23)⁹⁶ –, ele recorre às contribuições de um gigante específico de Freud, John Hughlings Jackson, sendo que nas primeiras linhas de seu trabalho

⁹⁴ No original: “A method which is founded on classifications which are partly anatomical and physiological, and partly psychological, confuses the real issues. These mixed classifications lead to the use of such expressions as that an idea of a word produces an articulatory movement; whereas in fact a psychical state, an ‘idea of a word’ (or simply a word) cannot produce an articulatory movement. On any view whatever as to the relation of mental states and nervous states such expressions are not warrantable in a medical inquiry. [...] In all our studies of the nervous system we must be on our guard against the fallacy that what are physical states in the lower centers fine away into psychical states in higher centers; that, for example, vibrations in the sensory nerves became sensations, or that somehow or another an idea produces a movement.”

⁹⁵ A citação de Hughlings Jackson feita por Freud ([1891] 1977 p. 31 – nota de rodapé) inicia-se no trecho “Em todos os nossos estudos de enfermidades”, indo até o mesmo ponto da nossa.

⁹⁶ No original: “that the concepts of psychology and neurophysiology cannot be reduced to one another’s terms.”

apela ainda às considerações de autores alheios – ao menos diretamente–, à psicologia ou neurofisiologia. Os físicos Niels Bohr e Julius Oppenheimer são convocados à mesa. Com isto, Edelheit (1976) não chega propriamente a denunciar o turbilhão resultante do choque entre as cosmovisões clássica e moderna, que por fim engolfaria a neurologia já nos seus primeiros anos de vida. Não obstante, entendemos que ele, deliberadamente ou não – não nos cabendo aqui inferir – escancara os portões para esta via de raciocínio. Não satisfeito, parece curvar-se para frente, ornamentando-se com vasto cachecol vermelho que da linha do seu pescoço vem deslizando até os nosso pés...

Já nas primeiras linhas de seu artigo, o autor admite que a discussão a que ele se propõe, referente ao problema mente / corpo e à eventual redução dos termos da psicologia à neurofisiologia ou vice-versa, não é novidade. Ainda assim, assegura-nos de que a maneira como o tópico será tratado é, sob certo aspecto, original. A empreitada consistiria basicamente numa tentativa de reconciliação entre uma abordagem contemporânea de cunho monista e perspectivas históricas referentes ao paralelismo psicofísico. A parte que nos interessa: ela seria *sob certo aspecto original* uma vez que, segundo Edelheit (1976), Hughlings Jackson por muito pouco não foi o primeiro a formulá-la.

A total exposição de um objeto na natureza (como a luz, por exemplo) pode requerer duas hipóteses, cada qual construída de tal forma que nenhuma delas possa ser expressa nos termos da outra. Niels Bohr nomeou, a este conceito, complementaridade, e o aplicou à resolução de visões aparentemente contraditórias na física. Ele acreditava que [este conceito] também teria uma significativa aplicação na psicologia. “O reconhecimento da limitação de ideias mecânicas na física atômica” disse ele, “parece se aplicar muito bem visando à conciliação dos pontos de vista aparentemente contrastantes que marcam a fisiologia e psicologia.” A ideia de Bohr foi mais tarde reiterada por Oppenheimer, que adicionou a sugestão específica de que a complementaridade talvez sirva como embasamento para a reafirmação do paralelismo psicofísico. (Edelheit, 1976 p. 23; Bohr, citado por Edelheit)⁹⁷

⁹⁷ No original: “The full exposition of an object in nature (such as *light*) may require two hypotheses, each so constructed that neither one can be expressed in terms of the other. Niels Bohr named this concept *complementarity* and applied it to the resolution of seemingly contradictory views in physics. He believed that it also had a meaningful application in psychology. “The recognition of the limitation of mechanical ideas in atomic physics” he said, “would much rather seem suited to conciliate the apparently contrasting points of view which mark physiology and psychology”. Bohr’s idea was later reiterated by Oppenheimer who added the specific suggestion that complementarity might serve as a framework for the restatement of psycho-physical parallelism.”

O que nos deve despertar interesse nesta passagem é o cuidado do autor na escolha das primeiras palavras: a *total exposição* de *um objeto* na natureza. Veremos que a definição neste sentido é fundamental para a compreensão devida da reconciliação monismo *versus* paralelismo. Todo cuidado, aqui, é pouco, uma vez que voltamos a caminhar sobre terreno sutil. Nossa exposição dar-se-á de modo progressivo, mas visando evitar a todo custo possíveis mal-entendidos, deixemos bem claro desde já: em momento algum Edelheit (1976) assumirá uma postura dualista, e neste sentido nós seguimos seus passos. É possível que, por vezes, seja passada esta impressão, e já veremos a razão disso.

Considerando duas hipóteses complementares, o que é apropriado ao modo do discurso de uma hipótese deve ser mantido conceitualmente isolado do contexto da outra. Especificamente, deve-se evitar a projeção de uma explicação neurofisiológica sobre a exposição de um processo psicológico, ou vice-versa. Em afirmações combinadas, os dois modos de discurso devem ser claramente diferenciados. Quando esta regra não é levada em consideração, a proposição resultante é *neurofisiológica ou psicológica*; mas ela torna-se obscurecida pela inclusão de um modo de discurso inapropriado pertencente à hipótese complementar. Neste sentido, os dois modos complementares de discurso são imiscíveis. “Nem um, nem outro, é compreensível a partir do outro ou redutível a ele.” (Edelheit, 1976 p. 23-24 – o grifo é do autor; Oppenheimer, citado por Edelheit)⁹⁸

Edelheit (1976) desenvolve seu argumento partindo da premissa de que Hughlings Jackson teria sido uma espécie de precursor de Oppenheimer no que diz respeito ao seu campo específico de conhecimento – a neurologia. A *complementaridade* de Oppenheimer apareceria na obra de Hughlings Jackson sob a forma da sua doutrina do *concomitante dependente*. O autor prossegue com a seguinte definição acerca da ideia lançada por Jackson: “ainda que eventos mentais não existam na ausência de eventos paralelos no cérebro, a relação entre estes dois conjuntos de eventos não deve ser compreendida como *causal*” (Edelheit, 1976 p. 24 – o grifo é do autor)⁹⁹. Hughlings Jackson não apenas teria

⁹⁸ No original: “When considering two complementary hypotheses, what is proper to the mode of discourse of one hypothesis is to be kept conceptually isolated from the context of the other. Specifically, one must avoid carrying over a neurophysiological explanation into the exposition of a psychological process, or vice versa. In combined statements the two modes of discourse must be clearly differentiated. When this rule is not observed, the resulting proposition is *either* a neurophysiological *or* a psychological one; but it has become obscured by the inclusion of an inappropriate mode of discourse belonging to the complementary hypothesis. The two complementary modes of discourse are in this sense immiscible: “Neither is comprehensible in the other nor reducible to it.”

⁹⁹ No original: “though mental events do not exist in the absence of parallel events in the brain, the relationship between these two sets of events must not be regarded as *causal*.”

compreendido a aplicação da ideia de complementaridade sobre a neurologia *em princípio*, como, ainda de acordo com Edelheit (1976), estaria seguro acerca do imperativo metodológico referente à distinção entre os dois modos de discurso.

O texto (Edelheit, 1976) prossegue rumo à parte que mais nos interessa: a relação entre Hughlings Jackson e Sigmund Freud. Apontando a ideia do concomitante dependente como originária das pesquisas do neurologista inglês com a afasia, o autor sugere o “argumento plausível” (p. 24)¹⁰⁰ de que o contato com ela possa ter sido crucial para o desenvolvimento da Psicanálise. Em confluência às diretrizes decorrentes do concomitante dependente de Hughlings Jackson, Freud desenvolve a Psicanálise como “uma disciplina independente com sua própria linguagem, conceitos e construções que não eram físico-químicos, tampouco neurofisiológicos” (p. 24).¹⁰¹ Ainda assim, Edelheit (1976) afirma que Freud relutava muito em abandonar a esperança de que por fim fosse possível estabelecer uma relação causal entre corpo e mente. “Ele [Freud] manteve ao longo de toda a sua vida a crença de que maiores avanços no conhecimento (sob a forma de mais e melhor informação *factual*) trariam a conciliação entre a psicologia e as ciências físicas” (p. 24 – o grifo é do autor)¹⁰². Tal esperança, e consequentemente a dificuldade em aceitar *na sua totalidade* a não-conexão causal entre os eventos fisiológicos no sistema nervoso e os seus correspondentes mentais, Henry Edelheit (1976) credits “*a certos padrões de pensamento prevalentes no século XIX (incluindo o comprometimento com ideias mecanicistas de causalidade)*” (p. 23 – o grifo é nosso)¹⁰³. O autor segue adiante, brindando seu leitor com uma coletânea de primorosas passagens retiradas de artigos especializados contemporâneos. Destacamos afirmações como “o trabalho sugere que as experiências cultural e linguística encontram-se trancadas no sistema nervoso” (p. 25)¹⁰⁴ e “abordagens à química da mente” (p. 25)¹⁰⁵, que devem por sua vez ser responsáveis – no sentido próprio de causalidade – pelas

¹⁰⁰ No original: “plausible argument”

¹⁰¹ No original: “an independent discipline with its own language, concepts and constructs that were neither physicochemical nor neurophysiological.”

¹⁰² No original: “He maintained throughout his life the belief the belief that further advances in knowledge (in the form of more and better *factual* information) would bring about a reconciliation between psychology and the physical sciences.”

¹⁰³ No original: “in certain molds of thought that were prevalent in the nineteenth century (including a commitment to mechanistic ideas of causality)”

¹⁰⁴ No original: “This work suggests that cultural and language experiences become locked in the human nervous system.”

¹⁰⁵ No original: “Research approaches to the chemistry of the mind.”

mais incríveis convulsões acrobáticas perpetradas pelos restos mortais de John Hughlings Jackson. Finalmente, uma última passagem do texto de Edelheit (1976, p. 26) que julgamos importante: “A fim de que sejam verdadeiramente *complementares* (no sentido estrito que estou tentando definir) as descrições requeridas devem presumir aplicar-se a uma entidade ou evento unitário.”¹⁰⁶ Esta simples passagem, quando compreendida cuidadosamente, nos resguarda de qualquer possibilidade equivocada no sentido de atribuições de cunho dualista à ideia apresentada.

O que fizemos, até aqui, foi um mapeamento progressivo da contribuição de John Hughlings Jackson a Freud, que, partindo da pesquisa com pacientes afásicos, estende-se até a doutrina da complementaridade, como apontado por Henry Edelheit (1976). Resta-nos, ainda, elucidar um último ponto, como prometido: de que modo exatamente o pai da neurologia britânica remete-nos de volta ao choque de cosmovisões?

A leitura atenta das considerações feitas até aqui referentes ao artigo de Henry Edelheit (1976) certamente evoca à memória muito do que vimos no primeiro capítulo da dissertação, com relação à ascensão do paradigma mecânico no Ocidente. É curioso – e um pouco frustrante – notarmos que, mesmo após deliberar sobre o paralelismo psicofísico, o concomitante dependente e a complementaridade – identificando ainda no comprometimento com ideias mecanicistas de causalidade uma poderosa fonte de resistência a tais doutrinas –, não tenha ocorrido a Edelheit (1976) perguntar-se o que vigorava *antes* do mecanicismo. Diga-se, aqui, que com isto não pretendemos, de modo algum, desmerecer seu trabalho! Pois é justamente a partir da sua contribuição que nos é possível desenvolver o raciocínio a que agora nos propomos. Teria sido Hughlings Jackson um mero *precursor* do que estava por vir a ser proposto em função das ditas contradições internas da mecânica clássica? Seria despropositado, aqui, sugerir o inverso disto? Sugerir que talvez, de modo análogo ao que vimos ocorrer com Brentano, seja mais plausível atribuir ao médico inglês a recuperação de um tesouro perdido que a antevisão de progressos futuros? Dos ombros de Edelheit (1976), tentemos dar o passo seguinte. Ora, se o problema é com o mecanicismo, o que os gigantes do passado têm a nos oferecer como alternativa?

¹⁰⁶ No original: “In order to be truly complementary (in the strict sense which I am trying to define) the descriptions required should be assumed to apply to a unitary entity or event.”

Não pode haver uma ontologia viável que não invoque, de um jeito ou de outro, o paradigma hilemórfico. A ideia mesma de existência corpórea, pode-se dizer, demanda *dois princípios complementares*, que por sua vez não podem senão responder às concepções gêmeas de ‘matéria’ e ‘forma’. E isto explica por que noções correspondentes são encontradas nas grandes ontologias, da China e Índia até a Grécia e antiga Palestina. É certo afirmar que isto é muito mais evidente nos casos da China, Índia e Grécia do que na antiga Palestina. Ainda assim, não se pode negar que a concepção hilemórfica seja, da mesma forma, Bíblica. Mestre Eckhart, para citar um, informou-nos do seguinte fato: “É necessário que se saiba, em primeiro lugar, que ‘matéria’ e ‘forma’ *não são dois tipos de entidades existentes*, mas dois princípios dos seres criados. Este é o significado das palavras ‘No princípio Deus criou o céu e a terra’, a saber, ‘forma’ e ‘matéria’, dois princípios das coisas. (Smith, 2005 p. 76 – o grifo é nosso)¹⁰⁷

Wolfgang Smith, autor de *Quantum enigma: finding the hidden key* (2005), já é nosso conhecido do primeiro capítulo.¹⁰⁸ Este trecho nos é de grande valia por diversos motivos. É importante ressaltar, antes de prosseguirmos, que o autor, tal como Niels Bohr e Julius Oppenheimer, é físico. Ao grifar a passagem da citação referente a *dois princípios complementares*, não somos guiados, pela malícia, a aproveitar uma feliz coincidência de palavras: Bohr e Oppenheimer são citados no livro e, ao abordar a ideia de complementaridade, Smith (2005) refere-se ao mesmo assunto tratado por Edelheit (1976). A menção a Mestre Eckhart visa eliminar qualquer possibilidade de mal-entendido referente a deturpações do sentido verdadeiro do binômio, decorrentes sobretudo de possíveis resquícios de cartesianismo a permear nossa própria visão de mundo pessoal. Não se tratam, aqui, de dois tipos de entidades – ou substâncias distintas –, mas de *princípios dos seres criados*. Permanecemos na esfera da “entidade unitária” estipulada por Edelheit (1976 p. 26) para que conservemos precisos os critérios requeridos para o princípio de complementaridade. Mais ainda: ao respaldar sua afirmação acerca do hilemorfismo no fato de este ter surgido de um modo ou de outro em variadas culturas ao longo dos tempos, Smith (2005) a reforça muito bem. Ou aceitamos que ao menos a proposta é digna de atenção cuidadosa, ou condenamos a vasta

¹⁰⁷ No original: “There can be no viable ontology which does not, in one way or another, invoke the hylomorphic paradigm. The very idea of corporeal existence, one can say, is demanding of two complementary principles, which cannot but answer to the twin conceptions of ‘materia’ and ‘forma’. And this explains why corresponding notions are to be found in the major ontologies, from China and India to Greece and ancient Palestine. This is no doubt far more evident in the case of China, India and Greece than it is in the case of ‘ancient Palestine’. And yet it cannot be denied that hylomorphic conception is likewise Biblical. Meister Eckhart, for one, has apprised us of this fact: ‘One needs first of all to know that ‘matter’ and ‘form’ are not two kinds of existent entities, but two principles of created beings. That is the meaning of the words: ‘In the beginning God created heaven and earth.’ – to wit, ‘form’ and ‘matter’, two principles of things.”

¹⁰⁸ Ver pp. 17-19

comunidade dos mortos à estupidez endêmica – o que é, no mínimo, muito improvável.

Nossa intenção com esta citação referente ao hilemorfismo (Smith, 2005 p. 76) certamente não visa alcançar “soluções” definitivas para o princípio da complementaridade. Vale sempre lembrar que este é *apenas* um manuscrito focado na produção neurológica de Freud, tomando como ponto de partida as contribuições dos mestres da época. O que pretendemos é simplesmente apontar e – por que não dizer? – instigar algumas perguntas. Que um olhar hilemórfico lançado ao mundo desliza como “luva personalizada” sobre a noção de concomitante dependente é inegável. Chamar a articulação entre as duas concepções de *tentadora* é fazer pouca justiça à semelhança gritante. A premissa hilemórfica estipula que o tecido do real apresenta-se forçosamente sob o par forma / matéria, concluindo não ser a realidade, em última análise, material, tampouco formal. É sempre um composto de ambos. A “coisa” seria inteligível em virtude de sua forma, porém existente por conta da matéria. O princípio é praticamente o mesmo encontrado na ideia da concomitância dependente! Edelheit (1976), ao recorrer ao auxílio de Bohr e Oppenheimer e tratar dos impasses mecanicistas, dá todos os indícios de que a qualquer momento explicitará tamanha obviedade, mas assim não o faz.

Da instrução filosófica de John Hughlings Jackson nada nos cabe afirmar, pois isto foge ao nosso recorte. Mas já no que diz respeito a Freud... Ora, é certo dizer que ele estava perfeitamente apto a perceber tal semelhança. O artigo de Jackson sobre os distúrbios da linguagem é publicado em 1878, portanto seja lá em que ponto do intervalo 1878-1891 (este último, ano da publicação da *Interpretação das afasias*) Freud tenha entrado em contato com a obra do neurologista inglês, ele o fez enquanto ex-discípulo de Brentano, e suficientemente familiarizado com a filosofia aristotélica ao ponto de ser capaz de identificar algo tão básico. Isto é irrelevante ao ponto de sequer ser mencionado? Julgamos que não. Sobretudo quando se credita grande importância da doutrina da concomitância dependente – e suas implicações metodológicas – para o desenvolvimento da teoria psicanalítica enquanto disciplina independente, tal como o faz Edelheit (1976).

Não nos cabe, aqui, discorrer sobre as eventuais *crenças* ou expectativas de Freud. Fazê-lo, sobretudo, considerando toda a sua extensão biográfica,

ultrapassaria demasiadamente as fronteiras que demarcamos de antemão para a composição desse trabalho. Ainda assim, é instigadora a meditação sobre as implicações de uma reconciliação da psicologia com as ciências físicas, tendo em vista o que aqui foi exposto. O que podemos afirmar (e assim o fazemos) é que, no que diz respeito aos gigantes por ele selecionados no decorrer de sua carreira neurológica – e aqui conferimos uma ênfase especial para a contribuição de John Hughlings Jackson –, faz-se difícil imaginar um julgamento que tivesse sido mais prudente.

Considerações finais

Muito satisfatório seria, uma vez que nos aproximamos do final de nossa jornada, promover uma *articulação global*, por assim dizer, capaz de encadear alguns dos pontos centrais apontados ao longo da presente composição, conferindo-lhe, assim, um sentido amplo. Como poderíamos, partindo da obra de Freud, reunir as contribuições de Franz Brentano e John Hughlings Jackson, compreendidas à luz do choque das cosmovisões? Ora, façamos jus à expressão presente no título do trabalho. Subir nos ombros de *gigantes* – no plural – diz respeito, certamente, à continuidade original, tal como já tratado. Mas presume-se ainda a comunhão das perspectivas *na pessoa* daquele que desempenha o esforço da escalada, e que ao final dela assimila os merecidos frutos.

Primeiramente, faz-se necessária uma demarcação referencial visando organizar a articulação à qual aqui nos propomos. Leia-se: o que pretendemos integrar da herança de cada gigante? Do legado de Franz Brentano selecionamos a noção de representação, a doutrina da intencionalidade e a decorrente possibilidade de identificação dos fenômenos estritamente psíquicos. Da parte de John Hughlings Jackson, temos à nossa disposição a hipótese funcional – aplicada por Freud ao aparelho de linguagem – e sua doutrina do concomitante dependente. A intenção declarada: não apenas procurar integrar estes tópicos, mas fazê-lo justificando o apelo às cosmovisões, o que permeou o presente trabalho em toda sua extensão.

Sabemos que, de acordo com o neoescolástico, as representações são unidades básicas do funcionamento *mental*, sendo este caracterizado pela intencionalidade que lhe é exclusivamente própria. Ainda que não afirmada explicitamente, infere-se – da fidelidade de Brentano para com Aristóteles e os escolásticos medievais – que tratar dos fenômenos *estritamente* psicológicos não implica de modo algum na sua – digamos – *independência ontológica*. Do fato de que seja possível identificar em fenômenos psíquicos algo não encontrado em fenômenos físicos, e portanto os diferenciando, *não se conclui* de modo algum a possibilidade de manifestação psíquica na ausência de um correlato físico. Isto já nos foi devidamente esclarecido em passagem prévia, quando através de Garcia-

Roza (2004)¹⁰⁹ afirmamos que Freud segue os passos de Brentano recusando uma ordenação serial entre fisiologia e psicologia. Neste caso, ele o faz tomando por base de argumentação a noção de representação tal como foi tratada em nosso segundo capítulo: Freud recusa o conceito então vigente de impressão, afirmando que a modificação na célula nervosa central, decorrente, em última análise, da excitação sensorial, é um mero *correspondente fisiológico* da representação. “A localização de uma representação não significa mais que a localização de seu correspondente” (Freud, [1891] 1977 p. 32). A crítica aqui, erguida a partir do que Brentano entende como sendo *as unidades básicas do funcionamento mental*, refere-se ao que Freud denomina por “salto”, ou, ainda, “mudança de perspectiva científica” (p. 31) completamente despropositada. O disparate já havia sido, contudo, denunciado por John Hughlings Jackson ([1878], 1958) ao apontar enorme confusão decorrente de classificações “parcialmente anatômicas e fisiológicas e parcialmente psicológicas”, razão pela qual Freud elogiou-lhe a agudeza de não trocar o físico pelo psíquico.

O que nos interessa, aqui, é a articulação possível – vislumbrada a partir da obra de Freud – das contribuições de Jackson e Brentano. Ora, é sem dúvida muito louvável a advertência no sentido de se evitar tão descabida transposição. Convenhamos, no entanto, que para que tal advertência renda os frutos devidos é necessário que *antes* tenhamos ao nosso alcance os meios adequados capazes de promover a distinção entre os referidos âmbitos fenomênicos. Justifica-se, portanto, a atenção significativa conferida por Freud ao conceito de representação na passagem acima citada do seu manuscrito. É precisamente neste ponto do texto que o jovem médico recorre ao auxílio da filosofia.

Através do artigo de Henry Edelheit (1976) é que temos a chance de compreender melhor as consequências de uma negligência no sentido de tal troca do físico pelo psíquico. Vimos, em nosso terceiro capítulo, o autor afirmar que de tal troca decorrem proposições neurofisiológicas *ou* psicológicas, obscurecidas pela inclusão de um modo de discurso inapropriado, uma vez que se originam da hipótese complementar. E aqui nos é permitida mais uma articulação bastante interessante. Seria despropositado referirmo-nos às ditas proposições obscurecidas pela inclusão de um modo de discurso alheio enquanto “conceitos híbridos”?

¹⁰⁹ Ver p. 58

Assim não nos parece. E não coincidentemente, Wolfgang Smith (2005) recorre precisamente a essa denominação com o intuito de ilustrar a deturpação ontológica do conceito de *matéria* na passagem do período escolástico para o moderno.¹¹⁰ Neste caso, de acordo com o professor Smith, a concepção de matéria newtoniana teria resultado de uma espécie de enxerto, ou – digamos – de uma sobreposição grosseira dos sentidos originais de *forma* e *matéria*: um híbrido confuso, nas suas palavras. Talvez tenhamos diante de nós uma via promissora, capaz de elucidar, por sua vez, as origens remotas de um paradigma fadado a subjugar o domínio do psicológico à condição de mero apêndice mecânico, um epifenômeno do fisiológico.

Podemos mesmo sugerir, não sem uma saudável dose de ousadia, que a originalidade trazida por Freud para o campo da neurologia em grande parte implica não tanto na introdução de formidáveis novidades, mas na *atualização* de alguns tesouros “perdidos”. Tomemos por exemplo as implicações da hipótese funcional, sobretudo no que diz respeito à “natureza da relação entre a estrutura do cérebro e o seu modo de funcionamento” (Garcia-Roza, 2004 p. 24). Deparamos-nos com o aspecto *solidário* referente a um aparelho de linguagem que tende a *reagir como um todo*, aspecto este que, por sua vez, parece remeter-nos sem grandes dificuldades à *concepção orgânica clássica* de Natureza, tal como descrita em nosso primeiro capítulo. Em oposição à *concepção mecanicista moderna*, a concepção orgânica caracteriza-se pela atividade imanente de forma e finalidade, internalidade de relação dentre as suas “partes” distintas e, conseqüentemente, por uma totalidade do organismo distinta da soma de todas as suas partes. Há ainda as semelhanças estruturais presentes entre a as doutrinas hilemórfica e da concomitância dependente, já abordadas no terceiro capítulo, e acerca das quais não nos resta aqui muito a dizer, mas que seguem em convergência plena com a sugestão sobre a *atualização de certos tesouros perdidos*.

Foi tendo em vista esta (na mais branda das hipóteses) leitura possível da incursão de Freud na neurologia, que julgamos pertinente compor o trabalho da maneira como fizemos. Do “nível do mar”, por assim dizer, jamais será possível apreender satisfatoriamente as nuances de uma obra cujos alicerces já se

¹¹⁰ Ver citação da p. 17

encontram, em função dos gigantes, tão elevados. O assunto não se limita absolutamente ao mero interesse histórico. Quem quer que, visando o futuro, recuse os ombros dos gigantes do passado, estará fadado – e isto no mais formidável dos cenários – a reinventar a roda.

Referências bibliográficas

AMACHER, P. (1965). Freud's neurological education and its influence on psychoanalytic theory. *Psychological Issues*. v. IV n° 4 monograph 14. New York: International Universities Press

ARISTÓTELES (2002). *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola

ASHWAL, S. (1990). *The founders of child neurology*. San Francisco: Norman Publishing

BARCLAY, J.R. (1964). Franz Brentano and Sigmund Freud. *Journal of Existentialism*. n° 5, pp. 1-36

BEUCHOT, M. (1998). Aristóteles y la escolástica en Freud a través de Brentano. *Espíritu*. v. 47 n° 118 pp. 161-168

BOUSQUET, A. (2009). *The scientific way of warfare: order and chaos on the battlefields of modernity*. New York: Columbia Press University

BRENTANO, F. (1995). *Psychology from an empirical standpoint*. London: Routledge

BULFINCH, T. (1967). *Bulfinch's Mythology – The Age of Fable / The Legends of Charlemagne / The Age of Chivalry – A modern abridgment by Edmund Fuller*. New York: Dell Publishing

CANGUILHEM, G. (2006). O Cérebro e o pensamento. *Natureza Humana*. vol. 8, n° 1, pp. 183-210. São Paulo

COHEN, A. (2000). The origins of Freud's theory of the unconscious: a philosophical link. *Psychoanalytische Perspectieven*. n° 41-42

_____ (2002). Franz Brentano: Freud's philosophical mentor. *The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*. London: Karnac Books

CRITCHLEY, M. & CRITCHLEY, E.A. (1998). *John Hughlings Jackson: father of British neurology*. New York: Oxford University Press

EDELHEIT, H. (1976). Complementarity as a rule in psychological research: Jackson, Freud and the mind / body problem. *The International Journal of Psychoanalysis*. v. 57 n° 23 pp. 23-29

EILING, P. (1994). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company

FERRATER MORA, J. (2000). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola

FREUD, S. ([1871-1881] 1995). *Cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein 1871 – 1881*. Rio de Janeiro: Imago

_____ (1884). A new histological method for the study of nerve-tracts in the brain and spinal chord. *Brain: a journal of neurology*. v. 7 pp. 86-88

_____ ([1891] 1977). *A Interpretação das Afasias*. Lisboa: Edições 70

_____ ([1892-1894] 1987). Prefácio e notas de rodapé à tradução das conferências das terças-feiras, de Charcot. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago

_____ ([1893a] 1981). Charcot. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tomo 1. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva

_____ ([1893b] 1987). Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago

_____ ([1895] 1987). Projeto para uma psicologia científica. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago

_____ ([1897] 1968). *Infantile cerebral paralysis*. Coral Gables: University of Miami Press

_____ ([1925] 1987). A Negativa. *Edição Standard das Obras Brasileiras de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago

_____ (1952). *Sigmund Freud: an autobiographical study*. New York: Norton & Company

_____ (1960). *The letters of Sigmund Freud*. New York: Basic Books

GALBIS-REIG, D. (2004). Sigmund Freud, M.D.: Forgotten contributions to neurology, neuropathology and anesthesia. *The internet journal of neurology*. v. 3 n° 1.

GARCIA-ROZA, L.A. (1991). *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____ (2004). *Introdução à metapsicologia freudiana v. 1. Sobre as afasias. O projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GEERARDYN, F. & VIVJER, G. (2002). *The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*. London: Karnac Books

- GELFAND, T. & KERR, J. (1992). *Freud and the history of psychoanalysis*. London: Routledge
- GOETZ, C., BONDUELLE, M. & GELFAND, T. (1995). *Charcot: constructing neurology*. New York: Oxford University Press, USA
- JACKSON, J.H. ([1878] 1958). On affections of speech from disease of the brain. *Selected writings of John Hughlings Jackson*. v. 2. New York: Basic Books
- JONES, E. (1975). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- KALTENBECK, F. (2002). On Freud's Encounter with Brentano. *The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*. London: Karnac Books
- KAPLAN-SOLMS, K. & SOLMS, M. (2005). *Estudos clínicos em neuro-psicanálise*. São Paulo: Lemos Editorial & Gráficos Ltda
- LINDENFELD, D.F. (1980). *The transformation of positivism: Alexius Meinong and European thought, 1880-1920*. Berkeley: University of California Press
- McALISTER, L. (1976). *The philosophy of Brentano*. London: Duckworth
- _____ (2004). Brentano's epistemology. *The Cambridge companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press
- MERLAN, P. (1945). Brentano and Freud. *Journal of the History of Ideas*. v. 6. n° 3 pp. 375-377. Philadelphia: University of Pennsylvania Press
- _____ (1949). Brentano and Freud – a sequel. *Journal of the History of Ideas*. v. 10 p. 451. Philadelphia: University of Pennsylvania Press
- MOLNAR, M. (2002). John Stuart Mill translated by Sigmund Freud. *The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*. London: Karnac Books
- RIZZUTO, A.M. (1993). Freud's speech apparatus and spontaneous speech. *The International Journal of Psychoanalysis*. v. 74 pp. 113-127
- SALISBURY, J. ([1159] 1955). *The metalogicon of John Salisbury*. Berkeley: University of California Press
- SCHINDLER, D.L. (1986). *Beyond Mechanism: The Universe in Recent Physics and Catholic Thought*. Maryland: University Press of America
- SMITH, W. (2005). *The quantum enigma: finding the hidden key*. New York: Sophia Perennis
- SULLOWAY, F. (1992). *Freud, biologist of the mind: beyond the psychoanalytic legend*. Cambridge: Harvard University Press